

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Yasmin Klein

A cidade como lugar: a Rua São Bento no contexto da vida cotidiana paulistana - Ontem e hoje.

Mestrado em Ciências Sociais

São Paulo

2021

Yasmin Klein

A cidade como lugar: a Rua São Bento no contexto da vida cotidiana paulistana - Ontem e hoje.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestra no Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais, sob a orientação da Profa. Dra. Maura Pardini Bicudo Vêras.

São Paulo

2021

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com o apoio técnico e financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Aos meus pais, pelo amor
incondicional e confiança de sempre.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por todo o suporte emocional e financeiro ao longo de toda a minha vida escolar e acadêmica e por todo o amor que há neste mundo.

Ao meu pai, por todo o carinho e amor ao longo destes anos e pela parceria construída, pelas caminhadas no centro da cidade, conversas e pelo conhecimento.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maura Pardini Bicudo Vêras, pela parceria ao longo de todo o processo do mestrado, pelo suporte e atenção em meio aos contratempos dos últimos anos, pela extrema prioridade na fase final desta pesquisa e pelas contribuições e revisão do texto.

À Profa. Dra. Matilde M. A. Melo, pelas riquíssimas contribuições na ocasião do exame de qualificação e também por toda a orientação durante a época do bacharelado e do meu trabalho de conclusão de curso.

À Profa. Dra. Bader B. Sawaia, pelas contribuições na ocasião do exame de qualificação.

À Profa. Dra. Marisa do E. S. Borin pelas contribuições e atenção durante o cumprimento dos créditos do mestrado.

À Profa. Dra. Regina Helena Vieira Santos, pela conversa, pela atenção e pelas riquíssimas contribuições à minha pesquisa.

Ao Prof. Dr. Roberto Coelho, pelas aulas de história da cidade de São Paulo.

Ao meu companheiro Pedro, por toda a parceria, suporte e amor ao longo dos últimos meses.

Ao meu amigo Gabriel, por literalmente me emprestar sua casa vazia para que eu pudesse escrever em silêncio, por me auxiliar sempre com questões burocráticas e pela enorme ajuda na organização desta dissertação.

Ao meu amigo Marcelo, pela amizade, carinho, atenção e parceria de sempre.

Ao meu amigo Rafael, pela amizade dos últimos anos, por me apresentar Murray Schafer e por produzir um retrato da paisagem sonora da Rua São Bento do início do século XX originalmente para minha dissertação.

À minha amiga Daniella, pela amizade e parceria desde os tempos do bacharelado e pela atenção e paciência comigo nos últimos meses.

Ao meu amigo Luiz, pela amizade construída ao longo dos últimos anos e pelo companheirismo.

Aos meus amigos já mestres, Felipe e Luís, por toda a paciência ao longo dos últimos meses, por sanarem minhas dúvidas e contribuírem de forma significativa para o andamento da minha dissertação.

A todas e a todos, muito obrigada! Vocês foram fundamentais para o desenvolvimento e conclusão desta dissertação de mestrado.

Ruas do meu São Paulo,

Onde está o amor vivo,

Onde está?

Caminhos da cidade,

Corro em busca do amigo,

Onde está?

Ruas do meu São Paulo,

Amor maior que o cibo,

Onde está?

Caminhos da cidade,

Resposta ao meu pedido,

Onde está?

Ruas do meu São Paulo,

A culpa do insofrido,

Onde está?

Há-de estar no passado,

Nos séculos malditos,

Aí está.

(Mário de Andrade)

KLEIN, Yasmin. **A cidade como lugar: a Rua São Bento no contexto da vida cotidiana paulistana – Ontem e hoje**. 2021. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, São Paulo.

RESUMO

A cidade de São Paulo vivenciou ao longo das últimas décadas transformações decorrentes de processos históricos iniciados principalmente a partir da segunda metade do século XIX. Compreender a São Paulo de hoje implica em, além de absorver os acontecimentos do último século, refletir sobre sua história desde seus primeiros anos de vida, ainda no século XVI. O local de sua fundação, ainda como povoado, concentra-se na região que hoje passou a ser conhecida como Centro Velho da cidade, compreendida pelo distrito da Sé. A presente pesquisa, de caráter etnográfico, buscou analisar as transformações que ocorreram na cidade a partir de uma de suas primeiras ruas, a Rua São Bento, que se torna uma forma reveladora de conceber a vida cotidiana. O espaço da rua configura-se não apenas como uma via destinada à passagem, mas também como uma mediação, uma síntese da vida da cidade. Enquanto uma das primeiras ruas da cidade, passou também pelas primeiras formas de desenvolvimento e transformação, sofrendo mutações em sua própria história, de um dos vértices do triângulo imaginário no qual a cidade concentrou-se por muitos anos, ponto de ligação entre o Mosteiro de São Bento e a Igreja de São Francisco de Assis, a importante centralidade metropolitana. Como rua, a São Bento configura-se como lugar de passagem, sede de atividades terciárias, como comércio e serviços, mas igualmente como lugar identitário, relacional e histórico, um “lugar antropológico” e como um “lugar de memória”, existindo ainda hoje como uma região na centralidade tradicional da cidade ainda observando processos de transformação em sua própria história e entorno. Assim como a cidade de São Paulo, lugar de encontro e reprodução da vida social, a Rua São Bento também configura-se como produto dela mesma.

Palavras-chave: Rua São Bento; São Paulo; Centro Velho; vida cotidiana.

KLEIN, Yasmin. **A cidade como lugar: a Rua São Bento no contexto da vida cotidiana paulistana – Ontem e hoje** (English: “The city as a locale: São Bento street in the context of everyday life in the city of São Paulo, yesterday and today”). 2021. Dissertation (Master's degree) - Pontifical Catholic University of São Paulo - PUC-SP, São Paulo.

ABSTRACT

Over the past decades, the city of São Paulo has experienced transformations connected with historic processes initiated primarily in the second half of the 19th century. Understanding São Paulo today requires, in addition to grasping the events of the last century, reflecting on its history since its first years, in the 16th century. Its very birthplace, when it was still a village, today concentrates the region known as the Old City Center, administratively defined as the Sé district. This ethnographic research sought to analyze the transformations that took place in the city starting with one of its first roads, São Bento street, which provides an insightful look into the way life in the city takes shape. The space of the street is configured not only as a passage but also as a mediation, a synthesis of life in the city. As one of the first roads in town, it also experienced the most rudimentary forms of development and transformation, enduring mutations in its own history, going from being one of the vertices in the imaginary triangle within which the city was concentrated for many years, between the São Bento Monastery and the Church of São Francisco de Assis to an important metropolitan centrality. As a street, São Bento is indeed a passage, where tertiary economic activity takes place, such as commerce and services, but it is also a locale which is embedded in identity, relations, and history. It is in fact an “anthropological locale” and a “place of memory,” and while it still exists as a region in the traditional centrality of the city, it still observes transformation processes in its own history and surroundings. Not unlike the city of São Paulo, a locale which concentrates and amplifies social life, so does São Bento street is a product of itself.

Keywords: São Bento Street; São Paulo; Old City Center; urban life.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Rua São Bento.	30
Imagem 2: Vista da região central da cidade	35
Imagem 3: Xilogravura realizada a partir de fotografias da autora da Rua São Bento e seu entorno	48
Imagem 4: Fachada meio a meio na Rua São Bento.....	50
Imagem 5: Vista da rua em direção ao Mosteiro de São Bento, a partir da intersecção com a Praça do Patriarca.....	50
Imagem 6: Fim de ano e fim de expediente na São Bento.....	51
Imagem 7: Saídas da estação São Bento do Metrô da Linha 1-Azul	53
Imagem 8: Uma das intersecções da Rua São Bento: Praça do Patriarca	55
Imagem 9: Transeunte e não transeunte na Rua São Bento	56
Imagem 10: Inauguração do Viaduto do Chá em 1892	57
Imagem 11: Theatro Municipal	58
Imagem 12: Área urbanizada da cidade de São Paulo entre 1881 e 1914	62
Imagem 13: Área urbanizada da cidade até 1949 e a partir de 1950 e até 1962... ..	63
Imagem 14: Mosteiro de São Bento	68
Imagem 15: Área dos três vértices do triângulo imaginário da região central de São Paulo	69
Imagem 16: Largo de São Bento e Viaduto Santa Ifigênia.....	71
Imagem 17: Anúncios de sessões de cinema e concertos musicais com destaque para o Cine São Bento e Odeon	76

Imagem 18: Seleção de cinemas de rua no centro da cidade entre 1907 e 1957..	77
Imagem 19: Anúncio de inauguração do Cine São Bento	79
Imagem 20: Cine São Bento	81
Imagem 21: Edifício do antigo Cine São Bento, hoje com três estabelecimentos comerciais	82
Imagem 22: Skatistas no Viaduto Santa Ifigênia	86
Imagem 23: Edição da “Dominação – A Batalha”	87
Imagem 24: Sacadas dos edifícios da São Bento	91
Imagem 25: Botica Ao Veado d’Ouro na Rua São Bento	94
Imagem 26: Ótica Green, sediada no antigo edifício da Casa Fretin	95
Imagem 27: Viaduto do Chá.....	97
Imagem 28: Comércio na Rua São Bento	99
Imagem 29: Painel do Pátio Metrô São Bento, afixado na Estação São Bento	100
Imagem 30: Imóvel para alugar na Rua São Bento.....	101
Imagem 31: Multidão cerca o primeiro bonde a circular durante a inauguração da linha Barra Funda–São Bento ao longo da Alameda Barão de Limeira	103
Imagem 32: Obras de assentamento de trilhos no cruzamento da Rua São Bento	104
Imagem 33: O antigo “Quatro Cantos”	105
Imagem 34: Filas em pontos de ônibus no Vale do Anhangabaú	108
Imagem 35: Estação São Bento: início das obras.....	109
Imagem 36: Estação São Bento	110
Imagem 37: Xadrez no Largo São Bento	116

Imagem 38: Mapa editado da gestão urbana da cidade de São Paulo para a requalificação dos calçadões centrais	119
Imagem 39: Um papo entre uma entrega e outra.....	120
Imagem 40: Planta: uso do solo da Rua São Bento	129
Imagem 41: Edifícios: Martinelli, Altino Arantes e Banco do Brasil	131
Imagem 42: Viaduto do Chá.....	132
Imagem 43: Jardins do Parque do Anhangabaú	133
Imagem 44: Viaduto do Chá.....	134
Imagem 45: Manifestação no Vale do Anhangabaú: Diretas Já	135
Imagem 46: Obras no Vale do Anhangabaú	140
Imagem 47: Obras quase prontas	141

LISTA DE ÁUDIOS

Áudio 1: Peça radiofônica - Mosteiro dentro e fora, paisagem sonora	125
Áudio 2: Retrato - Dia comum na Rua São Bento em 1902	126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – O QUE A VISTA NÃO ABARCA MAIS: A MESMA SÃO PAULO JÁ NÃO É MAIS A DE ANTES	25
1.1 - Nem sempre foi cidade: o centro histórico como ponto de partida da São Paulo do século XIX.....	25
1.2 - São Paulo tem história: expansão e a metrópole moderna	29
1.3 - Um lugar chamado São Paulo	38
CAPÍTULO 2 – UM DOS LADOS DO TRIÂNGULO: A RUA SÃO BENTO DENTRO DA HISTÓRIA DA CIDADE DE SÃO PAULO	47
2.1 - A cidade fica aqui: O Centro Velho como a antítese entre a São Paulo de ontem e de hoje	47
2.2 - Religiosidade, cultura e comércio: o conjunto que espelha a vida cotidiana do centro da cidade	65
2.2.1 - Religiosidade:	66
2.2.2 - Cultura:	74
2.2.3: Comércio:.....	89
2.3 - O bonde passou: a rua como reflexo das transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo	103
CAPÍTULO 3 – CIDADE DE PEDESTRES: A RUA COMO UM LUGAR PARA PESSOAS	113
3.1 - Espaço: passagem, interação e permanência.....	113
3.2 - Usos e abusos: São Bento e seus sons, usos e construções	123
3.3 - O centro é vivo, viva o centro!	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	149

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de mestrado surgiu como inspiração pouco tempo depois da entrega e apresentação do meu trabalho de conclusão no curso de bacharelado em ciências sociais nesta mesma universidade no ano de 2016. O tema da pesquisa naquela ocasião tratava sobre aproximação e distanciamento social na cidade de São Paulo, tendo como foco de análise áreas periféricas, centrais e de maior poder aquisitivo. O trabalho todo contou com fotografias autorais, não somente de maneira ilustrativa, mas como ferramentas de análise da vida social paulistana.

Dentre as áreas analisadas, sempre houve interesse maior pela região central da cidade e por este motivo decidi estudá-la no mestrado, com o intuito de explorar as relações sociais e espaciais que ali se dão.

Em um primeiro momento, a região central me remete a memórias vividas na minha infância, nas voltas da escola. O centro da cidade era um ponto de parada, entre a escola e a minha casa, quando meus pais me buscavam e precisavam parar para fazer entregas na região da 25 de Março. Também naquela época, para mim a região central era sinônimo de atividade religiosa, como frequentar a sinagoga, no bairro do Bom Retiro.

Com o passar do tempo, entre os últimos anos do ensino médio e primeiros anos da graduação, passei a frequentar a região central da cidade, sobretudo os arredores da São Bento, semanalmente e já no final da graduação até hoje, em alguns momentos diariamente.

Passei a aprender muito sobre a região com meu pai, imigrante romeno que chegou ao Brasil na época em que a cidade contou com grande fluxo migratório, em meio a andanças e cafés tomados no Café Girondino, onde sempre senti o conforto de estar em uma São Paulo de outra época. Com ele, também aprendi a chamar a região da São Bento de “cidade”, que é a forma como se referiam à região quando ele era ainda mais novo do que eu.

Dessa forma, tive o ímpeto de conhecer, narrar e traçar panoramas de uma São Paulo que eu não cheguei a conhecer, que havia nascido bem perto de onde eu costumava caminhar quase que diariamente. A cidade de São Paulo e seu Centro Velho, histórico, região compreendida pelo distrito da Sé, se transformaram desde a época de sua fundação, este último desenvolvendo diferentes papéis e contemplando cenários dentro do cotidiano da cidade. Ora este centro representou a semente que deu origem a esta imensidão que é a São Paulo de hoje, em termos geográficos e populacionais, ora este mesmo centro representou a efervescência da São Paulo moderna que estava crescendo e se desenvolvendo ao atingir o século XX.

A cidade de São Paulo, assim como todas as outras cidades existentes, passam por processos históricos, períodos de desenvolvimento e explosões demográficas, por exemplo. O modo como a vemos hoje, fruto de seu passado histórico, compreende o entendimento sobre a mesma enquanto um lugar:

Michel de Certeau vê no lugar, qualquer que seja ele, a ordem “segundo a qual elementos são distribuídos em relações de coexistência” e, se ele exclui que duas coisas ocupam o mesmo “espaço”, admite que cada elemento do lugar esteja do lado dos outros, num “local” próprio, define o “lugar” como uma “configuração instantânea de posições” (p.173), o que equivale dizer que, num mesmo lugar, podem coexistir elementos distintos e singulares, sem dúvida, mas sobre os quais não se proíbe pensar nem as relações nem a identidade partilhada que lhes confere a ocupação do lugar comum. (CERTEAU apud AUGÉ, 2012: 53).

De qualquer forma, ainda que sua configuração tenha se transformado ao longo do tempo, a partir do momento de sua constituição, ainda como vilarejo e da reunião de pessoas para sua fundação, São Paulo já passava a constituir-se como lugar. Nesse sentido, o centro histórico da cidade revela um passado não tão distante, seja por sua arquitetura, marcos históricos, ruas e memória.

Mas por que estudar uma rua? Questionamento bastante recorrente feito por diversos amigos e conhecidos desde antes do início desta pesquisa é semelhante ao

que perguntam aos pesquisadores que estudam pinturas¹, como por exemplo, “por que estudar um quadro? Mas apenas um?”. Pois bem, o estudo de obras de arte ou álbuns musicais, comumente analisados por museólogos e historiadores, explora uma série de particularidades e especificidades que contribuem de forma significativa e detalhada para as áreas de pesquisa onde estão inseridos.

Estudar uma rua não é diferente. Podemos entender a rua como um espaço geograficamente delimitado, uma via destinada à passagem, seja de automóveis ou de indivíduos. Mas também podemos utilizar este espaço para conceber a rua como um espaço a ser descrito (FREHSE, 2016: 200). Ainda de acordo com Frehse, “o sociólogo assume, além de situações, biografias definidas e acontecimentos, espaços como a rua como mediações reveladoras de processos históricos mais abrangentes” (FREHSE, 2011: 31), como é o caso da Rua São Bento em relação a cidade de São Paulo. Ainda é possível relacionar, por meio da realidade de outros lugares, a potencialidade do espaço da rua enquanto reveladora da vida social:

Já em relação à França urbana da mesma época², se a “cidade” equivaleria a ruas e praças, edifícios e monumentos, quando o assunto é em particular a “vida moderna”, a rua aparece como o seu “microcosmo”, uma vez que é lugar de passagem, de circulação e comunicação. (FREHSE, 2011: 26).

Enquanto um “microcosmo” da cidade de São Paulo, a Rua São Bento configura-se também como um lugar identitário, relacional e histórico (AUGÉ, 2012: 52) e além disso, como um “lugar de memória” e permeado pela história, sobretudo por seu contexto e nome, que vem através do Mosteiro de São Bento, inaugurado no final do século XVI no Largo de mesmo nome:

¹ Discussão realizada na data de apresentação das dissertações de mestrado de Michelli Cristine Scapol Monteiro e Eduardo Polidori Villa Nova de Oliveira sobre as telas de Oscar Pereira da Silva, “Fundação de São Paulo” (1907) e de Benedito Calixto, “Fundação de São Vicente” (1900), apresentadas em 25/01/2019 no Auditório do Museu do Ipiranga.

² A autora faz referência a década de 1960.

É preciso acrescentar que uma dimensão histórica mínima sempre foi imposta ao espaço urbano e aldeias francesas pelo uso dos nomes de rua. Ruas e praças foram antigamente ocasião de comemorações. Certamente, é tradição que alguns monumentos, ao termo de um efeito de redundância que tem, aliás, um certo encanto, forneçam um nome às ruas que a eles conduzem ou às praças onde foram edificadas. (AUGÉ, 2012: 65-66).

É a partir desse “microcosmo” e do olhar atento ao cotidiano que se torna possível investigar o que se passa na rua e em seu entorno e, o que estas descobertas podem nos contar sobre a revelação da vida social de ontem e hoje.

De Certeau (1998), reflete sobre as condições de “cada um” e “ninguém” e rememora Freud ao retomar o conceito de homem ordinário, que seria o homem comum. A rua é o espaço de “todo o mundo”, um lugar-comum, englobando atores dos mais diversos que se reúnem em determinado curso de espaço com objetivos distintos, fazendo com que a passagem pela rua seja, muitas vezes, um ponto em comum.

Analisar o desenvolvimento e transformações ocorridos ao longo das décadas na cidade de São Paulo, a partir do estudo de uma rua, se torna um meio de, a partir de determinado recorte geográfico e social, estabelecer hipóteses quanto às mudanças sentidas no cotidiano. Entender de que forma e por que a cidade se alterou, ou seja, de que forma expandiu-se seu centro, atividades se deslocaram e públicos se alteraram nos dá margem para firmar um entendimento acerca da realidade da cidade ao longo do último século e últimas décadas.

A Rua São Bento foi a escolhida para ser o objeto principal desta pesquisa, pois é uma das mais antigas ruas da cidade, tendo acompanhado seu desenvolvimento desde seus anos iniciais. Dessa forma, a rua passou, junto com a cidade, por diversos tipos de transformação, denunciando assim, aspectos da expansão e desenvolvimento de São Paulo.

Como uma das primeiras ruas da cidade, contou com parte das primeiras residências, igrejas, estabelecimentos comerciais e primeira linha de bonde, ainda no

final do século XIX. Junto às ruas Direita e XV de Novembro, configurou-se como a principal região de comércio e consumo das elites, o “Triângulo Históico”, até expandir-se para a região do Centro Novo, compreendida pelo distrito da República, no início do século XX.

Desde então, vivenciou em sua região uma série de transformações, como a mudança do comércio de elite para o comércio popular, mudanças em relação a cultura, substituição dos bondes pelos ônibus, restrição de sua via e outras tantas da região a circulação de automóveis, construção e destruição de praças e vales, deslocamento de parte das atividades da região para a região da Avenida Paulista, entre outras.

O deslocamento de parte das atividades antes desempenhadas principalmente na região central, compreendida pelo Centro Velho e Centro Novo, rumo a Avenida Paulista, a partir de 1960, e a criação de dois centros a partir de então, a região central tradicional da cidade e o “Centro Paulista”, faz com que tenhamos que empregar nesta pesquisa também eventos que afetaram espaços da região do Centro Novo, uma vez que entende-se a São Bento como um campo de análise central que se expande em termos analíticos.

Esta pesquisa compreende quatro grandes temporalidades, a primeira englobando o período da fundação da Vila de São Paulo de Piratininga, em 1554, até 1711, quando São Paulo é elevada à cidade.

A segunda temporalidade compreende o século XIX, período muito significativo para o início do desenvolvimento e expansão da cidade, através do qual pudemos absorver aspectos relevantes acerca da organização social da época, até o século XX, década de 1950, que configura o início da explosão demográfica de São Paulo, contando com grande processo migratório na virada da década de 1940 para a década de 1950.

A terceira temporalidade empregada nesta pesquisa, compreende o período entre a década de 1950, onde São Paulo passa a crescer cada vez em termos populacionais e a região da Avenida Paulista começa a destacar-se, com a inauguração do Conjunto Nacional, em 1956, até 1975, quando a Estação São Bento

do Metrô é inaugurada, transformando a dinâmica de circulação da região do Centro Velho.

A quarta e última temporalidade desta pesquisa, concentra-se no período entre a inauguração da Estação São Bento do Metrô, em 1975, até os dias atuais, onde podemos perceber novamente transformações no ambiente construído do centro da cidade e em sua dinâmica organizacional.

A metodologia empregada nesta pesquisa é de base etnográfica, sendo assim, a sociologia do cotidiano caminha em busca de significantes e é nesta sociologia que atua como *flâneur*³ da vida cotidiana, buscando passear pelas ruas e observar a vida social, que esta pesquisa se repousa:

Concebo a etnografia antes de tudo como maneira específica de conhecer a vida social. Sua peculiaridade: sua fundamentação existencial numa impregnação profunda, no pesquisador (em seu corpo e sua alma, em sua inteligência e sensibilidade), da imprescindibilidade da busca por aquilo que Eduardo Viveiros de Castro denominou “diálogo para valer” com o outro, sendo o conhecimento forjado justamente a partir dos resultados desse diálogo. (FREHSE, 2011: 35).

Para tanto, a etnografia empregada nesta pesquisa engloba a captação e análise de fotografias autorais e também a análise de fotografias pesquisadas em alguns acervos referenciados ao longo do texto, datadas da segunda metade do século XIX até o final do século XX. Para esta parte metodológica, a pesquisa conta com a influência de Militão Augusto de Azevedo (1837-1905), fotógrafo carioca e um dos primeiros a documentar a cidade de São Paulo por meio de fotografias. Em seu “Álbum comparativo da cidade de São Paulo 1862-1887”, Azevedo demonstra as mudanças ocorridas na cidade e como se deu seu avanço e desenvolvimento.

³ Conceito proposto no século XIX por Charles Baudelaire, na França, para refletir sobre a experiência da cidade, sobre o passeio pelas ruas e a paisagem sensorial. Do francês, significa “caminhante” ou “observador”.

Além da fotografia, a etnografia também se concentrou na captação e análise de áudio do ambiente acústico da Rua São Bento, além da análise de uma peça sonora gravada no Largo São Bento e editada posteriormente, e outra produzida de forma original para o desenvolvimento desta dissertação.

A dissertação também contou com a análise de produção audiovisual do ano de 1965, além de referenciais teóricos das áreas de sociologia, antropologia, história, geografia e arquitetura, além de recortes de jornais selecionados no AHM-Arquivo Histórico Municipal - SMC/PMSP sobre a Rua São Bento e Largo São Bento, e edições do O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo sobre a região central da cidade, entre os anos de 1913 e 1996. Também, utilizou-se edições de jornais e revistas atuais.

No primeiro capítulo, traça-se um paralelo entre a São Paulo de hoje, cidade global e metrópole de serviços e seu contexto histórico até alcançar a década de 1960, marco da ampliação do uso do automóvel nas cidades brasileiras. Investigam-se os processos históricos que levaram a cidade, que nasceu ainda como povoado na região do Centro Velho, na metade do século XVI, a se expandir e crescer em termos populacionais, visitando o período compreendido como metrópole do café e advento da indústria.

O segundo capítulo concentra-se em explorar a Rua São Bento, no Centro Velho da cidade e seu entorno, identificando-a como um lugar ativo, permeado de contradições e que reflete as inúmeras transformações pelas quais a cidade passou ao longo do tempo, visitando suas construções, seus usos, seus sons e sua vida social.

O terceiro e último capítulo explora a região central enquanto um lugar para pessoas, analisando a partir da Rua São Bento, como a caminhabilidade, a passagem e permanência das pessoas se deu na região ao longo do tempo e de que forma o centro da cidade ainda se configura como uma região viva e criativa.

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 1 – O QUE A VISTA NÃO ABARCA MAIS: A MESMA SÃO PAULO JÁ NÃO É MAIS A DE ANTES

1.1 - Nem sempre foi cidade: o centro histórico como ponto de partida da São Paulo do século XIX

Antes de configurar-se como importante pólo econômico e industrial da cidade, entre a metrópole do café e a explosão populacional da cidade, São Paulo passou os três primeiros séculos de vida isolada: “nas ruas do perímetro que, desde os tempos coloniais, constitui um triângulo imaginário delimitado pelas torres de três das mais antigas igrejas da cidade — a do Carmo, de São Bento, a de São Francisco” (FREHSE, 2011: 182).

A São Paulo que conhecemos hoje e que tomou impulso para seu desenvolvimento a partir da segunda metade do século XIX, difere-se muito da São Paulo da metade do século XVI, quando da sua fundação. O povoado de São Paulo de Piratininga, que deu origem à cidade de São Paulo, foi fundado em 25 de janeiro de 1554, no alto de uma colina entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú em uma realidade que apresentava problemas a seu desenvolvimento e expansão, tendo em vista sua localização.

Na época em que os primeiros povoadores vieram se fixar nos campos de Piratininga, já havia outras povoações próximas, como é o caso de São Vicente que em 1532 já havia sido elevada à condição de vila. O então povoado de Piratininga se funda em um momento que se torna marco de uma nova fase no povoamento da América pelos portugueses. Seus primeiros entusiasmos e origem se baseiam em objetivos religiosos:

São Paulo foi realmente a primeira colônia oficial do Brasil no interior. Em 1553 alguns jesuítas, entre os quais os conhecidos padres Nóbrega e Anchieta, deixaram a colônia marítima em São Vicente (fundada em 1532 por Martim Afonso de Souza a 24 graus de latitude sul), subiram a escarpada serra do

litoral e estabeleceram uma missão no planalto, a mais ou menos 70 quilômetros do oceano. Consagrada a 25 de janeiro de 1554, a missão tomou seu nome ao santo cuja conversão foi celebrada pela primeira missa. (MORSE, 1954: 16).

A cidade que tem como nome uma homenagem a um dos apóstolos de Cristo, Apóstolo Paulo, faz jus aos seus primeiros anos de vida. Por algum tempo o povoado funcionou como um aldeamento de padres e índios e presumivelmente a escolha do sítio onde se encontra se dá por razões de defesa e armazenamento. Por conta da grande presença de índios de várias tribos tendo suas habitações nas vizinhanças do Colégio dos Jesuítas, de início estes formaram a maioria da população do povoado de São Paulo, deixando seus traços nos primeiros anos da cidade.

Este cenário logo se alteraria em decorrência da presença de povoadores brancos na região. É notado que a partir do momento em que as casas dos índios envelheciam, tendo durado por volta de três ou quatro anos, estes se mudavam. Porém, percebe-se que tão só o motivo era a condição das habitações, mas sim os vizinhos portugueses:

Sobretudo quando se verificou na povoação concorrência maior de portugueses, muitas vezes ocupando terras pertencentes aos moradores primitivos – e isso ocorreu mais pronunciadamente em torno de 1560 – muitos índios abandonaram São Paulo indo se situar em duas aldeias que então se edificaram em suas proximidades: Nossa Senhora dos Pinheiros, a sudoeste, e São Miguel a nordeste. (BRUNO, 1991a: 77).

Esse momento, que dá nova feição a população, ocorre ao mesmo tempo em que o povoado de Piratininga era elevado à categoria de vila, em 1560. A nova população constituída por portugueses e mamelucos, filhos de portugueses e índios, acabou por superar os objetivos que levaram a fundação de São Paulo, a conversão pelos jesuítas.

Ao passo que foram ocupando os terrenos vizinhos, os primeiros povoadores construíram suas habitações e as primeiras ruas da cidade, a partir do Pateo do Collegio, sendo a Rua São Bento uma dessas ruas que acompanha a cidade praticamente desde a sua fundação. De início, a rua configurava-se por uma via de terra que ligava a então tribo do cacique Tibiriçá, também conhecido por “Martim Afonso” ou “Martim Afonso Tibiriçá”⁴, que se situava no então Largo São Bento, às proximidades da Rua Direita. O primeiro nome dado a Rua São Bento é “Rua de Martim Afonso Tibiriçá”⁵. Ao longo de seus primeiros anos de vida, outras ruas foram surgindo e a cidade, expandindo-se a partir de seu núcleo central.

Porém, um grande problema para a então vila de São Paulo era sua localização estabelecida em planalto de clima temperado e longe do mar, o que dificultava o contato com as áreas que os colonizadores fundaram as grandes culturas de açúcar. São Paulo carecia de fartura e prosperidade e conforme se desenvolveu deixou transparecer seu ar de singularidade.

Além de sua posição geográfica, a pobreza de seus recursos econômicos dentro do regime de exploração comercial do país instituído pela metrópole influencia o bandeirantismo que passa a se acentuar ao longo do seiscentismo, consequentemente empobrecendo a vila de Piratininga. Esta passou a limitar-se enquanto um centro de preparação das bandeiras e vilas vizinhas como Itu e Taubaté dispunham de sinais de maior vigor social que a vila piratiningana.

Mais tarde, mesmo recebendo oficialmente o título de cidade, em 1711, em decorrência, sobretudo das modificações administrativas e sociais que resultaram das descobertas do ouro em Cuiabá, a São Paulo do início do século XVIII, pouco refletia sobre a sua condição no sentido de não proporcionar exportações de certa importância ou promover enriquecimentos. A criação em São Paulo, de um governo separado do de Minas Gerais torna São Paulo parte do regime comum entre as demais unidades dependentes do Estado do Brasil.

⁴ Após sua conversão e batismo, pelo Padre José de Anchieta, passa a chamar-se Martim Afonso, em homenagem a Martim Afonso de Sousa, fundador de São Vicente, a primeira vila da cidade.

⁵ Prefeitura Municipal de São Paulo. Rua São Bento, Sé. Dicionário de ruas. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>.

Em termos populacionais, há de se levar em conta a grande imigração de habitantes do Reino que levou a formação de uma nova sociedade. Por outro lado, as grandes epidemias do século XVIII atrasaram a expansão demográfica do planalto paulista. Outro fator que vem a limitar o desenvolvimento de São Paulo e paralisar o pouco que havia avançado se dá a partir das descobertas do ouro que fez com que grande parte da população migrasse para as áreas de exploração.

Com a transferência do eixo econômico da Colônia, do Nordeste para o centro-sul e a transferência da capital do Brasil para o Rio de Janeiro, em 1763, acabou-se por trazer consequências favoráveis à província da São Paulo:

E a necessidade de abastecer a população concentrada nas minas e na nova capital estimulou as atividades econômicas da população, inclusive em São Paulo. Já em seu relatório de 1797 Bernardo José de Lorena apontava os primeiros sinais desse lento ressurgimento econômico, dizendo: “A agricultura acha-se em um progresso muito grande, de sorte que se pode dizer que acabou a preguiça de que geralmente era acusada a capitania de São Paulo”. (BRUNO, 1991a: 92).

Mesmo com tais transformações e São Paulo já figurando como exportador de modestas caixas anuais de açúcar, de modo geral a cidade ainda carregava consigo resquícios dos tempos de empobrecimento em que esteve baseada.

O início do século XIX traz consigo condição mais favorável para São Paulo a partir do Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas (1808), diversificando o cenário econômico paulista e fortalecendo cidades como Itu e Santos em detrimento da capital. No entanto, São Paulo, assim como outros núcleos do planalto até início do século XIX, fim da época colonial, não haviam experienciado urbanização considerável. O século em questão se configura de extrema importância para o desenvolvimento de São Paulo.

1.2 - São Paulo tem história: expansão e a metrópole moderna

E no final das contas, o que é o café? Tá certo que ele ainda pesa na balança, sem ele o Brasil já estava perdido, mas o café é o presente, o futuro está aqui, Carlos, a indústria é que vai decidir. É o aço, o petróleo, nossas máquinas, nossos automóveis, nossos tratores. E quem é que diz a última palavra no assunto? Quem é que comanda? Quem é que puxa tudo isso para frente? Me diga. É São Paulo, meu velho, é São Paulo. Essa terra de gente que trabalha, somos nós que impulsionamos o Brasil. Somos nós o motor, São Paulo cresce e não parará de crescer.

São Paulo, Sociedade Anônima ,

Filme dirigido por Luiz Sergio Person(1965/1:02:42-1:03:18)

A partir do final do século XIX notam-se os primeiros impulsos que transformaram e alteraram o panorama urbano da cidade e converteram sua população de quase 32.000 habitantes, ano em que foi realizado o primeiro censo nacional, em 1872, em mais de 2.680.000 de habitantes⁶, em 1950, ano da explosão populacional da cidade.

De acordo com Ernani Silva Bruno, entre 1828 e 1872, a cidade de São Paulo e sua história giraram em torno da Academia de Direito, que foi inaugurada em 1827 no Largo São Francisco, centro da cidade. São Paulo se transforma em um lugar onde quase não havia espaço para literatura em uma grande referência intelectual no país muito por conta da Academia de Direito:

O Curso Jurídico — atraindo gente do interior, do Rio e de outras províncias — marcou o início de uma porção de fenômenos diferentes na existência da capital de São Paulo. Antes de mais nada êsse afluxo de gente para a cidade criou o problema da moradia. Sabe-se que nos primeiros vinte e cinco anos de funcionamento da Academia se formaram seiscentos e quinze estudantes,

⁶ Fonte: 1872-2010/IBGE/Censos Demográficos.

dos quais cento e oitenta e um do Rio, cento e trinta e oito de São Paulo (mas muitos do interior da província), cem de Minas, cinquenta e seis da Bahia, quarenta e oito do Rio Grande, onze do Maranhão, nove do Mato Grosso. E dos mil setecentos e setenta e sete bacharéis formados entre 1831 e 1875, apenas vinte e seis por cento eram da província de São Paulo (...). (BRUNO, 1991b: 810).

Na região compreendida entre a Igreja de São Francisco, onde localiza-se a Academia de Direito, hoje Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), Mosteiro de São Bento, que dá nome a Rua São Bento, e Igreja do Carmo, encontra-se o triângulo imaginário formado pela confluência de três ruas que, em finais do século XIX, se tornariam as mais movimentadas da cidade em termos econômicos e sociais. São elas: Rua São Bento, Rua XV de Novembro e Rua Direita.



Imagem 1: Rua São Bento. Guilherme Gaensly/Acervo Biblioteca Nacional, provavelmente 1906.

Grande foi a importância da Academia de Direito na cidade, que trouxe alunos de fora, contribuindo já para o aumento da população ao longo dos anos, e também para o crescimento da cidade. Com a Academia, vieram também os primeiros restaurantes e bares da cidade, frequentados principalmente pelos alunos do Curso Jurídico, que em seu tempo livre praticavam, dentre outras atividades, passeios de canoa e natação nos rios Tietê e Tamanduateí⁷. A existência da Academia também influenciou que outras instituições de ensino surgissem na cidade, como é o caso de seu próprio Curso Anexo que ofertava aulas de geografia, história, matemática, línguas modernas, entre outras.

A metade do século XIX presenciou eventos que contribuíram para que a cidade de São Paulo apresentasse nova fase a partir de 1870-1872⁸, inaugurando a metrópole do café que dura aproximadamente até 1930. Dentre esses eventos, podemos citar a inauguração da primeira estrada de ferro do país, inaugurada em 1854 por Dom Pedro II e que ficou conhecida como Estrada de Ferro Mauá. Inicialmente, ligava São Paulo com o porto de Santos e com a cidade de Jundiaí.

No final da década de 1840 identificamos mudanças consideráveis na cidade no que diz respeito à cultura. Novamente, em termos de número da Academia de Direito, apenas em 1852 notificou-se 22 bacharéis, número que quase dobra no ano seguinte, contando com 40 bacharéis. Em 1856, se formaram 48 alunos na Academia. Em termos de novos periódicos, alguns anos antes, em 1848, notou-se a presença de oito novos periódicos na cidade. No período, também tiveram prestígio revistas como Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano, fundada por Álvares de Azevedo⁹ em 1851.

De acordo com Morse (1954:119), há indícios de que concomitantemente ao período do romantismo na capital deu-se o “salto” do café¹⁰. Este momento se configura de extrema importância para São Paulo onde, a partir de então, um interior

⁷ BRUNO, 1991b: 829.

⁸ BRUNO, 1991c: 899.

⁹ Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/alvares-de-azevedo/>.

¹⁰ O autor traz dados comparativos da produção de café entre os anos de 1836 e 1854. De um ano para o outro a produção saltou de 590.066 arrobas de café para 3.544.256 arrobas de café. (MILLIET, op. cit.: 18 *apud* MORSE, 1954: 119).

vasto e nobre tornando-se tributário da capital e de seu porto, Santos, que se localiza a 72 km de distância. Porém, é importante ressaltar que a primeira vez que o café foi plantado no Brasil foi em 1727, disseminando-se por todo o país no século XVIII. No início, seu valor comercial não era alto e o consumo acabava se restringindo à região produtora ou até mesmo à fazenda. Porém, no início do século XIX os mercados das exportações agrícolas tradicionais, como o algodão e o fumo, por exemplo, estavam encolhendo no Brasil. Este cenário acontecia paralelamente a uma época em que a procura mundial e, em especial dos norte-americanos, pelo café brasileiro começava a evidenciar-se. Se acompanharmos os números, sobretudo na passagem do século XVIII para o século XIX, nota-se o crescimento da produção. No ano de 1779 embarcaram pelo porto do Rio 79 arrobas de café, ao passo que este número vai a 8.495 arrobas em 1796 e em 1806 alcança a cifra de 82.245 arrobas de café.

Não somente o café, mas também o chá teve sua importância na cidade, tendo sido introduzido por Toledo Rendon, primeiro diretor da Academia de Direito, que lhe concedeu mais subsídio do que ao açúcar ou café por conta de sua cultura ser menos custosa. O cultivo do chá também era mais viável nas terras que circundavam as chácaras suburbanas. Em 1833, Rendon havia plantado 44.000 pés em torno de onde ficava o Morro do Chá, centro do comércio elegante da cidade do início do século XX e atual região do Teatro Municipal. O Viaduto do Chá, que passou a ser construído em 1888 e inaugurado em 1892, com o objetivo de ligar a Rua Direita a Rua Barão de Itapetininga e leva este nome por conta das inúmeras plantações de chá-da-índia que existiam na região.

O Vale do Paraíba foi a primeira zona a ser favorecida pela produção intensiva do café. Além do Paraíba, a zona noroeste de São Paulo também foi responsável pelo triunfo do café na capital, principalmente por levar vantagem sobre o vale do Paraíba, sendo uma região não montanhosa e com planícies amplas, favorecendo a abertura de estradas de ferro, além de seu solo ser extremamente favorável a plantação de café.

Em meados do século XIX o café passa a ser tratado nos relatórios presidenciais, atingindo “proporções colossais” em 1848. Percebe-se uma mudança

de cultura, em relação ao açúcar e ao chá presentes na manifestação dos fazendeiros nos anos seguintes:

E em 1855 afirmava-se que o café estava tendendo a deslocar tôdas as outras culturas, que o chá não dava lucros, que o açúcar, dados os elevados custos de beneficiamento e transporte encontrava mercados principalmente locais. Nessa época Campinas via sua produção de açúcar, viga mestra de sua prosperidade, reduzir-se a menos de um terço da produção de 30 anos antes. A transição para o café estava em pleno curso. (MORSE, 1954: 119-120).

A cidade de São Paulo contou com inúmeras famílias de imigrantes que vieram à cidade para trabalhar nas lavouras de café sob o sistema de trabalho conhecido como “colonato”¹¹:

Da perspectiva brasileira, a vinda desses imigrantes esteve atrelada ao domínio do café na economia do país. O rápido crescimento da cafeicultura em terras paulistas e seus desdobramentos – expansão da rede ferroviária, industrialização e urbanização –, aliados a importantes reformas institucionais e políticas (abolição da escravidão, em 1888, e estabelecimento do regime republicano, que deu autonomia aos estados em 1889), criaram condições para a recepção de imigrantes que seriam “braços para o café”. Ou seja, destinados principalmente a atender aos interesses da cafeicultura. (BASSANEZI, 2019: 16).

A vinda desses imigrantes alterou por completo o panorama da cidade de São Paulo e gerou grande impacto sobre sua população que ainda era escassa no final do século XIX. Ainda de acordo com Bassanezi (2019), durante o período de 1880 e 1930¹², o Brasil investiu em uma política imigratória baseada em publicações com informações sobre o Brasil, e especificamente sobre o estado de São Paulo, a fim de

¹¹ Regime de trabalho que se caracteriza pelo trabalho familiar. (BASSANEZI, 1986: 3).

¹² Entre 1880 e 1930, a região do Velho Oeste Paulista configurava-se como o centro mais dinâmico da economia brasileira. (BASSANEZI, 1986: 37).

seduzir os imigrantes para que viessem trabalhar no país e no estado promissor. Essas publicações eram distribuídas em países como Itália, principalmente, e Japão, e até mesmo a bordo dos navios.

Sobre o perfil das famílias imigrantes vindas da Europa, é possível dizer que se constituíam, sobretudo, de casais jovens ou casais com filhos solteiros e pequenos, normalmente não ultrapassando quatro ou cinco integrantes. É necessário dizer que o governo brasileiro dispunha de regras para a vinda desses imigrantes, principalmente em se tratando destes perfis. Para a obtenção de subsídios à viagem, exigia-se que no grupo familiar houvesse, pelo menos, um indivíduo do sexo masculino entre 12 e 45 anos e que apenas poderiam ser inclusos como dependentes da família pais, avós e mulheres casadas que viessem se reunir com seus maridos no Brasil. Essas regras tinham por objetivo selecionar uma quantidade significativa de membros da família aptos para o trabalho na cafeicultura, dando preferência a homens saudáveis entre 12 e 60-65 anos:

A própria Hospedaria de Imigrantes colaborava com os interesses dos fazendeiros de café classificando os imigrantes por sexo e grupo etário (menores e maiores de 12 anos; e, entre estes, os de 12 a 45 anos e os maiores de 45 anos). Isso não significa que, na prática, crianças com idades abaixo de 12 anos deixassem de contribuir com algum trabalho para a sobrevivência da família nas fazendas. (BASSANEZI, 2019: 76).



Imagem 2: Vista da região central da cidade. Militão Augusto de Azevedo/Acervo Instituto Moreira Salles, 1862.

Ao longo desses anos, o café foi responsável pelo crescimento da cidade de São Paulo, a partir da vinda de imigrantes, pela introdução da ferrovia no estado e por transformar a economia da cidade e do país. No entanto, a partir de 1918 uma geada veio agravar a situação do cenário cafeeiro que já passava por falta de mão de obra desde o início da Primeira Guerra Mundial, acarretando em baixa na colheita de café desde então. Ainda que a produção de café tenha retomado a força anos mais tarde, a crise mundial de 1929 impactou de forma significativa sua produção e comercialização.

Outro aspecto que contribuiu para o desenvolvimento e expansão da cidade foi a inauguração, em 1867, da São Paulo Railway, primeira ferrovia construída em São Paulo, segunda no país. Tendo seu início de construção em 1860 e financiamento de capital inglês, de início sofreu dificuldades de implantação, principalmente no trecho que passa pela Serra do Mar. A Estrada de Ferro São Paulo Railway Company, como foi denominada, se manteve assim até 1946, tendo 159 km que interligavam os municípios de Santos e Jundiaí passando por São Paulo, cruzando municípios como Santo André e Ribeirão Pires até chegar à capital paulista.

O panorama urbano passa a se alterar após a implementação das vias férreas ao passo que as estações passam a concentrar as primeiras atividades urbanas como depósitos e armazéns. Se fortalece a região central da cidade, que além de abrigar as famílias dos cafeicultores e os negócios do café, passa a abrigar as primeiras fábricas e indústrias que mais tarde configurariam uma nova característica à metrópole paulistana no decorrer do século XX. De acordo com Vêras, o período entre 1919 e 1945, marca São Paulo como um núcleo industrial no país: “No segundo período, a partir da consolidação da cidade como pólo industrial, registra-se que seu crescimento coincide também com a chegada de migrantes provenientes de outras partes do território nacional”. (VÉRAS, 2003: 56). Nesse período, a população da cidade aumentou de aproximadamente 600.000 habitantes em 1920 para mais de 1.300.000 em 1940¹³. Nesse período também São Paulo ganha seu primeiro arranha-céu, o edifício Sampaio Moreira, em 1924, que ocupou o posto por um breve período, até a inauguração do edifício Martinelli, cinco anos mais tarde. Ambos se localizavam no centro da cidade, muito próximos um do outro, o edifício Sampaio Moreira na Rua Líbero Badaró e o edifício Martinelli na Rua São Bento.

Entre 1940 e 1950 a cidade conta com um grande fluxo migratório e ao longo dos próximos anos a população da cidade de São Paulo passou a crescer cada vez mais e novos bairros foram sendo criados, transformando de forma significativa o panorama da cidade fisicamente e socialmente. Ainda de acordo com Vêras:

Nesse período, o processo de migração para São Paulo realizou-se, sobretudo, por deslocamentos internos de pessoas de outras localidades do país. Estes viriam a situar-se em antigos bairros operários, outrora habitados por imigrantes estrangeiros. De um lado, mudaram a fisionomia de sua paisagem e, de outro, foram responsáveis pela fundação de vários bairros operários na periferia da cidade. Além da favelização, do inquilinato social e dos *homeless*, o fenômeno urbano de ocupação por loteamentos “clandestinos” levou a um espraiamento excepcional da malha urbana, que chega hoje a mais de 1.000 km². Tais loteamentos tinham por objetivo abrigar o enorme contingente populacional que se deslocava para a cidade, lotes vendidos a prestação e nos quais eram construídas as moradias, através do

¹³ Fonte: 1872-2010/IBGE/Censos Demográficos.

processo de autoconstrução dos moradores e seus familiares. Produziu-se, assim, por efeito de políticas urbanas e da ação do mercado imobiliário, uma cidade segregada. (VÉRAS, 2003, 57).

Antes mesmo de alcançar os anos 50, São Paulo já se configurava, além de importante polo industrial no país, como um centro de negócios e destino turístico, atraindo pessoas de outras partes do território nacional e de outros países. A partir de então, ganha força sua rede hoteleira:

O crescimento vertiginoso da cidade, o notável progresso de suas indústrias e a grandiosa expansão de seu comércio, tornaram São Paulo um ponto de atração turística e, ainda, um intenso centro de negócios. Disso resultou o aprimoramento de sua indústria hoteleira, cujo expoente é, sem dúvida, a organização “Hotéis Reunidos S. A”. Essa é a maior companhia hoteleira de São Paulo e que atende, com o máximo de conforto, ao imenso número de pessoas que, pelos mais diversos motivos, procuram a capital bandeirante. A ela pertencem os estabelecimentos “Cinelândia”, “Excelsior” e “Marabá”, modernos, centrais e elegantes, situados, todos os três, no cruzamento da Av. Ipiranga com a Av. São João. Das janelas do 23º andar do “Hotel Excelsior”, onde se localiza o seu restaurante, descortina-se vista maravilhosa da paulicéia. (ALMEIDA JR., 1949: 37).

Ao alcançar a década de 1950, a cidade promissora passa a contar com mais de 2.000.000 de habitantes¹⁴, sendo a segunda cidade mais populosa do país atrás do Rio de Janeiro, cenário que mudaria dois anos depois quando São Paulo passa a ser a mais populosa do país. Em seu quarto centenário, em 1954, a cidade já podia comemorar este posto.

A São Paulo que se tornou uma outra cidade, em relação ao que era, é feita de travessias bruscas (TOLEDO, 2015: 17), configurando-se como uma cidade cuja teimosia é visível em seus anos iniciais de vida, tendo em vista que suas condições, sobretudo geográficas, davam a entender que ela própria não passaria de uma vila com poucas ruas de terra batida. São Paulo mudou, se transformou e passou a configurar-se como a cidade que hoje conhecemos, porém, de forma distinta de antes, nos faz ainda questionar quem ou o que ela é.

¹⁴ Fonte: 1872-2010/IBGE/Censos Demográficos.

1.3 - Um lugar chamado São Paulo

Pode-se entrar em São Paulo sem nunca ter saído dela. A cidade é contínua na memória, na morte ou no desejo. Mais ainda mais o é no espaço conquistado por ela própria. Uma vez uma amiga italiana, chega há pouco a São Paulo, disse-me que tinha tomado um ônibus e saíra da cidade. E me lembro que ri de maneira quase irresistível e até agressiva, tanto me pareceu cômica aquela sua experiência impossível. Talvez não se possa nunca sair de São Paulo.

São Paulo está em-toda-parte.

M. Canevacci (2004: 133)

Quem, ou o que é São Paulo? — Uma das inquietações que inaugura este capítulo talvez não seja uma das mais simples de serem apaziguadas. Tentar definir e até mesmo compreender uma cidade como São Paulo não é uma tarefa tão simples. São Paulo sugere múltiplas interpretações. Enquanto cidade, entende-se São Paulo como um lugar complexo, repleto de contradições e ambiguidades. Até mesmo definir o que é cidade não se torna algo tão fácil. Para Maricato (2015) “a cidade pode ser lida como um discurso, como o fazem os semiólogos e semióticos, como manifestação de práticas culturais e artísticas, como legado histórico, como também, espaço de reprodução do capital e força de trabalho”. Já para Vêras (2000), “partimos do pressuposto de que a cidade é algo enigmático, ainda indecifrável em todos os seus projetos. Apesar de construir-se como habitat no mundo da modernidade, reveste-se de muitos significados (...)”. Dessa forma, São Paulo e cidade se tornam sinônimos.

Ao questionar por aí sobre São Paulo, provavelmente aparecerão respostas fazendo referência ao Apóstolo Paulo, que também dá o nome à cidade ou a apelidos pelos quais a cidade já foi conhecida, como “terra da garoa”. Também, poderá existir quem a queira personificar, tentando encontrar em alguma figura humana um espelho da cidade. Mas ainda assim, como interpretar São Paulo? A cidade, hoje, mais parece diversas cidades em uma só, por conta de seus vários bairros distintos distribuídos por suas cinco regiões:

Mas um bairro de uma cidade pode também ser visto, lido e interpretado como matéria significativa, como um texto escrito com a colagem — feita pelo homem — de uma série de signos (edifícios, ruas, tabuletas, portões etc), inseridos num tempo e num espaço contíguo. Um *cronotopo urbano*. Pode-se também aplicar a Claude Lévi-Strauss, que escreve textos de antropologia nos quais se passa, se “transita” muito frequentemente de uma cidade como São Paulo a uma aldeia Bororo, essa categoria “cronotópica”, que reúne no mesmo conceito os níveis espaciais e os temporais, unindo-os na representação das diferenças antropológicas. (CANEVACCI, 2004: 87).

Dentre tantos bairros e particularidades, São Paulo acompanhou o aumento de sua população em mais de 8 milhões de habitantes, de sete décadas para cá, entre 1960 e 2020¹⁵. São Paulo possui 32 subprefeituras e 96 distritos¹⁶, dos quais 8 estão na região central, 18 na região norte, 22 na região sul, 33 na região leste e 15 na região oeste¹⁷ e, com uma população estimada em 12.325.232¹⁸ pessoas no ano passado, São Paulo ocupa o posto de cidade mais populosa do país e uma das maiores economias do mundo. No último ano, a cidade também contava com 5.955.433¹⁹ automóveis. No meio de tantas interpretações possíveis sobre a cidade, com certeza algo que se pode dizer é que São Paulo é construída de números. São muitos recordes e títulos conquistados pela cidade mais populosa do continente americano. Além destes, são centenas de salas de cinemas e hotéis e diversos espaços culturais, shoppings centers e milhares de restaurantes e bares que compõem a cidade. São Paulo configura-se como uma cidade de serviços, sobretudo a partir de 1970, quando ocorre migração de parte da indústria antes instalada na capital para áreas da região metropolitana de São Paulo, como a região do ABC.

A cidade é inicialmente marcada pela transformação dos meios de transporte coletivos, onde temos a partir de 1900 a primeira linha de bondes elétricos, que

¹⁵ Fonte: 1872-2010/IBGE/Censos Demográficos.

¹⁶ Prefeitura Municipal de São Paulo. Subprefeituras: Mapa da cidade.

¹⁷ Rede Nossa São Paulo. Mapa da Desigualdade (2020). Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Mapa-da-Desigualdade-2020-MAPAS-site-1.pdf>.

¹⁸ IBGE Brasil/São Paulo/São Paulo. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>.

¹⁹ Ministério da Infraestrutura, Departamento Nacional de Trânsito - DENATRAN - 2020.

passam, a partir da crise elétrica de 1924-1925 e motivados pelo Plano de Avenidas de 1930, a serem gradualmente substituídos pelos ônibus. A partir do fortalecimento da indústria automobilística em São Paulo, em 1950, e com o início da difusão do automóvel nas cidades brasileiras, em 1960, o crescimento e a expansão da cidade de São Paulo, ao longo das décadas, por meio de um processo que se mostrou pouco consistente, acabou por configurar certa característica desordenada à cidade, principalmente à maneira que a cidade foi se desenvolvendo e ficando cada vez mais populosa. Ao observarmos o curso do trânsito nas grandes cidades, a lentidão causada pela aglomeração de carros, que acaba por diminuir tempo útil, além de desperdiçá-lo, é um dos principais problemas urbanos da atualidade. Ao longo das décadas, os indivíduos passaram cada vez mais a acompanhar o desenvolvimento da cidade de maneira motorizada. À medida que o automóvel ia se desenvolvendo, também as pessoas começavam a depender mais do carro para se locomover. O espaço da rua urbana passa por um esvaziamento de sentido. Richard Sennett (1988) ao estudar o espaço público morto, reflete sobre a questão do isolamento: “(...) assim como alguém pode se isolar em um automóvel particular para ter liberdade de movimento, também deixa de acreditar que o que o circunda tenha qualquer significado além de ser um meio para chegar à finalidade da própria locomoção”. A partir da perspectiva da mobilidade, por exemplo, pode-se perceber como se deu a alteração das escalas de distância e proximidade (TELLES, 2006). As pessoas são quem constroem e habitam as cidades, porém, muitas vezes seus espaços na cidade acabam entrando em conflito com o dos automóveis, por exemplo, nos quais é possível refletir sobre prioridades de agentes no meio urbano.

Em São Paulo, os automóveis circulam em sistema de lentidão, mas também os habitantes da cidade que utilizam o metrô para ir e vir todos os dias. Porém, nesse sentido, este sistema de transporte coletivo utilizado por milhões de pessoas diariamente na cidade, oscila entre o paradigma da lentidão e o paradigma do encontro: “Com o decorrer do tempo a cidade tornou-se um território de correrias”. (PAIS, 2010: 137). São Paulo é uma cidade pulsante, aspecto característico não somente da mesma, mas de todas as grandes cidades do mundo.

Nas últimas décadas, São Paulo passou por transformações que afetaram Estado, economia e sociedade. A cidade, especialmente a partir da metade do século

XX, se expandiu e com ela foram surgindo as periferias, que se formam a partir do crescimento populacional da cidade em relação a velocidade e intensidade em que cresce. A organização física da cidade passa por modificações que refletem as grandes diferenças sociais existentes na cidade ainda no século XX. A partir de então, se passa a conviver com um ambiente de segregação construído na cidade:

A cidade mantém seu padrão de crescimento por expansão de periferias e, com os anos, essas regiões se consolidam. Esse processo de urbanização é central na configuração da cidade de São Paulo e, inextricavelmente, associado a um mundo social e político nelas fundado. É desse modo que se territorializa a *periferia trabalhadora* paulistana, de sociabilidade muito própria, estudada ao longo das últimas décadas. (FELTRAN, 2011: 98).

Ainda sobre a mesma circunstância em que São Paulo vive, sobre seus contrastes e sobre seu ambiente construído, Nicolau Sevcenko complementa sobre o quadro já descrito:

São Paulo teve uma característica diversa das demais cidades brasileiras, nas quais a convivência entre o privilégio e a miséria se faz de porta a porta, num mesmo espaço de convivência. O Rio de Janeiro é exemplo típico disso, Recife também. Agora, São Paulo sempre teve uma natureza mais excludente, de se fechar no seu miolo, definir áreas de privilégio e excluir as populações pobres, miseráveis e marginalizadas para as periferias distantes.

O que houve é que, com essa migração constante do eixo da especulação imobiliária, ela circulou pela área central, pelo oeste e pelo sul, e aí não teve outra escapatória senão atravessar a região da miséria, voltando para a várzea, para a várzea agora do Rio Pinheiros. Aí ela encontrou aquilo que tinha sido abandonado e passou a ter uma situação de convivência forçada entre essas duas dimensões que na história da cidade sempre foram mantidas nitidamente afastadas uma da outra.

A lógica disso é que os prédios vão chegando e a favela acaba indo para outro lugar, ou porque tem um incêndio noturno ou porque algo aconteceu. A lógica é que prevaleça o poder. Agora, não se vai dar gratuitamente. Criou-se uma situação de confrontação e de tensão social que abre uma trincheira, um front direto de conflito social. (SEVCENKO, 1999: 11).

A partir dessas noções, pode-se até mesmo questionar São Paulo enquanto cidade, como demonstra Magnani:

Dentre os inúmeros diagnósticos sobre as transformações em curso nas atuais metrópoles, podem-se distinguir duas visões principais. Uma enfatiza os aspectos desagregadores do processo, como o colapso do sistema de transporte, as deficiências do saneamento básico, a falta de moradia, a concentração e má distribuição dos equipamentos, poluição, violência, subemprego: com base em variáveis e indicadores de ordem macro (sociológicos, econômicos, demográficos), este é o quadro geralmente aplicado às grandes cidades do Terceiro Mundo. Nesta linha, em recente reunião da Conferência das Nações Unidas sobre os Assentamentos Humanos - Habitat 23, São Paulo foi apontada em alguns relatórios como exemplo de anti-cidade. (MAGNANI, 1998: 1-2).

A cidade e o espaço público sendo promotores das relações sociais, como espaços da realização da subjetividade, acabam perdendo este ideal social a partir das contradições que surgem em virtude do processo de industrialização, onde os espaços passam a ser produzidos a partir das necessidades de acumulação e consumo, predominando o valor de troca da cidade e não o seu valor de uso, como sugere o motivo principal de ser da cidade.

Em sua obra de 1902, *A Metrópole e a Vida Mental*, Georg Simmel (1858-1918) já refletia sobre a forma como as cidades se mostram, em primeiro lugar, como espaço da divisão econômica do trabalho. O que ocorre é que, há, sobretudo, uma mutação do trabalho e das formas de emprego. As grandes cidades também representam espaços nos quais evidencia-se o ambiente movido pela competição e regime presentista:

Assim, a realidade metropolitana é hoje marcada por centros ou pólos em competição, cuja força difere a partir do dinamismo econômico, do conjunto de empresas que abarca, das políticas do poder público quanto ao desenvolvimento metropolitano e dos grupos sociais que, com diferentes intuítos, se situam nessas áreas. (FRÚGOLI JR., 2000: 64).

Enquanto cidade global, ao mesmo tempo em que centraliza determinadas funções e atividades e ganha importância no cenário nacional e mundial, São Paulo também se configura como uma cidade promotora de desigualdades e pobreza. Assim como outras cidades que são as novas geografias da centralidade, como Londres e Cidade do México, São Paulo é, de acordo com Sassen (2000), um dos pontos de comando na organização da economia mundial. Porém, ao mesmo tempo que centraliza, também mantém em exclusão grandes territórios, que não fazem parte dos grandes processos econômicos. Ainda de acordo com a autora:

O rápido crescimento da indústria financeira e de serviços altamente especializados gera não apenas empregos técnicos e administrativos de alto nível, como também empregos técnicos e administrativos de alto nível, como também empregos que não exigem qualificação e que apresentam baixa remuneração. (SASSEN, 2000: 18).

A partir de então, presenciamos novas desigualdades econômicas nas cidades globais e também em suas cidades regionais que acabam, muitas vezes, perdendo importância por conta de sua posição de centralidade no país. Presencia-se uma infinidade de problemas urbanos característicos desse modelo de cidade:

Em poucas palavras: as cidades se transformaram em depósitos de problemas causados pela globalização. Os cidadãos e aqueles que foram eleitos como seus representantes estão diante de uma tarefa que não podem nem sonhar em resolver: a tarefa de encontrar soluções locais para contradições globais. (BAUMAN, 2009: 32).

São Paulo contabiliza outros números além dos expostos no início desta análise. A cidade, por exemplo, contabiliza 24.344 pessoas em situação de rua²⁰ e inúmeros problemas urbanos relacionados à segurança pública, transporte, saúde e educação. De acordo o Mapa da Desigualdade (2020), que analisa os 96 distritos da capital a partir da oferta de serviços e equipamentos públicos, a quantidade de vezes em que um distrito aparece entre os dez melhor posicionados e a quantidade de vezes

²⁰ Censo da População em Situação de Rua 2019.

em que um distrito aparece entre os dez piores posicionados reflete muito ao cenário da realidade da cidade hoje.

Dentre os distritos mais bem posicionados no índice, a maioria deles localizava-se na região oeste da cidade, como Alto de Pinheiros, Perdizes e Itaim Bibi. Os outros que apareciam nas melhores posições localizavam-se sobretudo na região sul da cidade, como Moema e Jardim Paulista e o restante no centro, como os distritos da República e Consolação. Dentre os distritos que ocupavam as dez piores posições no índice, concentravam-se, sobretudo, nas regiões sul e leste da cidade e os outros em áreas mais depreciadas da região central. Distritos como Brás, Sé, Bom Retiro, Capão Redondo, Brasilândia e São Miguel apareceram nessa posição.

Em termos analíticos e de investigação da organização urbana é importante destacar que esta contradição resulta dos processos de segregação urbana e consequentemente desigualdade, indispensáveis ao estudo do espaço urbano:

Daí decorre a importância da segregação na análise do espaço urbano de nossas metrópoles, pois a segregação é a mais importante manifestação espacial urbana da desigualdade que impera em nossa sociedade. No caso das metrópoles brasileiras, a segregação urbana tem uma outra característica, condizente com nossa desigualdade: o enorme desnível que existe entre o espaço urbano dos mais ricos e o dos mais pobres. Transferido para o campo do urbano, a premissa dada passa a ter o seguinte enunciado: nenhum aspecto do espaço urbano brasileiro poderá ser jamais explicado/compreendido se não forem consideradas as especificidades da segregação social e econômica que caracteriza nossas metrópoles, cidades grandes e médias. (VILLAÇA, 2011: 37).

Dessa forma, identifica-se como a cidade se constrói também de modo a criar áreas de concentração de determinadas classes sociais e meios de segregação por regiões da cidade, implicando assim, em desigualdades de oportunidade, sociais e econômicas.

A cidade de São Paulo é produto dela mesma. Uma cidade que ao longo do tempo, foi se construindo, se expandindo e se configurando da forma que se apresenta hoje. Não deixa de ser cidade por apresentar uma série de problemas urbanos, pelo contrário, afirma-se enquanto cidade, enquanto metrópole, sendo a cidade mais

populosa e rica do país, enquanto lugar; lugar do conflito, da luta, do encontro, da informação, do lazer, da contradição, do inesperado, enfim, não há como se definir, São Paulo se apresenta de diversas formas. Tudo que conhecemos e vivenciamos hoje em São Paulo é fruto do processo histórico pelo qual a cidade passou entre o século XIX e a metade do século XX.

Os dois próximos capítulos abordarão a Rua São Bento, localizada no Centro Velho da cidade, enquanto um “microcosmo”, uma síntese da cidade, que é reflexo deste processo pelo qual a cidade passou entre o século XIX e o século passado.

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 2 – UM DOS LADOS DO TRIÂNGULO: A RUA SÃO BENTO DENTRO DA HISTÓRIA DA CIDADE DE SÃO PAULO

2.1 - A cidade fica aqui: O Centro Velho como a antítese entre a São Paulo de ontem e de hoje

“Marósia consiste em duas cidades — a do rato e a da andorinha; ambas mudam com o tempo; mas não muda a relação entre elas: a segunda é a que está para se libertar da primeira”.

I. Calvino (2002: 141)



Imagem 3: Xilogravura realizada a partir de fotografias da autora da Rua São Bento e seu entorno. Silas Nascimento, 40cmX55cm, janeiro de 2021²¹.

O Centro Velho da cidade de São Paulo reflete um cenário que divide e ao mesmo tempo une dois tempos, presente e passado, em uma imagem só. Concentrando informações diversas, muitos edifícios, muitos sons, de pessoas ou transportes, muito movimento, muitas vezes torna-se difícil imaginar a mesma região no passado, porém, o panorama da região, sobretudo seus edifícios, denunciam que o cenário atual advém de outra época. Por mais que a região, que se configura

²¹ Xilogravura produzida em homenagem aos 467 anos da cidade de São Paulo refletindo sobre a importância de seu Centro Velho no passado e atualmente, reafirmada pelas inscrições “a cidade fica aqui”.

principalmente de ruas exclusivas para pedestres, compreendendo as ruas São Bento, XV de Novembro e Direita como o conhecido “Triângulo Histórico”, seja bastante movimentada durante o dia, ao anoitecer a mesma começa a se esvaziar. O que se vê hoje, durante o dia e de segunda a sábado é uma região repleta de pessoas preenchendo as ruas. Aos domingos, a região se assemelha ao cenário da noite, praticamente vazia e silenciosa.

Há um espaço entre o passado e presente refletido nas ruas, mas ao mesmo tempo há um não rompimento com o passado. Caminhar por essas ruas se configura como um convite a olhar para cima e não apenas à altura que os olhos alcançam. É interpretar, conhecer e reconhecer um ambiente antigo e contemporâneo ao mesmo tempo a partir de suas formas concretas e abstratas. As ruas falam por meio de suas edificações e dos hábitos cotidianos.

Le Corbusier, com seu Plan Voisin, pretendia transformar o centro de Paris destruindo o bairro medieval do Marais. Richard Sennett (2018) reflete a forma pela qual o autor acabava por implantar o apagamento do passado. Assim como no Centro Velho de São Paulo, os antigos prédios e o próprio chão carregam marcas que denunciam seu uso, seu tempo. Talvez uma das únicas maneiras de se desvencilhar do passado seja tentar quebrar o elo existente com o mesmo: “Se as marcas do tempo nos materiais evocam lembranças, hábitos e crenças do passado, seria necessário apagá-las para viver no presente, seria necessário pintar a *ville*²² de branco. Branco quer dizer Novo; Branco quer dizer Agora. (SENNETT, 2018: 89)”. Porém, nessa parte da cidade não é necessário o apagar do passado para que se possa viver no presente, muito pelo contrário, há a necessidade que exista o passado no presente ou não seria o mesmo lugar: O lugar do presente e do passado.

²² Em “Construir e Habitar” (2018), Richard Sennett diferencia os conceitos de “*ville*” e “*cité*”, onde há a distinção fundamental entre o ambiente construído e a maneira como as pessoas nele habitam.



Imagem 4: Fachada meio a meio na Rua São Bento. Foto da autora, dezembro de 2020.

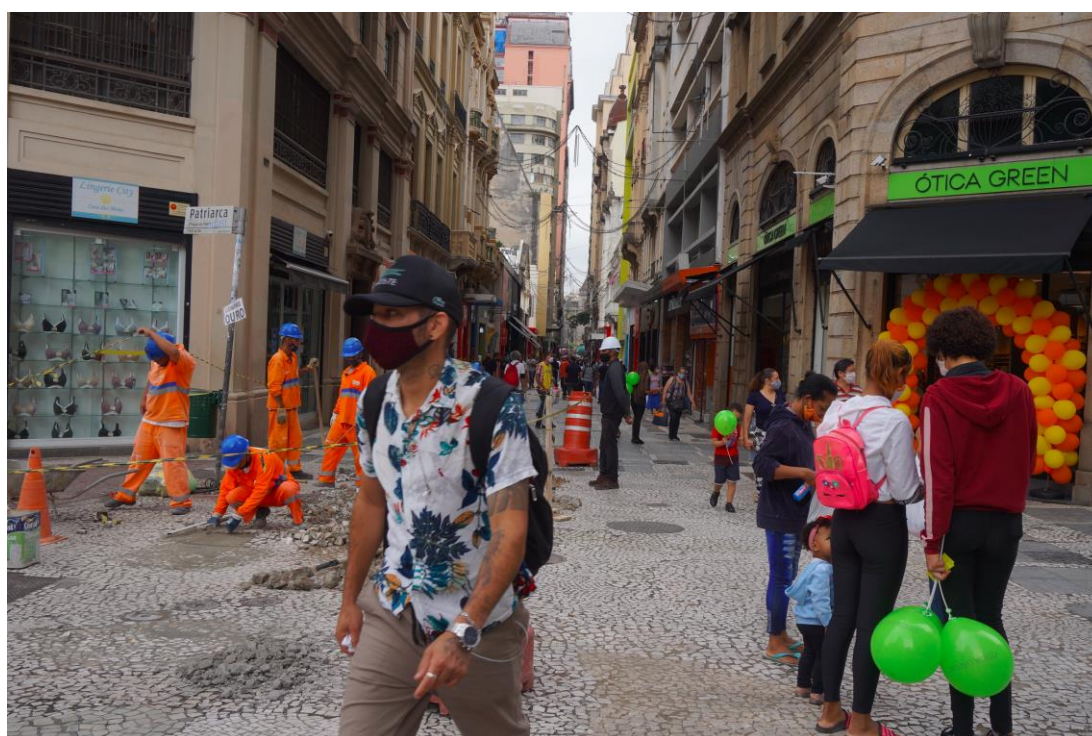


Imagem 5: Vista da rua em direção ao Mosteiro de São Bento, a partir da intersecção com a Praça do Patriarca. Foto da autora, dezembro de 2020.



Imagem 6: Fim de ano e fim de expediente na São Bento. Foto da autora, janeiro de 2021.

Mas o que representa, afinal, a região do Centro Velho hoje? O que a define? A partir de um olhar de longe, há um senso comum onde a região é encarada como perigosa, distante da realidade de muitos que vivem na cidade, uma não-experiência. É uma região preenchida, sobretudo, pelas classes populares, é o lugar da maioria, “um fiel retrato da cidade, pois ali há diferentes tipos de usos e pessoas”. (SOBRAL, 2018: 6). Por essas características, o centro pode ser, inclusive, muitos lugares. Pode ser o lugar do trabalho, da passagem, do espetáculo, do dia ou da noite. Pode se configurar como rotina ou como surpresa²³. O indivíduo e sua experiência em relação ao espaço é o que configura o último enquanto lugar:

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que

²³ PAIS, 1993: 106.

os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (CARLOS, 2007: 17).

Talvez a parte mais importante de uma cidade possa ser seu centro²⁴. Ainda que São Paulo hoje seja constituída por cinco centralidades principais, Centro Velho, Centro Novo, Centro Novíssimo ou “Centro Paulista”, Berrini e Faria Lima, além de cada centralidade existente em diversos bairros da cidade, o Centro velho ainda tem grande importância na dinâmica da região central e da cidade. Cortada pelo Corredor Norte-Sul e outras importantes avenidas, como a Nove de Julho, a região leva e traz uma multidão diariamente. Há quem passe por ela e há quem fique, mas sem dúvidas uma das sensações mais afetivas e simbólicas sobre estar em São Paulo seja, chegando ao centro, de carro, ônibus ou metrô avistar o Edifício Altino Arantes²⁵ — estou em São Paulo.

Dentre os que passam e os que ficam, são mais de 40 mil pessoas²⁶ circulando pela estação São Bento da Linha 1 - Azul do metrô diariamente. A estação se configura como um importante espaço de circulação e passagem de pessoas na região do Centro Velho e seu entorno. Fixando-se entre as estações Luz e Sé, importantes estações de transferência, tanto para quem utiliza a Linha 2 - Vermelha, a Linha 4 - Amarela, quanto para quem usa os trens da CPTM, transporta a população para diversas finalidades.

²⁴ VILLAÇA, 1993: p.1.

²⁵ O edifício, que é inspirado no *Empire State Building*, de Nova Iorque, pode ser avistado de várias partes da cidade e no final dos anos 40 ocupava o posto de prédio em concreto armado mais alto do mundo. ALMEIDA JR., 1949: 57.

²⁶ Dado coletado na estação São Bento do Metrô e informado por um funcionário em janeiro de 2021, não levando em conta o contexto de pandemia de Covid-19 que alterou a circulação diária de pessoas em todas as estações e linhas do transporte entre 2020 e 2021.



Imagem 7: Saídas da estação São Bento do metrô da Linha 1 - Azul. Foto da autora da instalação que há próximo à saída “E” - Anhangabaú, janeiro de 2021.

Uma das tarefas mais difíceis da experiência na região central talvez seja marcar um encontro na saída da estação São Bento ou “na catraca” e realmente conseguir, pois são muitas as saídas, não apenas uma única catraca e muita gente circulando. As cinco saídas da estação São Bento contemplam a região central de forma a facilitar o trânsito de pedestres e os objetivos e motivos que trazem a população à região. A saída “A” que leva diretamente ao Mosteiro de São Bento, também facilita o acesso de quem vai à Rua Líbero Badaró e ao Centro Novo por meio do Viaduto Santa Ifigênia, assim como a saída “C” que se encontra na Rua Boa Vista, facilitando o acesso tanto ao Viaduto quanto à Rua 25 de Março. A saída “B” se configura como um ponto estratégico na região por se localizar na Ladeira Porto Geral, já em direção à região da 25 de Março. A saída “D” é a que se localiza na Rua São Bento, facilitando a circulação por todo o “Triângulo” e arredores. Já a saída “E” é a saída “Anhangabaú” e também liga o Centro Velho ao Novo, a partir da parte de baixo do Vale, diferente do Viaduto que liga os centros pela parte de cima.

Um ano após a inauguração da estação São Bento, em 1976, o sistema integrado metrô-ônibus transportava meio milhão de pessoas por dia. Hoje, somente o metrô transporta diariamente mais de 4 milhões de pessoas²⁷. Naquele ano, um dos relatórios do metrô²⁸ analisava a circulação de pedestres na estação São Bento nos horários de pico, entre às 7h e 9h da manhã e 18h e 19h30, e os resultados refletiam já o acúmulo de pessoas na estação. A análise apontava para o alto fluxo de passageiros nestes recortes temporais a partir das chamadas “zonas de toque”, que são áreas de alta frequência de contatos interpessoais, como esbarrões e tropeços, além de espaços congestionados, inclusive de fluxos numa mesma área.

Além desta configuração, a Rua São Bento, em seus quase 725m²⁹, calculados a partir da distância entre as fachadas do Mosteiro de São Bento e da Paróquia Santuário São Francisco de Assis, intersecta outras seis ruas e o Largo do Café e a Praça do Patriarca, são elas: Rua José Bonifácio, Rua Direita, Rua da Quitanda, Rua Miguel Couto, Avenida São João e Rua Boa Vista. Nota-se um movimento maior entre o final da rua, nesta última intersecção, onde está a estação São Bento até o encontro com a Rua Direita. Daqui em diante o movimento é consideravelmente menor, não há tanta gente circulando, parecendo até mesmo outra rua.

²⁷ Dado coletado na estação São Bento do Metrô e informado por um funcionário em janeiro de 2021, não levando em conta o contexto de pandemia de Covid-19 que alterou a circulação diária de pessoas no Metrô de forma geral entre 2020 e 2021.

²⁸ Relatório do Metrô de São Paulo - A circulação de pedestres na Estação São Bento, 1976.

²⁹ LEFÈVRE, 1999, p. 22.



Imagem 8: Umas das intersecções da Rua São Bento: Praça do Patriarca. Foto da autora, janeiro de 2021.

Quanto mais adentra-se ao “Triângulo” e perto da estação do metrô, maior o movimento e a pluralidade na circulação e no ambiente, pois concentrados nesta região há diversos usos. Entre finalidades distintas que trazem e concentram a população na região do “Triângulo Histórico”, deparamo-nos com ambulantes, profissionais do setor financeiro, turistas, não-transeuntes, religiosos, trabalhadores, passantes, entre outros. Em um cenário tomado por altos edifícios, presente e passado se mesclam e refletem a realidade do cotidiano da região:

Caracteriza-se principalmente pelo contraste e pelo movimento, nos quais o colorido dos muros e das pessoas por vezes contrasta com o cinza dos prédios, do chão e também dos engravatados que trabalham aos arredores da rua XV de Novembro. (KLEIN, 2016: 24).



Imagem 9: Transeuntes e não transeunte na São Bento. Foto da autora, setembro de 2018.

Este mesmo centro já foi o lugar de uma minoria, quando então as elites da cidade ocupavam a região. O mesmo motivo responsável por atrair as pessoas para a rua e às ruas do Centro Velho da cidade no passado, as atrai hoje também. Antes — vou à cidade — era utilizado como uma forma de dizer que estava-se indo à região hoje compreendida como Centro Velho, no passado como o principal centro da época, “local de consumo, comércio e negócio das elites” (Bonduki, 1983:151). Mais tarde, o Centro Novo, passa a ser uma região também frequentada pelas elites da cidade, movimento que teve seu início no final no século XIX, expandindo a região central da cidade e desconcentrando parte do comércio da região do “Triângulo Histórico” a partir do começo do século XX. Juntos, Centro Velho e Novo se configuraram como o centro comercial e cultural da vivência paulistana por muitos anos, aspecto que será trabalhado com mais detalhes no próximo subcapítulo.

Dois marcos importantes para a expansão central em direção ao Centro Novo da cidade são a construção do Viaduto do Chá, que liga o Centro Velho ao Centro Novo e o Theatro Municipal, o primeiro inaugurado em 1892 e o último em 1911.



Imagem 10: Inauguração do Viaduto do Chá em 1892. Biblioteca Nacional (Brasil).



Imagem 11: Theatro Municipal. Guilherme Gaensly/Acervo Instituto Moreira Salles, 1908.

No dia da inauguração do Theatro Municipal, 12 de setembro de 1911, os paulistanos também se depararam com o primeiro congestionamento da cidade. Como se tratava de um evento elegante, os veículos movidos a tração animal e os carros motorizados, que na data eram pouco mais de 100, eram essenciais. Com todos se dirigindo ao Theatro ao mesmo tempo, a região logo ficou engarrafada. Sobre o evento, José Roberto Walker recorda do testemunho de Jorge Americano, escritor, professor e advogado, que esteve presente nesse primeiro espetáculo:

Às oito o landau estava parado na nossa porta. Vinte mil réis para levar, esperar e trazer. O cocheiro disse que a coisa estava ruim para ir até lá. Atingimos a Praça da República às oito e meia. Quando fomos entrando pela rua Barão de Itapetininga tudo parou. Chegamos ao Municipal às 10 e 15, no começo do segundo ato. Mas ninguém teve a iniciativa de descer e seguir a pé seria escandaloso. (WALKER, 2017: 1 *apud* AMERICANO, s.d).

Sobre este mesmo ano, vale ressaltar a análise acerca da realidade geográfica e sobre a quantidade de pessoas que já ali circulavam e preenchiam o espaço, justificando a necessidade da expansão da região do Centro Velho:

Em 1911 consta-se que, apesar das providências tomadas, o centro comercial do Triângulo era “exíguo e congestionado e a solução seria sua ampliação” — um problema que por sinal se tornaria recorrente —, com a necessidade do alargamento de algumas ruas e o anúncio do já mencionado plano de sua expansão para o Vale do Anhangabaú. (FRÚGOLI JR., 2000: 52).

Com a abertura do Viaduto do Chá, a Praça da República, que recebeu esse nome após a Proclamação da República, em 1889, e que já foi chamada de Largo dos Curros, quando foi palco de touradas e cavalgadas, começou a desenvolver-se mais, região que até então se mantinha mais isolada. Esta ligação se dá inicialmente por meio da Rua Barão de Itapetininga e se hoje, tanto a rua quanto a Praça se configuram também como espaço de passagem, no passado ocupavam um lugar diferente na cidade. Hoje a região é frequentada, principalmente, pelas classes populares, ainda mais que a região do Centro Velho, pois nesta ainda há expressão do setor financeiro, principalmente se nos atentarmos às duas grandes unidades da “B3” — *A bolsa do Brasil* — uma na Praça Antônio Prado e outra bem próxima, na Rua XV de Novembro. O comércio e serviços populares movimentam a Rua Barão de Itapetininga que já se configurou como lugar pioneiro de lojas elegantes no Centro Novo, no início da expansão comercial para a região. Já a Praça da República, que recebe a sua já tradicional feira de artesanatos aos domingos, que diariamente acompanha o vai e vem dos que utilizam a estação da Linha 3 - Vermelha do metrô ali fixada, que é espaço de cerimônias religiosas de imigrantes africanos e que é, inclusive, ponto de prostituição, também se configura como um símbolo para a educação. Abrigando atualmente a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, o Edifício Caetano de Campos sediou a Escola Estadual Caetano de Campos a partir de 1894 (Primeira Escola Normal Paulista), fundada em 1846 próximo à Catedral da Sé.

No final da década de 40, a Praça da República também se configurava como um lugar para crianças brincarem durante o dia e namorados se encontrarem durante à noite:

A Praça da República — belo jardim em pleno coração da cidade — é o “quintal” das crianças que moram nos apartamentos que a circundam. Pela manhã e à tarde, é muito comum ver-se, em diferentes pontos do logradouro, senhoras a bordar, a costurar ou a ler, enquanto seus filhos brincam no jardim. Na praça da República está instalado um magnífico “play ground”. Êsse jardim de belas e pujantes árvores, guarnecido de flores, é também um lugar romântico. À noite, na ponte que a câmara fotográfica fixou, se reúnem os namorados para os seus sonhos e juras de amor. E' um recanto de paz e tranquilidade na metrópole agitada, atordoada de ruídos. (ALMEIDA JR., 1949: 35).

Para a análise da região central da cidade ontem e hoje é necessário um olhar de perto, apto a compreender suas dinâmicas cotidianas, identificar seus atores e interpretar seus símbolos:

Portanto, em vez da habitual perspectiva de longe, ou de passagem — a primeira, característica da visão que privilegia o nível das macro variáveis e a segunda, cujo paradigma é o simulacro sem referente na “hiperrealidade” — o que se propõe é um enfoque de perto e de dentro, capaz de permitir traçar, se não um diagnóstico exaustivo dos problemas da cidade, ao menos o movimento de alguns processos urbanos e reconhecer as articulações entre suas dinâmicas. (MAGNANI, 1998: 3).

O centro pode configurar-se como outra cidade que — como um imã (ROLNIK, 1988: 3) — é sinônimo do aglomerado da região atualmente. Por reunir ofertas de emprego, atividades de serviço e comércio e também por se caracterizar pela região

que deu origem a cidade que conhecemos hoje, o Centro Velho atrai a população ao seu encontro.

Em termos conceituais, podemos entender que o significado de cidade pode se alterar a partir e a depender de períodos de tempo e contextos. Este não é um conceito fechado ou datado, sugere algumas interpretações. Por exemplo, o que caracteriza a cidade de São Paulo hoje como metrópole, a partir do auge de seu processo de modernização na metade do século XX, trazendo movimentação, polifonia e iluminação, se difere muito do que a cidade representou antes deste período e até atingi-lo. A cidade se configura como produto histórico e social:

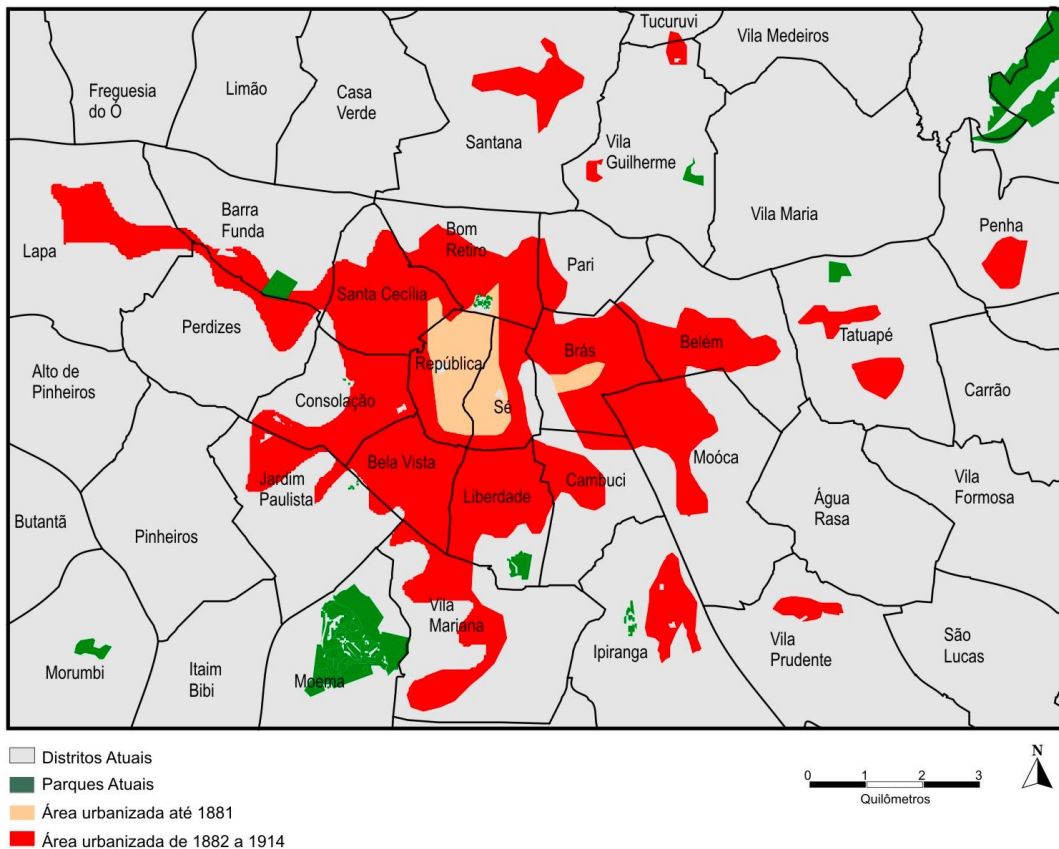
Na obra de Pierre George, a cidade é analisada de forma mais abrangente, envolvendo uma perspectiva histórica: a cidade é, em cada época, o produto de uma organização das relações econômicas e sociais que não se limita a exercer sua influência sobre as únicas aglomerações urbanas. Para ele, as cidades fazem parte de um conjunto e as formas das relações entre elas e dos diversos setores do conjunto seriam particulares a cada tipo de estrutura econômica e social. (CARLOS, 1992: 68).

Por estes motivos pode-se entender que a forma como a cidade se autoexplica, mesmo que se modificando ou se transformando depende das noções de territorialidade e subjetividade. O que dita o que é cidade está em íntima relação à experiência espacial e temporal, pois representa certo entendimento em termos de extensão e compreensão da realidade.

O modo como a cidade se expandiu a partir de seu embrião central no final do século XIX pode ser analisado comparando a quantidade de habitantes na cidade em 1872 e 1900, no primeiro e terceiro censos da cidade, assim como suas áreas urbanizadas. Ao se comparar a população de São Paulo no período, identificou-se um aumento de mais de 200.000 habitantes³⁰.

³⁰ Prefeitura Municipal de São Paulo. Censos de 1872 e 1900.
Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1872.php
e http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1900.php.

Área Urbanizada 1882/1914



Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa.
 Mapa de Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo, 2002/2003.
 Adaptação: Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/Dipro

Imagem 12: Área urbanizada da cidade de São Paulo entre 1881 e 1914. Percebe-se o crescimento urbano a partir do centro (distritos da Sé e República), se expandindo ainda para outros distritos da zona central da cidade, iniciando a expansão para as demais zonas.

Prefeitura Municipal de São Paulo.

O entendimento da zona central da forma com que ela se apresenta hoje passa pelo processo de revisitação de seu espaço construído. Gottdiener (2010), ao analisar o crescimento socioespacial das cidades, estabelece relação ao seu processo de crescimento amorfo, que o mesmo designa como *desconcentração*, uma vez que as cidades se desenvolvem a partir de uma realidade compacta e, desta forma, com regiões em permanente expansão, como é o caso de São Paulo. Até 1929 a área

urbanizada da cidade se concentrava principalmente no centro expandido. A partir do início da década de 1950 a cidade se encaminha para uma taxa de urbanização bastante elevada, contando com mais de 2 milhões de habitantes, superando o Rio de Janeiro, a então cidade mais populosa, em 1952³¹.

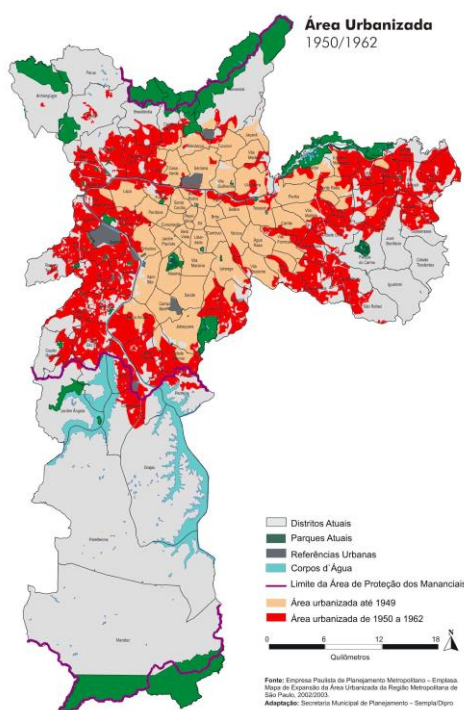


Imagem 13: Área urbanizada da cidade até 1949 (em salmão) e a partir de 1950 e até 1962 (em vermelho). A área continua a se urbanizar a partir da região central tradicional.

Prefeitura Municipal de São Paulo.

Hoje — ir à cidade — ainda pode ser uma forma de dizer que se está indo à região do Centro Velho da cidade, até mesmo com a mesma finalidade de antes. O que houve, sobretudo, foi uma mudança de público. A região central tradicional é sinônimo da cidade de São Paulo. A partir do olhar voltado à própria construção da rua, seu desenvolvimento e mudanças ao longo do tempo, evidencia-se um paralelo entre o hoje e o ontem identificando processos responsáveis por diversas transformações no panorama urbano. Porém, em seus vários pontos é possível

³¹ IBGE. Gráfico mostra os 20 municípios mais populosos desde o primeiro censo. Disponível em: <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/25467-grafico-mostra-os-20-municipios-mais-populosos-desde-o-primeiro-censo.html>.

visualizar, por meio das edificações, instituições, símbolos e representações a forma como a religião, a cultura e o comércio compõem características que representam o significado desta região tanto hoje como no passado. O comércio, a cultura e a história movem o cotidiano da região.

2.2 - Religiosidade, cultura e comércio: o conjunto que espelha a vida cotidiana do centro da cidade

Caminhar é uma forma de falar³² e, caminhando pelas ruas do entorno do “Triângulo Histórico” é possível notar diferentes formas de perceber a região. Há os que caminham atentos a cada passo, os que caminham mais depressa, de olho no relógio e há outros que caminham a passos mais lentos, mas nem sempre observando ao seu redor. Estes podem ser do “pedaço”, desprovidos do instinto da curiosidade cotidianamente:

A diferença com a idéia do pedaço tradicional é que aqui os freqüentadores não necessariamente se conhecem - ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro -, mas sim se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes. Está-se entre iguais, nesses lugares: o território é claramente delimitado por marcas exclusivas. O componente espacial do pedaço, ainda que inserido num equipamento de amplo acesso, não comporta ambigüidades porque está impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica. O desavisado que por alguma razão entrasse num desses locais poderia até não concordar com a noção, mas com certeza sentiria, na pele, o que significa "não ser do pedaço". (MAGNANI, 1992: 196).

No centro da cidade há muitas pessoas que são do “pedaço”, mas ainda assim, dentre os que circulam na região todos os dias, às vezes ou nem sempre há todo um ambiente construído por pessoas e edificações a ser percebido. Ao se atentar ao panorama da região, percebe-se suas altas construções e sua multidão. Dentre esses prédios antigos, a maioria abrange atividades comerciais e de serviço, mas também, nos prédios e arredores identifica-se um reduto cultural bastante significativo, além da

³² PAIS, 2010: 135.

expressão religiosa existente nesta região. Não apenas os edifícios denunciam a essência da região, mas também as pessoas que ali circulam diariamente.

Com trajes religiosos, fotografando seu entorno ou de sacolas nas mãos evidencia-se a forma como as pessoas dão significado e símbolos a este lugar. É por meio desta visualização que se entende a forma como a religiosidade, a cultura e o comércio refletem o cotidiano do centro da cidade. Dentro desse "Triângulo Paulistano" que se configurou durante o final do século XIX e início do século XX como o centro comercial, elegante e intelectual da vivência na cidade há também hoje um conjunto de três principais bases que conferem à região sua pluralidade e reafirmação de sua realidade histórica. O marco religioso e as atividades culturais e comerciais nos arredores do "Triângulo Histórico" serão trabalhadas neste subcapítulo como subitens separados, ainda que se meschem entre si, refletindo sobre a realidade da região hoje e no passado, evidenciando a maneira como a história da própria Rua São Bento e aspectos presentes no período acima ainda estão preservados atualmente. A rua e seu entorno, que se configuram como uma área quase que exclusivamente comercial, é rodeada por história e cultura por todos os lados, traços que remontam ao nascimento e desenvolvimento da cidade de São Paulo.

2.2.1 - Religiosidade:

Via ficou famosa por unir igrejas — intitula a matéria do jornal O Estado de São Paulo do dia 13 de março de 1996 e refere-se a Rua São Bento ou “Rua que vai para São Francisco”, nome por qual ficou conhecida com a construção do Convento de São Francisco em 17/09/1647³³. Além de outros nomes que lhe foram concedidos ao longo dos últimos séculos, tendo a rua nascido quase junto à cidade, o nome que conhecemos hoje, “São Bento”, se dá em relação ao Mosteiro de São Bento, localizado no largo de mesmo nome. No ano de 1598³⁴ este largo foi escolhido pelo

³³ Prefeitura Municipal de São Paulo. Rua São Bento, Sé. Dicionário de ruas. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>.

³⁴ Prefeitura Municipal de São Paulo. Largo São Bento, Sé. Dicionário de ruas. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>.

Frei Mauro Teixeira, um monge beneditino discípulo do Padre José Anchieta para a fundação de uma pequena igreja em homenagem a São Bento. Frei Mauro passou a ser conhecido por este nome, porém, antes se chamava Simão Luís e era paulista, nascido em São Vicente, conhecido do cacique Tibiriçá. Em 1600 o terreno foi doado pela Câmara de São Paulo³⁵ aos monges e a pequena igreja se transformou em um mosteiro com a vinda de outros três monges beneditinos para São Paulo: frei Bento da Purificação, frei Mateus de Ascensão e frei Antonio de Assunção. De acordo com Ernani Silva Bruno (1991a): “(...) o local do convento — o pátio de São Bento — era um dos pontos mais importantes da povoação”. (p.156). Nos últimos anos do século XIX a construção foi demolida e entre 1910 e 1912³⁶ iniciou-se a construção do novo Mosteiro de São Bento, tendo sua conclusão no ano de 1921 e a consagração da Basílica Nossa Senhora da Assunção no ano seguinte, época em que foram instalados os sinos e o relógio no Mosteiro, por meio do qual muita gente acertava o tempo³⁷.

³⁵ Arquidiocese de São Paulo. Basílica Nossa Senhora da Assunção - Mosteiro de São Bento. Disponível em: <http://arquisp.org.br/regiao/se/paroquias/mosteiros-igrejas-historicas-oratorios-da-regiao-se/basilica-nossa-senhora-da-assuncao-mosteiro-de-sao-bento>.

³⁶ Mosteiro de São Bento. Disponível em: <http://www.mosteiro.org.br/>.

³⁷ Diário Popular, São Paulo: 22 dez. 1978: n.p.



Imagem 14: Mosteiro de São Bento. Guilherme Gaensly/Acervo Instituto Moreira Salles, 1920.

Dentre suas ligações e interpretações o Mosteiro representa um dos vértices de outro triângulo imaginário da história de São Paulo, este ligando o último a Paróquia Santuário São Francisco de Assis³⁸ e a Igreja da Ordem Terceira do Carmo³⁹. Nessa região, concentrou-se o tecido urbano de São Paulo por muitos anos.

³⁸ O Convento de São Francisco foi inaugurado em 1647. Matriz Paroquial São Francisco de Assis. Disponível em: <http://arquisp.org.br/regiao/se/paroquias/paroquia-sao-francisco-de-assis/matriz-paroquial-sao-francisco-de-assis>.

³⁹ A área onde se situa a igreja é ocupada pelos carmelitas desde 1592, a princípio tendo recebido a igreja e o convento de Nossa Senhora do Carmo. A construção atual foi erguida na metade do século XVIII. Igreja da Ordem Terceira do Carmo. Disponível em: <https://monumentos.spturis.com.br/igreja-ordem3-nossa-senhora-carmo/>.

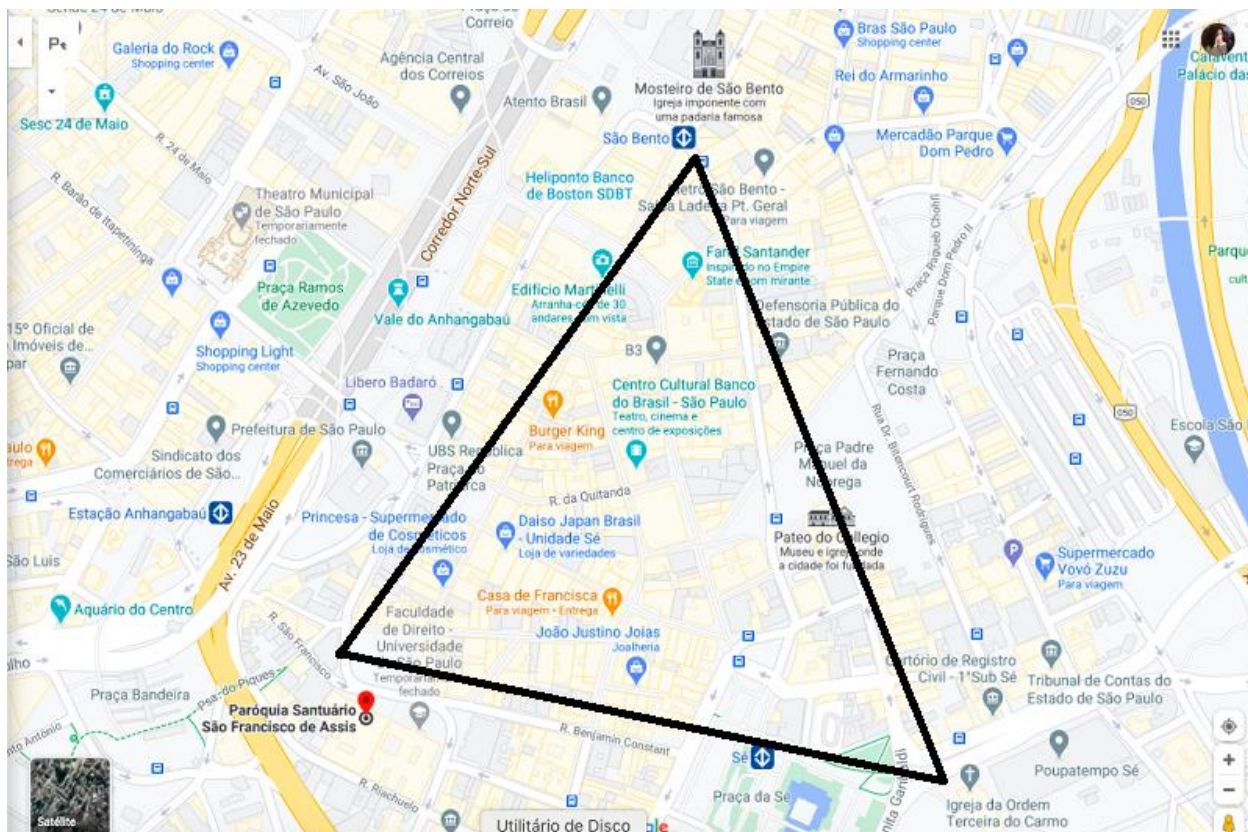


Imagem 15: Área dos três vértices do triângulo imaginário da região central de São Paulo editada no Google Maps. Edição feita pela autora, fevereiro de 2021.

No antigo convento existente no Largo de São Francisco instalou-se a Academia de Direito (Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo - USP) em 1827, sendo construído um edifício para ela em 1930⁴⁰. Instalada em um dos vértices deste triângulo da cidade há um motivo para que o convento de São Francisco fosse o escolhido para abrigar a Academia:

Sobre o aspecto interno dos conventos do Carmo, de São Bento e de São Francisco nesse tempo conhece-se o depoimento de Rendon, o primeiro diretor da Academia de Direito. Encarregado de escolher um deles para a instalação do Curso Jurídico, escreveu ele em 1827 ao Ministro do Império: “O primeiro e o segundo [Carmo e São Bento] não têm capacidade para nêles se estabelecer o curso jurídico porque não tendo celas senão nas frentes, estas têm pouca extensão e apenas em cada uma delas se arranjariam três

⁴⁰ Faculdade de Direito. Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.direito.usp.br/>.

aulas; e para isso seria preciso expulsar os frades e demolir tôdas as celas, para delas e dos corredores formar salões. (BRUNO, 1991: 141⁴¹).

Já nesse ano, com a expectativa da vinda de muitos estudantes, inclusive de outros estados, e o crescimento da Academia, era necessário pensar em uma estrutura que comportasse sua expansão ao longo dos anos. A fundação da Faculdade de Direito contribuiu de forma significativa para o crescimento da cidade, pois, com ela e a partir da necessidade dos estudantes, foram nascendo ao redor residenciais, restaurantes, bares etc.

No caminho de São Bento para São Francisco passa-se pela Igreja de Santo Antônio⁴², uma das mais antigas da cidade, localizada na Praça do Patriarca. A “Velha Sé”, antiga igreja da Sé se situava próximo à confluência da Rua Direita com a XV de Novembro⁴³ e começou a ser construída no final do século XVI. Um importante aspecto sobre a atual Catedral Metropolitana de São Paulo, a Catedral da Sé, que teve sua pedra fundamental colocada em 1912 pelo então arcebispo metropolitano Dom Duarte Leopoldo E Silva é que ela se torna um marco para o 4º centenário da cidade, sendo inaugurada em 25 de janeiro de 1954. A intenção, no entanto, era que a construção ficasse pronta em 10 anos (1922) a fim de que São Paulo pudesse comemorar com grandes festejos o primeiro centenário da independência nacional⁴⁴. O atraso se deu por falta de dinheiro e a ocorrência das duas Guerras Mundiais que prejudicaram a importação de materiais⁴⁵. Também é na Catedral que repousam os restos mortais do Cacique Tibiriçá. Com a criação da diocese em São Paulo em 1745,

⁴¹ BRUNO, 1991a: 141 *apud* Almeida Nogueira, op. Cit., I, págs. 30 e seguintes.

⁴² Os primeiros registros de sua existência datam de 1592, ainda como uma pequena igreja, o que leva a crer que sua fundação é anterior a essa data. Arquidiocese de São Paulo. Igreja Santo Antônio - Patriarca. Disponível em: <http://www.arquisp.org.br/regiao/se/igrejas/mosteiros-igrejas-historicas-oratorios-da-regiao-se/igreja-santo-antonio-patriarca>.

⁴³ Como era São Paulo sem a Catedral da Sé. Acervo Estadão, São Paulo: 12 dez. 2012. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,como-era-sao-paulo-sem-a-catedral-da-se,8789,0.htm>.

⁴⁴ O Estado de São Paulo, São Paulo: 06 jul. 1913: 1-2.

⁴⁵ Arquidiocese de São Paulo. Catedral Metropolitana Nossa Senhora Assunção e São Paulo - Sé. Disponível em: <http://www.arquisp.org.br/regiao/se/igrejas/mosteiros-igrejas-historicas-oratorios-da-regiao-se/catedral-metropolitana-nossa-senhora-assuncao-e-sao-paulo-se>.

a cidade deixou a então jurisdição do bispo do Rio de Janeiro, sendo elevada à arquidiocese tempos depois, em 1908.

Outra importante ligação religiosa do Mosteiro se dá em relação ao Colégio dos Jesuítas, primeira edificação de São Paulo, erguida próximo ao atual Pateo do Collegio. Esta ligação deu origem ao caminho que havia de se transformar na futura Rua XV de Novembro⁴⁶. Em termos de expansão do centro da cidade, pode-se evidenciar um dos caminhos que liga o Centro Velho ao Centro Novo, o Viaduto Santa Ifigênia, inaugurado em 1913⁴⁷ e construído para melhorar o acesso aos dois lados do centro. Desde que foi construída a atual Igreja de Santa Ifigênia, o Viaduto também faz a ligação entre o Mosteiro e a mesma.



Imagem 16: Largo de São Bento e Viaduto Santa Ifigênia. Guilherme Gaensly/Acervo Instituto Moreira Salles, 1920.

⁴⁶ BRUNO, 1991a: 151.

⁴⁷ Governo do Estado de São Paulo. Viaduto Santa Ifigênia. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/pontos-turisticos/viaduto-santa-ifigenia/>.

Entre os anos de 1930 e 1954 funcionou como Catedral provisória de São Paulo, quando então a atual Igreja da Sé foi inaugurada. Em 1720⁴⁸ já existia uma capela onde está localizada a Igreja de Santa Ifigênia, mas é interessante notar que sua construção data de anos mais tarde que as igrejas do Centro Velho, construídas entre o final do século XVI e início do século XVII. Fora estas, o centro conta com muitas outras igrejas.

Com a elevação de São Paulo à condição de cidade, em 1711, novas igrejas passaram a surgir e algumas das mais antigas foram reformadas. Este ano reflete as transformações dos anos seguintes:

Foi também nessa época que se edificaram mais alguns templos em São Paulo e se reformaram alguns de seus conventos primitivos, como se a povoação, passando à categoria de cidade e habitação de capitães-generais, sentisse a necessidade de se enriquecer de novos edifícios religiosos e de se enobrecer com o aprimoramento de suas construções antigas de maior porte. (BRUNO, 1991a: 123).

Desta forma, pode-se perceber, o modo como as igrejas foram fundamentais na construção, desenvolvimento e expansão da cidade.

De volta ao Largo e à Rua São Bento, atualmente no Mosteiro vivem por volta de 45 monges que se dedicam à tradição do *ora et labora*, “oração e trabalho”, e pode-se encontrar na padaria existente no Mosteiro quitutes feitos por eles. Além disso, junto à padaria há uma loja com pratarias e objetos religiosos à venda. Em se tratando da herança histórica e cultural do Mosteiro, não seria possível não mencionar sua biblioteca, presente desde a fundação do Mosteiro. Com um acervo plural, reúne desde obras do século XV até periódicos, totalizando mais de 100.000 volumes. Também, por sua imponência e belíssima sonoridade, o órgão do Mosteiro é famoso e encanta os mais variados públicos. No final do ano de 2002 o público pôde, em pleno

⁴⁸ Arquidiocese de São Paulo. Matriz Paroquial Nossa Senhora da Conceição - Santa Ifigênia. Disponível em: <http://www.arquisp.org.br/regiao/se/paroquias/paroquia-nossa-senhora-da-conceicao-santa-ifigenia/matriz-paroquial-nossa-senhora-da-conceicao-santa-ifigenia>.

centro da cidade e à noite, assistir ao Festival Internacional São Bento de Órgão que acontecia no Mosteiro. Sobre o evento, Laís de Barros Monteiro Guimarães comenta:

Ruas quase desertas, a neblina leve e a iluminação dos prédios vizinhos emolduram o interior do mosteiro em quietude e paz, como que preparando os ouvintes para ouvirem Bach, Schubert, Gigout, Bédard, Braga, Wagner. São 20h30 e dentro em pouco se iniciará mais um concerto musical. É tal o encantamento que, quem passa, se extasia e entra no templo para melhor ouvir. Há lugar para 700 ouvintes sentados. (...). (...) Adultos, crianças, ricos, pobres, metaleiros, punks... Todos se extasiam. O público aumenta a cada concerto e o local fica repleto, com público até mesmo do lado de fora. (GUIMARÃES, 2005: 108).

Hoje, quase 20 anos depois, é difícil entender quando o Mosteiro está aberto ou não ao público. Até mesmo antes da pandemia de Covid-19 foram poucas as vezes que suas portas estavam abertas. Festivais, palestras ou eventos culturais são pouco divulgados ou inexistentes. Porém, é comum ver certa movimentação no complexo beneditino pela manhã, pois anexos ao Mosteiro estão o Colégio São Bento (1903) e a Faculdade de São Bento (1908), a primeira faculdade livre de Filosofia do Brasil. Caminhando de manhã pelo Viaduto Santa Ifigênia é comum ver mães e pais vindos do Centro Novo arrastando mochilas de rodinhas com seus filhos pequenos à caminho do Colégio, em meio ao panorama da grandiosidade do complexo beneditino.

Sobre a importância e poder da religiosidade e do Mosteiro na São Paulo do início do século XIX, a pesquisa de Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno (2005) sobre o tecido urbano e mercado imobiliário em São Paulo, baseado na Décima Urbana de 1809⁴⁹, traz alguns dados interessantes. Dentre os imóveis registrados neste ano, havia 748 proprietários urbanos, sendo o Mosteiro de São Bento um deles, possuindo 61 imóveis. Havia também vários outros proprietários religiosos, como o Convento do

⁴⁹ Primeiro imposto predial estabelecido para as cidades brasileiras.

Carmo que possuía 22 imóveis. Além da representação religiosa, os beneditinos também possuíam e administravam imóveis na região central da cidade:

Assim como no Rio de Janeiro, os beneditinos ocupavam posição de destaque, dispondo de significativo patrimônio imobiliário urbano, na sua maioria casas térreas de um lance, construídas para renda de aluguel, que em média eram alugadas por 12\$000rs, chegando a atingir a cifra dos 19\$000rs nas melhores localizações⁵⁰. Também se destacaram como empresários urbanos no período colonial, construindo conjuntos de casas de aluguel na área envoltória aos mosteiros, envolvendo inclusive projetos aprovados pelos superiores hierárquicos da Ordem, sediada no Mosteiro de Tibães, em Braga. (BUENO, 2005: 82).

A Rua São Bento já ficou conhecida como a mais católica das ruas da cidade por abrigar tantos pontos sacros⁵¹, porém, a presença e a atuação da Igreja na cidade ao longo dos anos não se limitou à prática religiosa. As grandes construções que vemos hoje no centro da cidade são espelho da herança entre a vida cotidiana, religião e a cultura da cidade. Ao longo do próximo subitem, será demonstrado como a cultura também sofreu mutações ao longo dos anos, se diferenciando de tempos em tempos.

2.2.2 - Cultura:

No passado, as igrejas marcavam forte presença no entorno da Rua São Bento, aspecto sentido até os dias de hoje ainda pela presença de seus edifícios e badaladas de seus sinos, como abordado no subitem anterior. Além delas, a Rua São Bento também era famosa por suas livrarias, sobretudo no século XIX, se configurando por

⁵⁰ De acordo com a autora: “A localização mais central, junto às ruas comerciais ou à Sé, garantia melhores preços aos imóveis”. (BUENO, 2005: 77). Dentre as ruas comerciais citadas nesta página estão, Rua São Bento, Direita e do Comércio.

⁵¹ O Estado de São Paulo, São Paulo: 13 jun. 1996: n.p.

“um logradouro estreito em geografia, mas profundo no sentido cultural”⁵². No início do século XX os cinemas de rua da cidade se configuraram como os novos espaços de lazer e sociabilidade e, de acordo com Boris Fausto: “(...) a grande atração de todos os domingos eram as sessões do cinematógrafo, anunciadas com destaque pelos jornais”. (FAUSTO, 2019: 20).

⁵² Ibidem.

O ESTADO DE S. PAULO — TERÇA-FEIRA, 3 DE SETEMBRO DE 1929

PAE S/A. EMPRESA SERRADOR — Rua Conselheiro, 42 — Telefone, 4.156. — HOJE

ODEON
O GRANDE CINEMA PAULISTA

SALA VERMELHA
WILLIAM FOX MOVIE TONE
FOLIES
A MULHER DO TOUREIRO
Castilho em homenagem por RACHEL MELLER.
O último número do FOX JOURNAL MOVIE TONE — Com ilustrações e aspectos de reportagem humana mundial.

SALA AZUL
A MULHER DO TOUREIRO
Castilho em homenagem por RACHEL MELLER.
O último número do FOX JOURNAL MOVIE TONE — Com ilustrações e aspectos de reportagem humana mundial.

SONOS DE BASTIONES
ODEON
MUSIC AND THEATRE

BRAS POLYTEAMA
QUEM É O CULPADO?
O RAPAZ DO CRAVO
PRESA DE AMOR
PRINCE ORLOFF
LUA DE MEL
VIDA ALADA CALIFORNIA

AMERICA
THEATRO MUNICIPAL
JOSEF ROSENBLAT
Grande concerto pelo famoso cantor israelita.
Projeção de 5000 a 20000

PAULISTANO
Um anjo entre feras
CINE PAULISTANO
AMANHÃ: JUNIOR
CINE PAULISTANO
AMANHÃ: JUNIOR

PETROMAX - PAE e seus OITO FILHOS
sem parte e sem multa!
Rua das Flores, 51, Laje - R. Laje e R. Laje, Laje. — São Paulo — Est. 278

BOMBAS CENTRIFUGAS
Glyceophosphato ROBIN
LOCOMOVEIS

HOJE S. BENTO HOJE
MARGARETE LA MOTTE
HARRY MYERS
FRANK LEIGH
na alta comedia dramatica
ROSAS DE MONTMARTRE
Hoje: 14, 15, 30, 17, 18, 30, 20, 21, 30 — Poltronas, 3000.
Clara Bow em GAROTAS NA FARRA

Theatro Sani' Anna
RAFFAELE VIVIANI
Compagnie de Actes Napolitains
A FIGLIA DI VETTURINI
DA NOVO
POLTRONAS - 6000

PHENIX
MENINAS LOUCAS
MACHINAS E ACESSÓRIOS OMNIBUS

ORION
MACHINAS E ACESSÓRIOS OMNIBUS

PROXIMA SEMANA - ODEON - SALA VERMELHA
CORINNE GRIFFITH em
SO' POR AMOR
SUPERPRODUÇÃO
SYNCHRONISADA
FIRST NATIONAL PICTURES

Campinas - Recordações
LEOPOLDO AMARAL
CADA LIVRO AZUL

Imagem 17: Anúncios de sessões de cinema e concertos musicais com destaque para o Cine São Bento (1927) e Odeon (1928). O Estado de São Paulo, 03 set. 1929, p. 24.

Os primeiros cinemas da cidade concentravam-se no Centro Velho, mais tarde irradiando-se para outras partes da cidade: "Aqui em São Paulo, a primeira sala regular para projeção de filmes — o BIJOU-PALACE — data de 1907 e na sua esteira, inúmeros outros endereços surgem no centro da cidade, principalmente no triângulo compreendido pelas ruas Direita, São Bento e XV de Novembro". (SIMÕES, 1990: 9).

Em 1909 inauguraram dois cinemas na Rua São Bento, o Édén Cinema e o Radium Cinema, o último encerrando suas atividades em 1914.

Abaixo há uma tabela elaborada com dez salas de cinema com seus respectivos locais e anos de inauguração para demonstrar parte da evolução dos cinemas na região central da cidade:

BIJOU-PALACE	ÉDEN CINEMA	RADIUM CINEMA	CINE THEATRO REPÚBLICA	CINE SÃO BENTO	ALHAMBRA	ODEON	CINE ROSÁRIO	UFA-PALACE	CINE ÁUREA
Rua São João (atual Avenida São João)	Rua São Bento	Rua São Bento	Praça da República	Rua São Bento	Rua Direita	Rua da Consolação	Rua São Bento (anexo ao Martinelli)	Avenida São João	Rua Aurora
1907	1909	1909	1921	1927	1928	1928	1929	1936	1957

Imagem 18: Seleção de cinemas de rua no centro da cidade entre 1907 e 1957. Elaborado pela autora.

Em 1936, quando se inaugurou o UFA-PALACE na Avenida São João, e nos anos seguintes, muitos cinemas mais pareciam palácios. Nessa época, a representação arquitetônica dos cinemas também se relacionava com a expansão central e o desenvolvimento da cidade:

O centro da cidade, não obrigatoriamente o geográfico, mas o que se torna referência obrigatória, ponto de passagem inevitável que parece concentrar a alma da cidade, inicia o seu deslocamento — abandonando o triângulo formado pelas ruas Direita, São Bento e XV de Novembro — em direção à avenida São João e arredores, onde já se concentram hotéis luxuosos, leiterias, casas de chá, lojas modernas e cinemas. O UFA-PALACE, por exemplo. O UFA-PALACE está à altura do progresso de São Paulo, dirá mais uma vez o cronista da época. (Ibidem: 35).

Entre os anos 30 e anos 50 a região do Centro Novo concentrou um grande número de cinemas, configurando-se como a “Cinelândia Paulista”.

Até os anos 80 uma infinidade de cinemas nasceram e morreram por toda a cidade. No centro, alguns dos edifícios que abrigaram cinemas tiveram mudanças de uso ou de público, como aconteceu com o Cine Metro. Inaugurado em 1938, na Avenida São João, teve seu enorme edifício vendido à Igreja Internacional da Graça de Deus em 1997. Transformações deste tipo são reflexo do que passa a acontecer na região a partir dos anos 60, época em que houve o deslocamento do centro da cidade em direção à Avenida Paulista. A partir de então, inicia-se um movimento de deslocamento não só de atividades e público, mas também do setor imobiliário, que passa a ter interesse em outras regiões da cidade, a fim de construir novos bairros e avenidas. Com a inauguração do Conjunto Nacional em 1956, do renomado arquiteto brasileiro David Libeskind (1928-2014), a Rua Augusta, importante via de ligação entre o centro da cidade e a Avenida Paulista, e própria avenida passam a configurar-se como ruas das elites paulistanas⁵³. Com o “centro antigo” perdendo seus atrativos e seu público, que agora teria outro centro, novo, a frequentar, o “centro antigo” começa a passar por um processo de depreciação. Este aspecto, que será mais aprofundado no subcapítulo 3.3, trouxe mudanças à região central da cidade, tornando-a acessível aos serviços, como os cinemas e o comércio direcionados às classes populares.

Dos dez cinemas listados acima, todos tiveram os usos de seus edifícios ou públicos alterados e o período em que isso ocorreu acompanhou a transformação de cada parte da região central e os anos de inauguração de cada cinema também.

O Cine São Bento, inaugurado em 1927 na Rua São Bento, iniciou suas atividades com um clássico do cinema mudo, “Tristeza de Satanás”. O cinema pertenceu à Bunge até 1928, a empresa concentrava seus escritórios no centro da cidade pela disponibilidade de serviços encontrados na região, como facilidades para locação e serviços telefônicos⁵⁴. Chegou a ter escritórios na Rua São Bento. A

⁵³ VILLAÇA, 1993: 5.

⁵⁴ São Paulo Antiga. Cine São Bento: 28 out. 2014. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/cine-sao-bento/>.

inauguração do São Bento foi noticiada na edição do dia 10 de setembro de 1927 do jornal O Estado de São Paulo.

O ESTADO DE S. PAULO — SÁBADO, 10 DE SETEMBRO DE 1927

O Genio do Mal na sua obra perturbadora das almas

Cinema S. Bento
Rua S. Bento, 37

Hoje-Inauguração-Hoje

HORARIO DAS RESSUR
1a de 14 hs. — 2a de 15,30 hs. — 3a de 17,40 hs.
4a de 19,30 hs. — 5a de 21,20 hs.

MUNDO EM FOGO

A super produção da PARAMOUNT

TRISTEZAS DE SATANAZ

com ADOLPHE MENJOU, RICHARDO CORTES,
CAROL DEMPSTER e LYA DE PUTTI

Preços: Poltronas . . . 3\$000

Film proibido para menores

Satan. expulso do Céu, traz a Tentação para o Mundo!

Imagem 19: Anúncio de inauguração do Cine São Bento. O Estado de São Paulo, 10 set. 1927, p. 17.

De acordo com o Departamento de Estatística do Estado, em 1939 o São Bento tinha capacidade para receber 565 espectadores⁵⁵. Tendo funcionado até 1950, foi o exibidor oficial da Paramount na capital paulistana. Após seu fechamento, não mudou tanto fisicamente, porém, não se encontra em boa conservação. Passando pelo edifício que hoje ocupa três números da Rua São Bento (241, 243 e 245), no centro da quadra entre a Praça do Patriarca e a Rua Miguel Couto, percebe-se que há preservação de características originais, porém, com o fechamento do cinema, algumas mudanças internas e externas foram implementadas. O espaço interno do cinema foi dividido em três lojas e sua fachada externa também sofreu modificações. Assim como muitos outros edifícios espaçosos construídos na cidade no século passado, o antigo Cine São Bento converteu-se em três estabelecimentos comerciais, hoje uma lanchonete e duas lojas de sapatos.

⁵⁵ Inventário DPH. Relatório de bens protegidos: Rua São Bento, 2012.



Imagem 20: Cine São Bento. Centro de Memória Bunge/Fundação Bunge, s.d.



Imagem 21: Edifício do antigo Cine São Bento, hoje com três estabelecimentos comerciais.
Foto da autora, dezembro de 2020.

Provavelmente quem caminha pela São Bento hoje não imagina que este edifício abrigou o antigo cinema, ou talvez, o prédio com parte de suas características preservadas, com aspectos não comuns à arquitetura atual, seja um convite a pensar a São Paulo de antes.

O edifício do antigo Cine São Bento, sua estrutura física ontem e hoje, fala por si só. Ao comparar-se as duas fotografias evidencia-se o processo pelo qual o “Centro Velho” passou e que ainda se faz notar. Quando foi inaugurado, o Cine São Bento recebeu as impressões do poeta modernista Guilherme de Almeida (1890-1969) que escrevia para a coluna crítica “Cinematógrafos” publicada entre os anos 1926 e 1942. Sobre o São Bento, Almeida escreveu: “Ele dará, com a alegria de seus ‘placards’ e de seus cartazes luminosos, uma nota viva de cores e luzes nesse trecho sutil e indeciso da Rua São Bento. Ele era uma necessidade ali, entre casas de modas,

papelarias, lojas de armarinhos, perfumarias...”⁵⁶. É interessante notar que neste mesmo trecho comentado por Almeida a rua ainda é movimentada por seus estabelecimentos comerciais, mantendo e intensificando este movimento quanto mais próximo da estação São Bento do metrô e diminuindo a intensidade após a Rua Direita.

O Cine Áurea, na Rua Aurora é outro exemplo de como os cinemas de rua, importantes espaços de cultura e lazer do século passado, passaram por mudanças decorrentes do processo histórico sentido na região. O Áurea exibia filmes de arte na época de sua inauguração, em 1957 e nos anos seguintes. Já nos anos 80, funcionava como espaço de exibição de filmes pornográficos, entretenimento comum na região do “Centro Novo” até hoje. Nessa época, o antigo Cine Áurea passa a chamar-se “Áurea Strip Show”, como relembra trecho da canção do músico paranaense Arrigo Barnabé: “Era sábado e ele ali, sozinho, sem nem um tostão, pensava naquela vedete morena que tirava a roupa no Áurea Strip Show, pensava nela dançando coquete, discoteque”. Atualmente o espaço abriga o Cine Kratos que também exibe filmes pornográficos, porém, por conta da pandemia de Covid-19 está temporariamente fechado. Há comentários na busca do espaço no Google que dizem que o cinema mudou de lugar, ainda na Rua Aurora, porém não há nenhum comunicado formal do mesmo a respeito. Configura-se como um exemplo de espaço onde se aproveitou sua estrutura interna física, a sala de cinema, para uma nova proposta de entretenimento alinhada aos interesses do público frequentador da região.

Foi nos anos 50 também que o “Centro Novo” se desenhava como o espaço mais importante da vida cultural e intelectual paulistana. O trecho da entrevista de Luiz Hossaka (1928-2009), o mais antigo funcionário e então conservador-chefe do Museu de Arte de São Paulo (MASP)⁵⁷, concedida a Heitor Frúgoli Jr. traz um panorama muito rico acerca da região enquanto berço cultural da cidade no período:

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Inicialmente, o Museu de Arte de São Paulo (MASP) foi instalado na Rua Sete de Abril, em 1947.

— Quando o museu começou a funcionar, São Paulo talvez tivesse dois milhões de habitantes. A Biblioteca Municipal era dirigida pelo saudoso Sérgio Milliet — escritor, poeta etc. Logo após o Masp, foi criado o Museu de Arte Moderna, e o Masp também criou um centro de estudos cinematográficos, que depois teve vida independente e se estabeleceu na Rua Quirino de Andrade. A Aliança Francesa, ali na Bráulio Gomes, promovia muitas atividades culturais e, juntamente com o Masp, promovemos muitas sessões de cinema, sessões temáticas — ou de diretores — , música e exposições. Tínhamos também uma parceria com o Serviço de Informações Americano — o Usis —, e a Cultura Inglesa. Depois nasceu a Escola Livre de Música, agora sediada na Rua Sergipe, se eu não me engano [...] Então, de repente, se aglutinou ali, naquela área da Biblioteca Municipal, um forte movimento cultural e artístico, literário, de debate, e aquele centro era muito bom, porque tinha a Livraria Jaraguá na Rua Marconi, com um salão de chá — naquele tempo o Oswald de Andrade ainda era vivo e o pessoal todo se reunia, e era muito ativo. Tinha uma das mais antigas galerias de arte, a Galeria Itá, na Rua Barão de Itapetininga, que vendia e comerciava quadros. Veja você que eu conheci na década de 50 livrarias como a Loja do Livro Italiano, a Livraria Francesa, a Livraria Cosmos, que importa livros de arte, e a Biblioteca Municipal, que também tinha uma atividade muito grande, tinha um setor de artes fantástico. Eu me matriculei ali e, então, tinha acesso a uma sala especial. Também não havia essa demanda tão grande: cresceu muito o número de estudantes, e agora a Biblioteca vive congestionada. [...] E tinha o Teatro Municipal também ali perto. Em torno daquele núcleo, surgiram várias galerias de arte; uma delas era do dono da Livraria Cosmos. Depois, tinha o Teatro Cultura Artística, fora os auditórios do Masp, do Instituto dos Arquitetos — que já era muito antigo e promovia muitos debates sobre arquitetura — e o próprio Museu de Arte Moderna. Então, quem viveu aquela época e conseguiu aproveitar toda aquela efervescência foi realmente um privilegiado. (HOSSAKA, Luiz. Entrevista concedida a Heitor Frúgoli Jr. em 03 jul. 1995).

Provavelmente, um dos espaços culturais da região central que não teve uma mudança radical de conteúdo é o Theatro Municipal. O espaço, como abordado anteriormente, marca a expansão central da cidade. É um local com todo o requinte da São Paulo de meados do século XX, sensação sentida pela grandeza e elegância de seu edifício. Os ingressos também não são nada populares, custando entre

R\$68,00 e R\$1.958,40⁵⁸. Tendo abrigado a Semana de Arte Moderna de 1922 e representado um espaço de circulação, sobretudo das elites, no século passado, cenas como a descrita a seguir são inimagináveis hoje:

À frente do Teatro Municipal podem ser encontradas constantemente as floristas. Por ocasião de certas efemérides tradicionais, cultivadas carinhosamente pelo povo, como os dias de Finados e Natal, entre outros, a escadaria da principal casa de espetáculos de São Paulo, fica tomada pelos vasos de flores. (ALMEIDA JR., 1949: 23).

Atualmente, aos pés do Theatro e ao seu redor concentram-se tanto moradores em situação de rua, quanto skatistas fazendo manobras, estes na lateral do Theatro que encontra com a Rua 24 de Maio. O que se percebe nessa parte do centro, nas proximidades da Galeria do Rock e do Centro Comercial Presidente, mais conhecido como “Galeria do Reggae” são os chamados “circuitos de jovens”:

Com o objetivo, porém, de oferecer uma alternativa a esses enfoques⁵⁹ e assim poder dialogar com eles na forma de contraposição e/ou complementaridade, proponho outra denominação, “circuitos de jovens”, e outro ponto de partida para a abordagem do tema do comportamento dos jovens nos grandes centros urbanos. Em vez da ênfase na condição de “jovens”, que supostamente remete a diversidade de manifestações a um denominador comum, a idéia é privilegiar sua inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca. (MAGNANI, 2010: 16-17).

⁵⁸ Theatro Municipal de São Paulo. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento84382/semana-de-arte-moderna>.

⁵⁹ Na ocasião, o autor refere-se a outros dois conceitos, “tribos urbanas” de Michel Maffesoli (1987) e “culturas juvenis”, mais utilizado na literatura acadêmica internacional.



Imagem 22: Skatistas no Viaduto Santa Ifigênia. Juca Martins/Acervo Instituto Moreira Salles, 1993.

Entre o Centro Novo e o Centro Velho evidencia-se a presença desses “circuitos de jovens” não somente de dia, mas também pela noite. Dentre os pontos de encontro dos jovens na região, o Largo São Bento caracteriza-se por ser um deles. A partir das 19h de toda segunda-feira o local é ponto de encontro para a batalha de Rap “Dominação - A Batalha”, exclusiva para participantes mulheres, homens trans e pessoas não binárias. O Largo, que é um dos espaços públicos mais antigos da cidade, torna-se palco para a cultura de rua, convidando o público em geral para acompanhá-lo. Desde 2017 a “Dominação” preenche o espaço do Largo bem em frente à banca de jornal que se localiza no início do Viaduto Santa Ifigênia, na saída do metrô que leva ao Mosteiro. Quem passa pela região que começa a se esvaziar no início da noite sente o ritmo das bases de Rap tocadas e as rimas improvisadas pelas participantes.



Imagem 23: Edição da “Dominação - A Batalha”. Tamy Cabral, abril de 2018.

A batalha, que interrompeu seus encontros presenciais em março do ano passado por conta da pandemia de Covid-19, passou a realizar encontros virtuais totalizando 173 batalhas até outubro do ano passado. Quando chove, os encontros são transferidos para dentro da estação São Bento.

Não é de hoje que o Largo São Bento cede espaço para a cultura de rua. Entre a metade dos anos 80 e final dos anos 90 o local era tido como o principal ponto de encontro de Hip-Hop da cidade. Por ter servido de escola para muita gente do movimento, que ali compartilhavam suas experiências, pode-se dizer que o Largo se configura como o berço do movimento no país. Marcelinho Back Spin é um dos líderes desse movimento, que já chegou a concentrar mais de 10 mil pessoas para acompanhar as batalhas da 1ª Mostra Nacional de Hip Hop.

Entre a cultura erudita e a cultura de rua, o centro da cidade também configura-se como uma região rodeada por centros culturais e museus. Dentre eles, alguns

fazem parte da história da cidade, sobretudo no Centro Velho. O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), foi construído em 1901 na Rua Álvares Penteado e é um dos representantes da arquitetura do século passado. Em 1923 foi comprado pelo Banco do Brasil para abrigar sua nova sede e em 2001 inaugurou-se o CCBB.

Outro exemplo é o “Farol Santander”, espaço cultural idealizado pelo Banco Santander que abriu suas portas em 2018 dentro do Edifício Altino Arantes, um símbolo da cidade. O edifício, também conhecido como “Banespão”, começou a ser construído em 1939 na Rua João Brícola para sediar o Banco do Estado de São Paulo. É até hoje um dos prédios mais altos de São Paulo, aspecto que atrai milhares de pessoas ao seu mirante no 26º andar, possibilitando uma visão de boa parte da cidade. Junto de outros espaços, ambos fazem parte do circuito cultural do centro da cidade. Além de espaços físicos, o centro é repleto de visitas turísticas e guiadas para contar a história da cidade, de dia e de noite.

O modo como o cenário cultural do centro da cidade se transformou ao longo dos anos e até mesmo cedeu espaço para outras atividades explica-se por meio dos processos ocorridos que afetaram a região. A região do Centro Velho, que até meados do século XX caracterizava-se pelo local de sociabilidade das elites, acompanha uma mudança de cenário que acomete também sua área expandida. Este movimento de transformação é sentido antes no Centro Velho e mais tarde no Centro Novo.

O fato de o edifício do antigo Cine São Bento ter se transformado em uma subdivisão de três espaços, posteriormente abrigando uma lanchonete e duas lojas, desde 1987⁶⁰, foi um movimento comum na região pelo qual muitos edifícios que abrigavam cinemas e outros tipos de atividades acabaram passando. Ainda que outros edifícios que abrigavam anteriormente cinemas não tenham se convertido em estabelecimentos comerciais, esta era uma probabilidade em uma São Paulo cada vez mais comercial. Na época em que o Cine Marrocos encerrou suas atividades, em 1997, um representante da Paris Filmes, Marcos Fracaroli, em entrevista à Folha Ilustrada⁶¹, comentou sobre a devolução do edifício ao proprietário e sobre acreditar

⁶⁰ Inventário DPH. Relatório de bens protegidos: Rua São Bento, 2012.

⁶¹ Folha de São Paulo - Ilustrada. O tradicional Comodoro encerrou suas atividades ontem - O centro de São Paulo se despede de mais um cinema. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq240317.htm>.

que o mesmo provavelmente seria alugado para comércio. Ainda que o edifício não tenha sido alugado para comércio até hoje, a fala de Fracaroli denuncia a sensação e o panorama pelo qual o centro ainda passava.

Como demonstrado, a região central da cidade foi se tornando cada vez mais popular e comercial e esta é uma realidade bastante presente ainda hoje. O centro ainda se configura como um dos maiores polos de comércio popular da cidade, inclusive atraindo moradores de outros estados do país.

Também por meio da análise do comércio da região evidenciam-se os processos pelos quais o centro passou e que ainda hoje se refletem. Esta é a proposta do próximo subitem.

2.2.3: Comércio:

“Não precisa ir no Bom Retiro, não precisa ir no Brás, não precisa ir na 25. Tudo que tem lá, tem aqui”⁶².

Em São Paulo, muitos bairros ou ruas comerciais são conhecidos pela oferta de produtos e objetos específicos ou serviços e facilidade do dia a dia. Um bom exemplo é o caso da “Rua das pratas”, como é conhecida a Rua Barão de Paranapiacaba, na região da Praça da Sé. No caso do centro da cidade, este configura-se como uma das maiores regiões de comércio popular da cidade. Dentre elas, destacam-se a Rua São Bento e a Rua Vinte e Cinco de Março, ruas que remetem muito às regiões em que estão fixadas. A Rua Vinte e Cinco de Março, por exemplo, hoje se configura mais como região do que como rua, em si. Toda a região que a circunda é conhecida por Vinte e Cinco de Março e influencia em seu cotidiano. Conectadas por algumas vias, como a Rua Florêncio de Abreu ou a Ladeira Porto

⁶² Vendedor convida os clientes com a ajuda do microfone a conhecerem a loja de roupas a preços populares na Rua São Bento, localizada logo após a intersecção com a Rua Direita, 22 dez. 2020.

Geral, as regiões de São Bento e da Vinte e Cinco de Março caracterizam-se por uma “mancha” de comércio popular da cidade:

De acordo com a definição do Igepac (Inventário Geral do Patrimônio Ambiental, Cultural e Urbano de São Paulo, 1987), manchas “são áreas identificadas por seu caráter próprio, cujo inter-relacionamento determina a identidade da área como um todo”. Aqui, emprego o termo mancha de forma mais precisa para designar uma área contígua do espaço urbano dotada de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam — cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando — uma atividade ou prática predominante. (MAGNANI, 1992: 196).

Esta mancha já começava a construir-se na cidade entre o século XIX e o século XX⁶³:

Havia uma concentração de sobrados nas Ruas Direita, do Ouvidor, do Comércio, do Rosário, de São Bento, de Santa Tereza, do Carmo, no Largo da Sé e no Largo do Colégio, tratando-se da área nobre da cidade. À exceção das Ruas do Carmo e de Santa Tereza, predominantemente residenciais, as demais supracitadas caracterizavam-se por um conjunto significativo de imóveis de uso misto ou exclusivamente comerciais. (BUENO, 2005: 77).

No início do século XIX identifica-se já a tendência do uso misto dos imóveis e tal caracterização passa a ser comum nesta parte da cidade até o início do século XX: “A conjugação de comércio e residência num mesmo edifício manter-se-ia, ainda, nas ruas centrais de São Paulo, até os primeiros anos do século XX”. (BARBUY, 2006: 41). Tal aspecto pode ser identificado a partir da visualização das fachadas de alguns dos edifícios da Rua São Bento atualmente. Muitas delas têm suas características

⁶³ Pesquisa de Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno sobre o tecido urbano e mercado imobiliário de São Paulo baseada na Décima Urbana de 1809.

preservadas nos pavimentos superiores, provavelmente denunciando seu uso residencial no passado.



Imagem 24: Sacadas dos edifícios da São Bento. Foto da autora, dezembro de 2020.

A presença dos imigrantes árabes, sobretudo sírios e libaneses, na Rua Vinte e Cinco de Março data ainda do século XIX e, se hoje estamos acostumados a caminhar pela região e nos depararmos com restaurantes de comida árabe, como o tradicional Monte Líbano, inaugurado em 1973 em um edifício homônimo à região (Edifício XXV de Março), na Rua Cavalheiro Basílio Jafet, entre o final do século XIX e início do XX este cenário já se tornava visível, com a presença de armazéns, lojas de tecidos e fábricas:

Em São Paulo, desde as últimas décadas do século XIX, quando a cidade contava com cerca de 250 mil habitantes, sírios e libaneses já se concentravam na Rua Vinte e Cinco de Março. A rua tinha vocação comercial

desde os tempos em que se chamava rua de Baixo⁶⁴, porque corria paralela ao rio Tamanduateí, por onde transitavam embarcações transportando mercadorias que vinham de Santos, ou iam de um ponto a outro da cidade. Perto da Vinte e Cinco de Março, ficava um dos portos do Tamanduateí — o Porto Geral, alcançado a partir da região central da cidade desde a ladeira Porto Geral. Mesmo após a retificação e posterior canalização do rio, a rua Vinte e Cinco continuou a ser um significativo núcleo comercial favorecido pela existência do mercado inaugurado em 1867, na esquina da rua Vinte e Cinco com a ladeira General Carneiro, conhecido como mercado dos caipiras, por abrigar comerciantes vindos do interior. Os primeiros sírios se estabeleceram no local na última década do século XIX. Pouco a pouco, eles substituíram os comerciantes alemães e italianos ali instalados, dedicando-se principalmente ao comércio de tecidos e de armarinho, atividade que seus predecessores não haviam explorado. (FAUSTO, 2019: 127-128).

A passagem do século XIX para o século XX reflete à transformação do triângulo central e seu processo de especialização nas atividades terciárias⁶⁵. A partir de então, muitos estabelecimentos comerciais passaram a preencher a Rua São Bento de modo a movimentar seu cotidiano. Se hoje a região passa a esvaziar-se com o cair da noite, nesta época a mesma passava a ter atrativos noturnos para a população:

Nas primeiras décadas do século XX, construíram-se novos edifícios na Rua São Bento, como marca do primeiro momento de modernização do "Triângulo" histórico. A especialização funcional dessa área resultou de processos interligados: a elevação dos preços dos terrenos e aluguéis na região, a expulsão da moradia popular, indústria, comércio de rua, e o deslocamento da moradia das elites em direção a bairros residenciais exclusivos. Deu-se, assim, a disseminação de um novo hábito da população paulista do início do século passado: a vida noturna. Os antigos sobrados dos

⁶⁴ “[...] o beco recebeu a denominação popular de Rua de Baixo, justamente pela sua localização, na parte baixa da cidade em relação à colina do Pátio do Colégio. No dia 28 de novembro de 1865, por proposta do vereador Malaquias Rogério de Salles Guerra, a Rua de Baixo passou a chamar-se Rua 25 de Março [...]”. Dicionário de ruas. Prefeitura de São Paulo: Rua Vinte e Cinco de Março, Sé. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>.

⁶⁵ BUENO, 2016: 167.

barões e conselheiros do Império passaram a abrigar empreendimentos comerciais, muitos de propriedades de estrangeiros. (BARBUY, 2006: 62-63).

Ao longo do século XX as ruas centrais da cidade vão cada vez mais se tornando comerciais e a cidade passa a começar a dividir seu centro comercial dos bairros residenciais das elites. Diversos estabelecimentos comerciais vão surgindo e a cidade vai se desenvolvendo. Ao contrário do que representa hoje, a Rua São Bento era considerada uma das mais elegantes da cidade, preservando lojas tradicionais por muitos anos e vendo a necessidade ao longo do tempo de construir espaços de estadia temporária para os que vinham de fora:

Esta passa a ter vários hotéis, como o Hotel de França no número 49-51 da frente para a rua Direita, o Sportsman no 30 – 34A, o Grande Hotel nos números 46 e 49; o Grande Hotel Paulista, Hotel d'Oeste, Hotel Rebecchino, nos números 90, 92 e 97 respectivamente sendo ambos para o Largo São Bento. A Botica Veado d'Ouro no número 40, o banco São Paulo no número 53, alguns restaurantes e cafés, como o Café Brandão no número 67, joalherias como a Casa Fretin no número 20, casas de ferragens e outros armazéns, artigos orientais, ervas, plantas e vestuário. (SANTOS, 2008: 110).

Dentre estes, evidencia-se o Café Brandão, a Botica Veado d'Ouro e a Casa Fretin, estas últimas fazendo parte da rua até o início deste século. O Café Brandão se configurava como um dos principais pontos de encontro do “Triângulo”. Tendo sido inaugurado no final do século XIX, atraía desde músicos e poetas, até homens de negócios e advogados:

No local onde foi construído o Edifício América (Martinelli), em 1904, havia um sobradão com frente para a Rua São Bento e lateral para a Avenida São João. No pavimento térreo funcionava o Café Brandão, em cujos porões se localizavam modestas firmas comerciais. O Café era frequentado por homens do comércio, figurões da política e fazendeiros endinheirados do interior, durante o dia. À noite, artistas, músicos, poetas e gente da imprensa sentavam-se às suas mesas, para saborear “médias, pingados,

acompanhados de pão com manteiga e rodas de cerveja”. (GUIMARÃES, 2005: 103).

O centenário da Botica Ao Veado d’Ouro foi noticiado na Folha da Manhã na edição do dia 16 de março de 1958. Sendo considerada a mais antiga das farmácias da cidade, no início, funcionava simultaneamente como farmácia, mercearia e consulado. Ao longo dos anos construiu uma fiel clientela, porém, em 1998 envolveu-se em um escândalo por conta da manipulação de medicamentos falsificados, o que culminou na prisão de alguns de seus sócios. Em 2008 encerrou suas atividades.



Imagem 25: Botica Ao Veado d’Ouro na Rua São Bento. Paulo Salomão/Veja SP, s.d.

A Casa Fretin é um outro exemplo de estabelecimento comercial que acompanhou o desenvolvimento de São Paulo. Inaugurada no final do século XIX por Louis Fretin no início da Rua São Bento, ao longo dos anos passou a diferenciar seus serviços consertando também além de relógios, os óculos dos clientes e importando produtos da Europa para vender. “Em 1906, a Casa Fretin instalou um escritório de compras em Paris, e mantinha outro em Nova York” (SANTOS, 2008: 403), época em que a loja ainda se chamava Relojoaria Louis Fretin, porém, em 1924 a já então Casa Fretin transfere sua sede para um edifício contendo cinco pavimentos além do subsolo e do térreo⁶⁶ na esquina da Rua São Bento com a Rua da Quitanda. Essa mudança foi essencial para o armazenamento dos produtos e atendimento de sua grande clientela. A Casa Fretin ali se mantém até 2001. Por ironia do destino, atualmente o antigo edifício da Casa Fretin dá lugar a uma ótica:



Imagem 26: Ótica Green sediada no antigo edifício da Casa Fretin. Foto da autora, novembro de 2020.

⁶⁶ Inventário DPH. Relatório de bens protegidos: Rua São Bento, 2012.

O Mappin é outro estabelecimento da região central que se tornou muito popular entre as elites da cidade até a década de 1960, aproximadamente. Também, a análise de seu histórico se torna fundamental a fim de compreender-se a ocupação do centro da cidade até os dias atuais. A partir do mesmo, evidencia-se a forma como o comércio desta região migra, de um centro a outro, e depois se transforma:

O Mappin Stores, instalado em 1913 inicialmente na Rua XV de Novembro e posteriormente na Praça do Patriarca, onde permaneceu por mais de duas décadas, constituiu inicialmente um típico espaço de afluência das classes privilegiadas [...] A própria introdução da loja de departamento acarretava uma série de novos procedimentos modernizantes na relação entre vendedor e cliente [...] Além disso, como no caso do chá do Mappin, aliavam a ideia das compras ao lazer, o que veio a ser explorado por concorrentes [...] Em 1939, o Mappin foi transferido definitivamente para a Praça Ramos de Azevedo, em frente ao Teatro Municipal. Parte do comércio do Centro saiu dos limites do “Triângulo Central”, em direção à Praça da República, processo facilitado pela abertura do Viaduto do Chá [...] algumas das lojas “elegantes” passaram a se fixar na Rua Barão de Itapetininga e adjacências, constituindo a nova região da circulação da elite no Centro, com início da popularização do comércio no “Triângulo Central”. É de certa forma o início da expansão do Centro, seguido depois por um “extravasamento” rumo a outras regiões. Na nova sede o Mappin destinou-se inicialmente ainda às elites, mas, principalmente a partir da venda da participação acionária dos sócios ingleses para brasileiros, optou-se por uma popularização do magazine. Isso já se relacionava com uma industrialização que substituiria os produtos importados, o crescimento populacional e de renda, a adoção de sistema de crédito etc [...]. (FRÚGOLI JR., 2000: 50-51 *apud* FRÚGOLI JR., 1995:26-27).



Imagem 27: Viaduto do Chá. Chico Albuquerque/Convênio Museu da Imagem e do Som - SP/Instituto Moreira Salles, 1955.

O Mappin encerrou suas atividades em 1999 após decretar falência. No final de 2003 o edifício passa a ficar sem inquilino, quando o Extra desiste do ponto por julgar muito caro o aluguel de R\$600.000,00 para o edifício de 15 mil metros quadrados distribuídos por seus nove andares. Em 2004 as Casas Bahia alugam o ponto por dez anos, porém, ainda se mantém no local passados mais de seis anos deste contrato. Michel Klein, diretor da empresa e um dos herdeiros de Samuel Klein,

dono das Casas Bahia, anunciou na ocasião que as Casas Bahia tinham foco no consumidor de crediário e que não iriam mudar⁶⁷.

Além das Casas Bahia, a região tanto do Centro Novo como do Centro Velho é preenchida pelo comércio popular de produtos, facilidades, roupas e redes de *fast-food*, como uma unidade do McDonald's na Rua Barão de Itapetininga e uma do Burger King na Rua São Bento. Na região, há desde redes maiores como as Lojas Pernambucanas e Lojas Marisa, ambas na Rua Direita e Lojas Riachuelo na Rua São Bento, como lojas menos conhecidas em São Paulo, mas que já constroem seu nome na região central, como a Princesa Supermercado de Cosméticos, com duas grandes lojas, uma na Rua São Bento e outra no Largo da Misericórdia. Além destas, na região encontram-se muitos minimercados, lojas de utensílios domésticos e produtos importados da China, todas frequentadas principalmente por oferecerem produtos de preço baixo. O comércio na Rua São Bento passa a funcionar na região entre 7h e 8h da manhã, encerrando no máximo entre 19h30 e 20h. Aos sábados, é possível que estes horários se alterem e aos domingos, o comércio permanece fechado.

⁶⁷ Folha de São Paulo, Cotidiano. Prédio do antigo Mappin será reaberto em SP: 02 set. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0209200420.htm>.

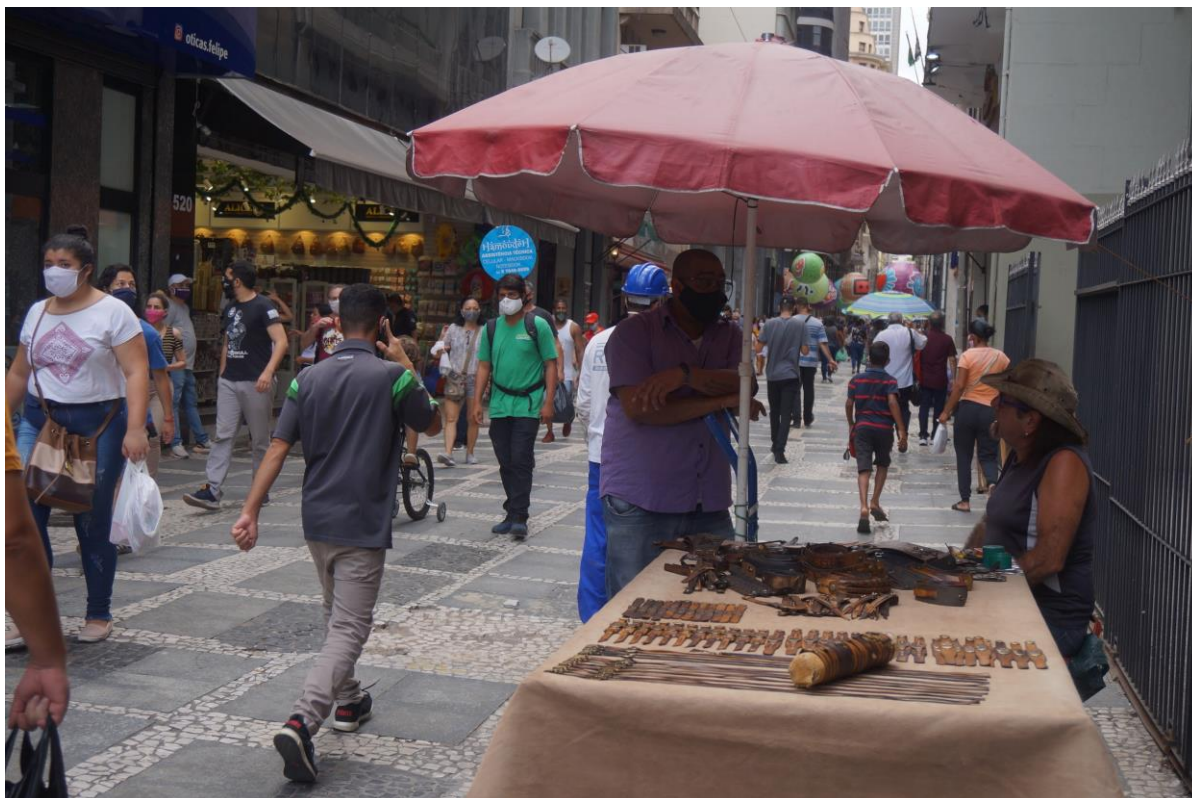


Imagem 28: Comércio na Rua São Bento. Foto da autora, novembro de 2020.

Ao longo da Rua São Bento, além dos “camelôs” que se distribuem por sua extensão até aproximadamente a altura do Largo do Café, também evidencia-se a presença dos chamados “não transeuntes”. Estes são os funcionários contratados, principalmente por empresas que prestam serviços de conserto de celulares, óticas ou revendedores de cosméticos populares, como as marcas Mary Kay e Avon, por exemplo, e que circulam pelo mesmo espaço dando apenas passos de um lado para o outro a fim de chamar os clientes para os estabelecimentos para os quais trabalham e que concentram-se na rua.

A própria estação São Bento do metrô também tem grande importância para esta região comercial, pois dá acesso tanto à Rua São Bento, quanto à região da Vinte e Cinco de Março. Não somente o serviço de transporte de passageiros, mas também há presença de pontos comerciais e oferta de serviços acoplados à estação. O Pátio Metrô São Bento é um complexo anexado à estação São Bento com fácil acesso principalmente às saídas que levam ao Mosteiro e à Rua São Bento. Ali encontra-se

desde lojas vendendo livros e chocolates até mini espaços de beleza e redes de *fast-food*.



Imagem 29: Pannel do Pátio Metrô São Bento afixado na Estação São Bento. Foto da autora, dezembro de 2020.

Em paralelo ao que conhecemos hoje, antigamente a estação São Bento também oferecia lojas e serviços aos que circulavam pela região. A partir da leitura do Relatório do Metrô “Conhecimento e utilização de lojas e serviços em São Bento” de 1977, identificou-se quais eram os comércios e serviços oferecidos na estação nesta época. Dentre os serviços mais conhecidos e utilizados pelos usuários, constam a fotófica, a New’s Gilda (venda de jornais e revistas), o correio e telégrafo, os sanitários e os telefones públicos. Dentre os menos utilizados havia uma floricultura e uma copiadora. Comparando a oferta de serviços e comércio na estação nesta época e hoje, percebe-se a forma como o uso deste espaço comercial se transformou.

A pandemia de Covid-19 impactou de forma significativa os estabelecimentos comerciais da região central que permaneceram fechados por um longo período de tempo. Alguns acabaram não voltando a abrir as portas. Ao longo da Rua São Bento é notável a quantidade de imóveis que estão para alugar, tendo em vista o tamanho dos lotes e seus altos preços de aluguel.



Imagem 30: Imóvel para alugar na Rua São Bento. Foto da autora, janeiro de 2021.

Um dos imóveis que está esperando para ser alugado na Rua São Bento até meados do ano passado abrigava uma loja da Kalunga, que se transferiu para a Rua

Líbero Badaró. O imóvel possui 500 metros quadrados e 3 andares e o proprietário pede R\$90.000,00 de aluguel⁶⁸.

As transformações pelas quais a região central passou ao longo dos dois últimos séculos e também até hoje, refletem em seu cotidiano. Demonstrou-se que conforme a cidade foi se expandindo, assim como seu centro, muitas transformações foram ocorrendo. Tais transformações não evidenciam-se somente pelo comércio da região, mas também por meio de mudanças ocorridas na própria rua e seu entorno, como por exemplo o surgimento dos meios de transporte ou alterações dos espaços públicos. O próximo subcapítulo abordará sobre estas questões.

⁶⁸ Dados coletados com a administradora do imóvel (Sociedade Empresarial de Administração Eireli) em fevereiro de 2021.

2.3 - O bonde passou: a rua como reflexo das transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo

Em 1899 foi fundada a São Paulo Tramway, Light and Power Company, também conhecida como Light São Paulo, empresa de capital canadense que atuou na cidade com distribuição e geração de energia, implantando a rede de bondes elétricos em São Paulo. O bonde elétrico passou a circular em São Paulo no dia sete de maio de 1900 com sua primeira linha, Barra Funda - Largo de São Bento, se configurando na época como um meio de transporte mais rápido e mais confortável do que os transportes coletivos movidos à tração animal. Conforme a área urbana da cidade ia se expandindo, também crescia a necessidade de melhoria dos serviços de infraestrutura urbana. A circulação do primeiro bonde movido a energia elétrica promoveu um dia de festa e multidão nas ruas:



Imagem 31: Multidão cerca o primeiro bonde a circular durante a inauguração da linha Barra Funda - São Bento, ao longo da Alameda Barão de Limeira. Guilherme Gaensly/ACERVO FUNDAÇÃO ENERGIA E SANEAMENTO, maio de 1900.

Ainda no mesmo ano, a Light inaugurou outras quatro linhas e com a inauguração de sua primeira hidrelétrica, em 1901, a Usina Parnaíba, no Rio Tietê, em Santana de Parnaíba, foi capaz de expandir ainda mais os serviços das linhas dos bondes elétricos: “Por onde as linhas de bonde passavam, a valorização dos terrenos em seu entorno era certa. Além disso, a Light estendia suas linhas na direção dos novos limites da cidade, permitindo-lhe cobrar passagens acumulativas em função da divisão tarifária por zonas”. (SILVA, 2019: 7). Cada vez mais as linhas de bonde foram se espalhando pela cidade. Na década de 1920, o modal passou a se configurar como o principal meio de transporte coletivo da cidade e na década seguinte, alcançou 160 km de trilhos. De acordo com a publicação em comemoração aos 120 anos dos bondes elétricos em São Paulo (2019), da Fundação Energia e Saneamento, nos primeiros anos de circulação dos bondes na capital, nem a população nem os motoristas estavam preparados para tal dinâmica. Até 1905, registrou-se que 41% dos acidentes eram motivados por atropelamentos. Como os bondes eram uma novidade na cidade, acostumar-se com eles também se configurou como um exercício diário.



Imagem 32: Obras de assentamento de trilhos no cruzamento da rua São Bento, nesta tomada destacando o trecho em direção ao Largo São Bento, e a rua Direita, em primeiro plano, que formam o famoso 'Quatro Cantos'. Guilherme Gaensly/ACERVO FUNDAÇÃO ENERGIA E SANEAMENTO, abril de 1902.



Imagem 33: O antigo “Quatro Cantos”: Cruzamento da Rua São Bento com a Rua Direita.
Foto da autora, novembro de 2020.

Caminhando hoje pelas ruas do Centro Velho identifica-se que muitas de suas ruas são estreitas, preenchendo-se diariamente por multidões. Em 1900, a população de São Paulo já havia alcançado seus 250.000 habitantes⁶⁹ e conforme a população da cidade foi aumentando, sua região central foi ficando cada vez mais congestionada e as pessoas e os bondes passaram a disputar pelo espaço. Com o intuito de resolver a problemática do trânsito na região central, em 1912, a prefeitura da cidade aprovou duas leis que obrigavam que os veículos transitassem na mesma direção dos bondes elétricos nos pontos onde havia mais movimento. No mesmo ano, outra mudança viria para tentar desafogar o trânsito da região central:

[...] por volta de 1912 foram demolidos os antigos casarões situados entre as Ruas São Bento e Líbero Badaró, na continuidade das Ruas Direita e da Quitanda, no centro de São Paulo. Nessa região, que era chamada de Quatro

⁶⁹ Fonte: 1872-2010/IBGE/Censos Demográficos.

Cantos, foi iniciada a construção de uma praça. O projeto surgiu da necessidade de aumentar o espaço para o trânsito local, que era ponto de confluência de pequenas ruas, já muito movimentadas naquela época. Mas, somente em 1922 a Praça Patriarca José Bonifácio (em homenagem a José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência) foi concluída. (A GAZETA DA ZONA NORTE, 2002: n.p.)

Apenas alguns anos mais tarde, entre 1924 e 1925, São Paulo se viu em meio a uma significativa crise de energia elétrica que impactou diretamente a circulação dos bondes, facilitando a inserção dos ônibus na malha urbana da cidade, inicialmente administrados por moradores e empresários locais:

Apesar do crescimento no número de passageiros transportados, não houve um crescimento adequado da infraestrutura. Ao não fechar um acordo com a prefeitura a respeito de sua proposta, a Light congelou o preço das passagens por 38 anos, desestimulando a ampliação da rede de bondes e focando seu capital na produção e distribuição de energia elétrica. Fato que, durante a crise energética de 1924-1925 causada por uma seca, houve uma diminuição na oferta de bondes para que não afetasse a capacidade de produção elétrica, causando uma quase completa paralisação dos serviços de transporte público. Houve então uma crescente aceitação dos serviços de ônibus, que passaram a operar na cidade, administrados por prestadores particulares sem qualquer tipo de regulação na prestação de seus serviços. (FERRI, 2018: 75: *apud* VITTE, 2007: 74).

A partir da década 1930, com o desinteresse da Light no investimento da rede de bondes e com o incentivo político para o investimento no transporte individual, motivado pelo “Plano de Avenidas”, os bondes foram cada vez mais dividindo o espaço das ruas com os ônibus e com os trólebus⁷⁰, ainda que os serviços de bonde tenham passado a ser administrados pela CMTC, em 1947, quando a empresa é criada:

Dos anos 30 em diante, a cidade e o Centro passaram a sofrer novas modificações rumo à “metropolização”, a partir da gestão de Francisco Prestes Maia (1938-1945), engenheiro civil e arquiteto formado pela Escola Politécnica. Ele foi o autor do “Plano de Avenidas”, uma ideia original de Ulhôa

⁷⁰ Os trólebus passaram a circular em São Paulo em 1949 operados pela CMTC.

Cintra, a primeira concepção mais sistemática de cidade moderna, com uma proposta global que abrangia sistema viário, circulação e transportes, além de diretrizes para embelezamento e arruamento, zoneamento, expansão urbana e legislação tributária, além de “representar um dos momentos cruciais em que se optou pelo transporte individual”. (FRÚGOLI JR., 2000: 53 *apud* LIBÂNEO, 1989: 38).

Na década de 1950, o trânsito de São Paulo foi considerado um problema grave⁷¹. Baseada no relatório do mesmo ano, “Programa de melhoramentos públicos de São Paulo”, escrito pelo urbanista americano Robert Moses, esta opinião reafirma-se ao se analisar a configuração urbana no período. Foi neste ano que a indústria automobilística passou a crescer no Brasil e os carros passaram a tomar o espaço que antes era majoritariamente ocupado pelos bondes. Neste mesmo ano, a cidade observou um grande fluxo migratório e atingiu a marca de 2.688.096 milhões de habitantes⁷². Com um número expressivo de pessoas trabalhando no centro da cidade, a volta para casa se transformava em um grande sufoco, com longas esperas em grandes filas aguardando pelo ônibus ou optando pelo retorno em bondes já ultrapassados.

⁷¹ Folha de São Paulo. Transporte coletivo de São Paulo já era urgente em ‘1950’. 25 jan. 2014.

⁷² Fonte: 1872-2010/IBGE/Censos Demográficos.

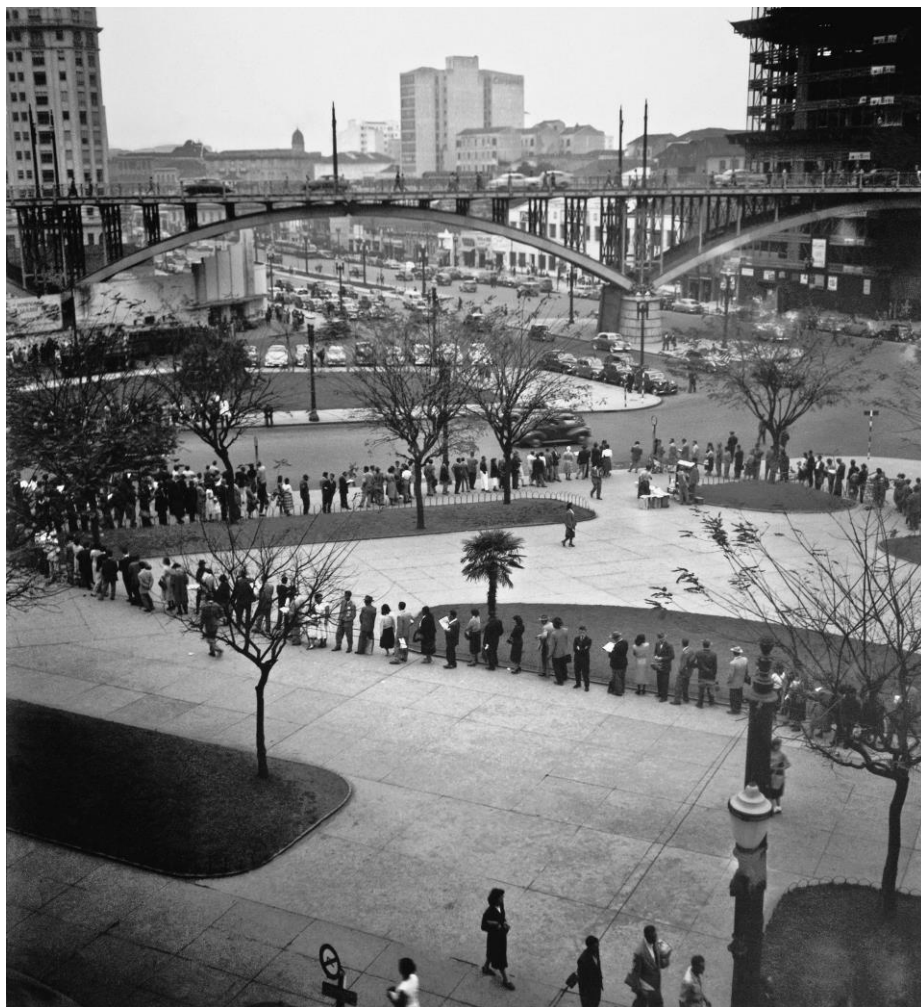


Imagem 34: Filas em pontos de ônibus no Vale do Anhangabaú. Alice Brill/ Acervo Instituto Moreira Salles, 1953.

A década seguinte, 1960, marca o início da extinção das linhas de bonde na cidade, sendo realizada a última viagem do modal em março de 1968:

Naquela noite de março de 1968, para celebrar o marco, um cortejo de 12 bondes desceria pela última vez as avenidas Ibirapuera, Vereador José Diniz e Adolfo Pinheiro até Santo Amaro. A prefeitura havia enfeitado os veículos com luzes coloridas, bandeiras do Brasil e do estado de São Paulo. Faixas fixadas nos veículos diziam “A viagem do Adeus” ou “Rendo-me ao progresso, Viva São Paulo”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018: n.p).

Neste mesmo ano, no mês seguinte, o Metrô de São Paulo inicia as obras de sua primeira linha, a Linha 1 - Azul. Em 1975 nasce a Estação São Bento do metrô, desta mesma linha, transformando o Largo São Bento e causando impacto direto no panorama e circulação da região durante os anos de sua obra e também depois de sua conclusão.



Imagem 35: Estação São Bento: Início das obras. Metrô de São Paulo, maio de 1973.



Imagem 36: Estação São Bento. Metrô de São Paulo, década de 1970.

Como já abordado anteriormente, a Estação São Bento do Metrô tem grande importância na região central e na configuração da oferta de transporte público da região. É possível destacar que conjuntamente com as estações Sé, inaugurada em 1978 na Linha 1 - Azul e Anhangabaú, inaugurada em 1983 na Linha 3 - Vermelha, configura-se como um dos vértices do triângulo do transporte metropolitano do centro da cidade.

No ano seguinte ao da inauguração da Estação São Bento do Metrô, uma decisão do então prefeito, Olavo Setúbal, não agradou toda a população da região central. Assim como já ocorria com a Rua São Bento e Rua Direita desde a década de 1930, outras 20 ruas seriam fechadas ao trânsito de veículos, dentre elas a XV de Novembro e Barão de Itapetininga. A insatisfação com a decisão veio principalmente dos lojistas da região, que alegavam que poderiam perder clientes que vinham até as lojas de carro e que paravam seus automóveis em frente às lojas. A matéria da edição

da Folha de São Paulo do dia 4 de setembro de 1976 intitulava-se “O centro volta ao dono” e o projeto foi chamado pelo próprio prefeito Setúbal de “Reino dos pedestres”. Entre ruas exclusivas para pedestres e ruas onde só seria permitida a circulação de ônibus e táxis, o centro da cidade passava a mudar de figura.

Com o centro da cidade hoje sendo preenchido principalmente de ruas exclusivas para pedestres dos dois lados do centro é necessário que se discuta sobre o preenchimento deste espaço, sobre seus usos e sobre processos de depreciação e revalorização. O próximo capítulo abordará estas questões a partir de um ideal voltado ao entendimento da importância do pedestre no preenchimento das ruas centrais e espaços públicos.

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 3 – CIDADE DE PEDESTRES: A RUA COMO UM LUGAR PARA PESSOAS

3.1 - Espaço: passagem, interação e permanência.

A maioria das ruas do centro da cidade que hoje são fechadas para a circulação de automóveis, passaram a ter o pedestre como protagonista a partir da metade da década de 1970. Ruas como a São Bento e Rua Direita já funcionam nessa dinâmica desde os anos 30 e a Rua XV de Novembro que já funcionava como uma rua exclusiva para pedestres antes da década de 70, passou a ter circulação somente de ônibus e táxis, como outras ruas na época em que o então prefeito Olavo Setúbal tomou a decisão de restringir o uso do automóvel particular nas ruas centrais. A ideia de Setúbal era que o centro tradicional da cidade tivesse mais iniciativas de lazer, através dos calçadões e que se priorizasse o acesso à região por meio do transporte público. Matérias nos jornais como a da edição do dia 15 de novembro de 1974 do O Estado de São Paulo, já se intitulavam, “no Triângulo, a vez dos pedestres”, reafirmando a importância das ruas centrais para as pessoas que ali circulavam diariamente, de passagem, de forma apressada, ou dirigindo-se às lojas da região. Na época, motoristas, vereadores e lojistas se colocaram contrários à decisão, os últimos justificando que os clientes que antes vinham às ruas do centro de carro para comprar e consumir, passariam a deixar de frequentar a região para as compras, dando preferência aos shoppings centers, que começaram a surgir na cidade na metade da década de 1960, com a inauguração do Shopping Iguatemi, em 1966.

A matéria do O Estado também evidenciava a região central como um espaço de contrastes e reflexo da heterogeneidade expressa em São Paulo, onde havia as únicas ruas onde o pedestre ainda se configurava como um elemento mais importante que o automóvel. Ainda hoje, a região compreendida pelo Centro Velho e Centro Novo da cidade é a região que concentra mais ruas exclusivas para pedestres em São Paulo. Por ser um espaço público, sobretudo no centro da cidade, a rua concentra pessoas dos mais variados perfis e por esse motivo é possível dizer que a região

central pode ser entendida como uma síntese da cidade de São Paulo, refletindo suas contradições e abarcando seus diferentes públicos.

Ainda que o centro da cidade tenha seus frequentadores usuais, trabalhadores, prestadores de serviços e moradores das proximidades, a região, diferente de outras da cidade que concentram moradores de classes média e alta, não se configura como um ambiente hostil, representa um lugar receptivo a todos os tipos de públicos: paulistas, imigrantes, skatistas, turistas, bancários, vendedores, entre outros. As pessoas que preenchem as ruas trazem característica plural ao ambiente aberto do centro da cidade:

Pode-se dizer o mesmo das ruas, no sentido de servirem a outros fins, além de suportar o trânsito sobre rodas em seu leito. As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. Ao pensar numa cidade, o que lhe vem à cabeça? Suas ruas. Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona. (JACOBS, 2011: 30).

A existência de um grande conjunto de ruas no centro da cidade exclusivas aos pedestres⁷³ é uma forma de a própria cidade se reafirmar enquanto lugar de encontro e troca: “A razão da cidade é podermos conversar. Se você dá a chance de as pessoas se encontrarem para falar, eis o movimento”. (ROCHA *apud* SCARPA, 2015: 9). Dentre os que circulam pela Rua São Bento e arredores, muitos estão de passagem pela região, indo ou voltando do trabalho ou horário de almoço. O que promove a permanência ou interação das pessoas na rua são as iniciativas de valorização e incentivo ao encontro.

Chegando de metrô à região, pela saída da Rua São Bento é comum se deparar com algum músico ou instrumentista ao final da escada rolante. Normalmente quem os assiste são as pessoas que estão descansando, conversando ou jogando

⁷³ De acordo com a Empresa Municipal de Urbanização (EMURB), empresa responsável pelo tratamento urbanístico das ruas para pedestres no centro da cidade (1979), a área reservada à utilização exclusiva dos pedestres no centro da cidade é a maior da América Latina, totalizando 60.000 metros quadrados. A Rua São Bento foi a primeira das ruas da região central a receber o tratamento urbanístico projetado pela EMURB.

xadrez na instalação implantada no Largo São Bento, um dos espaços públicos mais antigos da cidade, por iniciativa do projeto “Centro Aberto” (2015). O projeto, que foi coordenado pela Prefeitura Municipal de São Paulo, inicialmente em 2013, teve como motivação inicial intervenções físicas nos largos de São Francisco e Paissandu, tendo como apoio o Gehl Architects, que inspira-se no ideal do arquiteto e urbanista que leva seu nome, Jan Gehl, a partir do conceito de cidades para pessoas.

O projeto consiste em estimular novas atividades e ofertar variadas formas de assento no espaço, por exemplo. No antigo estacionamento que existia no Largo São Bento, entre a Rua São Bento e a Rua Líbero Badaró, foi instalado um deque de madeira com mobiliário urbano portátil, xadrez e um contêiner servindo de espaço para guardar o mobiliário e centro de informações. Localizando-se bem em uma das saídas da estação São Bento do metrô, há bastante fluxo de pedestres na região. De acordo com o relatório do projeto (2017)⁷⁴, após a colocação da instalação, aumentou a permanência de pessoas em todo o Largo São Bento.

⁷⁴ Relatório Centro Aberto: Largo São Bento, novembro de 2017. Disponível em: https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/03_LSB2_fasciculo_2017-12.pdf.



Imagem 37: Xadrez no Largo São Bento. Foto da autora, julho de 2018.

Entre os que jogam e assistem às partidas de xadrez, há também os que jogam em tabuleiros menores, os que sentam nas cadeiras de praia ou no próprio deque. Há também muitos moradores em situação de rua que se concentram na instalação com seus cobertores e ou algo que lhes sirva de abrigo. Na praça próxima, ao lado do respiro do metrô, foram instalados bancos e uma mesa de pingue-pongue.

Quem caminha hoje pela região e visualiza o Largo e sua instalação nota o aumento na concentração e permanência de pessoas desde a implementação do projeto, porém, de dois anos para cá já se notava que há menos conservação e manutenção do espaço, cenário comum em projetos no centro da cidade e que será melhor aprofundado no subcapítulo 3.3, onde se discutirá sobre a revitalização e renovação dos espaços do centro da cidade.

Projetos como o “Centro Aberto” são importantes para a circulação e permanência das pessoas no centro da cidade, pois possibilita meios de se assegurar o conforto e formas de interação entre as pessoas e o ambiente, tendo em vista que

há todo um panorama histórico ao redor para ser explorado. A rua e o ambiente por si só não configuram sentido à cidade e ao espaço. Dessa forma, torna-se importante se pensar acerca dos vazios urbanos em oposição às cidades preenchidas, estas é que dão sentido ao espaço: “O espaço para ele, é um “lugar praticado”, “um cruzamento de forças motrizes”: são os passantes que transformam em espaço a rua geometricamente definida pelo urbanismo como lugar”. (CERTEAU *apud* AUGÉ, 2012: 75).

Sobre a transformação das concepções e práticas espaciais e temporais, pode-se exprimir a partir das contribuições de Lefebvre, o entendimento acerca do espaço através das pessoas:

Os espaços de representação, ou seja, o espaço vivido através das imagens e símbolos que o acompanham, portanto espaço dos ‘habitantes’, dos ‘usadores’ (...) Trata-se do espaço dominado, portanto, submetido, que a imaginação tenta modificar e apropriar. De modo que esses espaços tenderiam (feitas as mesmas reservas precedentes) para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não verbais. (LEFEBVRE, 2006: 66).

O que se vê, sobretudo, nas ruas para pedestres é que as ruas, comumente utilizadas para que se vá a algum lugar por meio do automóvel ou transporte público, como o ônibus, se convertem em espaço exclusivo destinado à passagem, interação e permanência dos que frequentam a região. A partir de então, podemos nos referir ao centro da cidade como um recorte dessa cidade de pedestres: “A rua é mais do que uma conexão entre lugares, é o espaço público que permite conectar as pessoas com a cidade, os lugares com as pessoas, e as pessoas com elas mesmas. (SUTTI, PAIVA, 2017: 187.

Um bom exemplo da reivindicação pela manutenção do espaço destinado ao pedestre foi o momento em que se decidiu abrir o Largo São Bento para a circulação dos ônibus, destruindo 30 metros de calçada, no final da década de 1977. A matéria da Folha de São Paulo, da edição do dia 23 de julho de 1977, abordava sobre o

descontentamento do pedestre em saber que o Largo São Bento seria aberto para a volta da circulação dos ônibus, que anteriormente já circulavam no espaço e posteriormente haviam sido proibidos de circular. Dentre as reclamações, os presentes ouvidos disseram que não havia sentido construir o Largo da forma que ele se apresentava, servindo de espaço para o descanso e permanência, como eles mesmo estavam usufruindo do mesmo, e que ali ficaria até mesmo mais perigoso, tendo em vista que havia muitos atropelamentos causados por bicicletas em alta velocidade, com a circulação do ônibus poderia se tornar pior. Novamente, os lojistas e comerciantes se colocaram a favor da circulação do ônibus no Largo, pois dessa forma atrairia-se clientes que descem do ônibus em pontos próximos aos comércios da Rua São Bento e arredores. Com a destruição de parte da calçada no Largo São Bento, deu-se preferência à circulação dos ônibus, bloqueando parte da circulação que antes era exclusiva do pedestre.

Antes da volta dos ônibus e da circulação de carros na região do Largo, que hoje é realizada por meio das ruas Boa Vista, Florêncio de Abreu e Líbero Badaró, havia muito mais espaço para o pedestre em uma área conectada entre o Viaduto do Chá, as ruas supracitadas e a Rua São Bento. A área compreendida entre o Largo São Bento, o Largo São Francisco e a Praça da Sé é exclusiva a circulação de pedestres, englobando ruas como São Bento, XV de Novembro, Praça Antônio Prado, Rua do Comércio, Rua da Quitanda, Rua Álvares Penteado, Rua José Bonifácio, Rua Barão de Itapetininga, entre outras.

Abaixo, há um mapa editado da atual gestão urbana da cidade de São Paulo onde é possível visualizar as ruas exclusivas para pedestres na área central da cidade. O mapa em questão diz respeito ao projeto da gestão urbana⁷⁵ para a requalificação dos calçadões na região central.

⁷⁵ Projeto da gestão urbana da cidade de São Paulo para a requalificação dos calçadões da região central da cidade. Não consta data no site do projeto. Disponível em: <https://tinyurl.com/49xdznpk>.

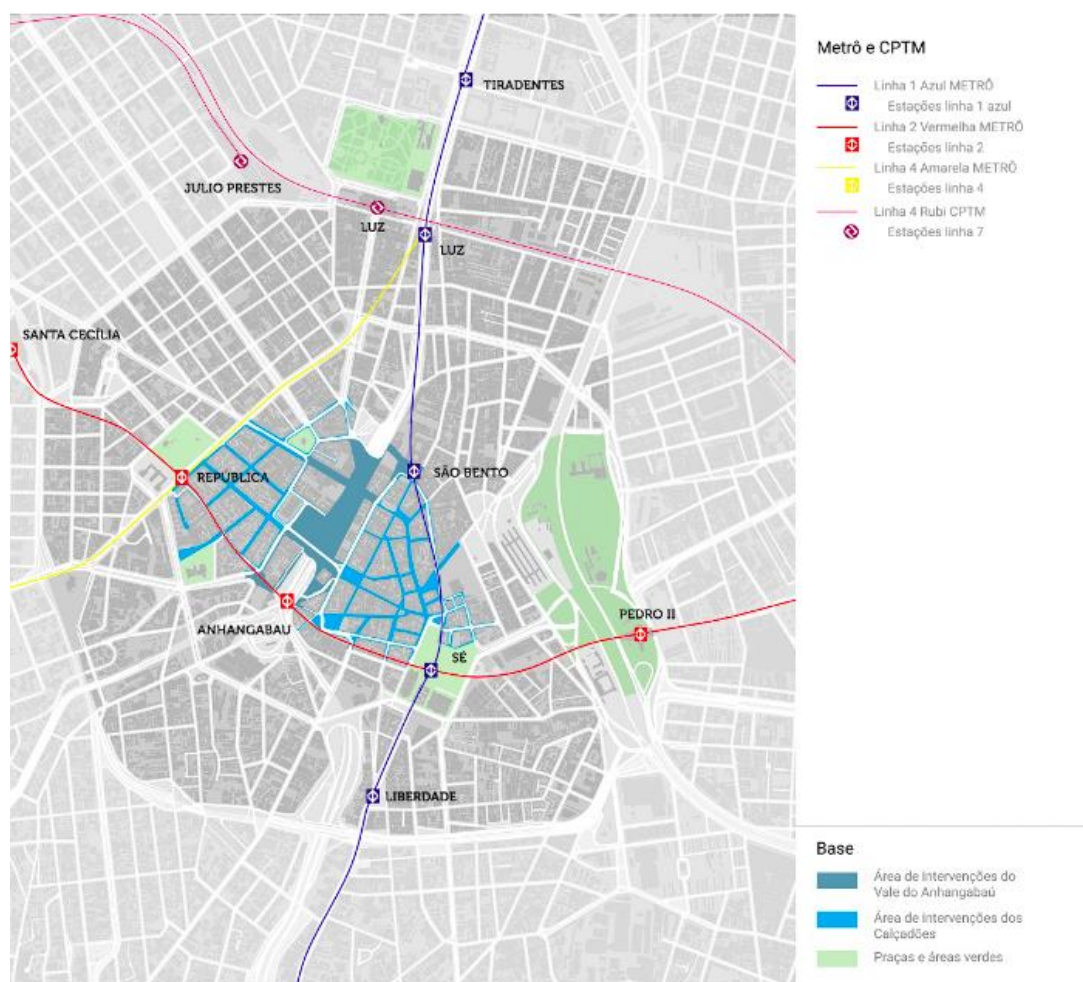


Imagem 38: Mapa editado da Gestão Urbana da cidade de São Paulo para a requalificação dos calçadões centrais. Prefeitura Municipal de São Paulo. O mapa mostra as ruas centrais exclusivas para pedestres na região do Centro Velho e Centro Novo.

Entre o Viaduto Santa Ifigênia e a Rua São Bento, é comum a permanência de camelôs ou ambulantes ao longo do caminho. Estes se distribuem ao longo do Viaduto ou pela Rua São Bento, comercializando produtos ou oferecendo serviços. Pelo percurso também se torna recorrente a passagem dos entregadores que rasgam o caminho por meio das bicicletas e então, se torna real o cenário do final da década de 1970 onde já ocorriam atropelamentos causados pelos condutores de bicicletas. Na região há muitos entregadores que utilizam as ruas, sobretudo as restritas à passagem de carros, para retirar e entregar encomendas.



Imagem 39: Um papo entre uma entrega e outra. Foto da autora, dezembro de 2020.

Hoje o espaço da Rua São Bento é preenchido durante o dia por pessoas que caminham pela rua indo ou voltando de seus respectivos lugares de trabalho, entrando ou saindo da Estação São Bento, indo ou voltando do Centro Novo. O espaço de passagem configura-se em espaço de interação quando clientes e vendedores ambulantes ou vendedores em camelôs negociam uma venda ou conversam, quando vendedores chamam os clientes para as lojas ou entregam panfletos ou quando há pesquisas de opinião ou de mercado em execução na rua.

Durante a noite a rua é preenchida, sobretudo, por moradores em situação de rua que se concentram principalmente no início da rua e na esquina com a Avenida São João, em volta do Edifício Martinelli. Em comparação com o Centro Novo, que é bem mais amplo, há menos concentração de moradores em situação de rua na região do Centro Velho. Pela noite também é comum que o Largo se torne um grande espaço vazio onde crianças, provavelmente filhas de moradores em situação de rua, jogam

bola e brincam. Também à noite é realizada a limpeza da região pelos funcionários da A Autoridade Municipal de Limpeza Urbana (AMLURB).

Um dos principais pontos a serem levados em conta em relação à caminhabilidade urbana, sobretudo à noite, é a instalação de iluminação adequada. O Centro Velho, principalmente por ser mais estreito e rodeado de edifícios, é mais escuro por natureza e de fato, não é equipado com iluminação abundante.

Ainda que seja sua extensão, o Centro Novo da cidade possui vida noturna ativa, mesmo após o encerramento do expediente e horário comercial. Nesse sentido, Centro Velho e Centro Novo diferem. A região preenchida por ruas como Dom José de Barros e Avenida Ipiranga movimenta a região central com redes de *fast-food* funcionando 24h, casas noturnas, bares e restaurantes, alguns deles funcionando durante a madrugada.

Dentre os projetos que tem por objetivo trazer as pessoas ao centro para que este se torne um local de permanência, um local turístico e interativo, sobretudo o espaço público, a Secretaria Executiva de Turismo vem implementando alguns projetos como o “Triângulo SP”. Criado em 2019, o projeto visa tornar o perímetro do Centro Histórico, delimitado entre o Largo São Bento, Largo São Francisco e Sé atrativo ao público de noite e aos finais de semana. Dentre as ações, o projeto reabriu o terraço do Edifício Martinelli para visitação, o mesmo estava fechado desde 2017 após casos de suicídio no local⁷⁶. A Prefeitura da cidade de São Paulo anunciou na metade do ano passado que irá conceder por meio de edital os últimos andares do edifício   iniciativa privada⁷⁷, além de espaços comerciais localizados no térreo do edifício. Além da inauguração de cafeteria e restaurante, a ideia é que quem ven a o edital promova o acesso a história do edifício e faça a curadoria de espaços expositivos. Há no centro da cidade diversos casos de espaços públicos ou edifícios que passam por processos de readequação de seus espaços ou reurbanização,

⁷⁶ Por conta da pandemia de Covid-19 o terraço permanece fechado   visitação por tempo indeterminado.

⁷⁷ Observatório Martinelli. Prefeitura Municipal de São Paulo, Urbanismo e Licenciamento. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento_urbano/urbanismo/index.php?p=299104.

sendo concedidos à iniciativa privada posteriormente, como é o caso do Vale do Anhangabaú que será abordado no subcapítulo 3.3

Quando nos referimos ao espaço público, como ruas e praças, temos em mente espaços onde seja possível circular livremente e onde não existam as implicações relativas ao espaço reservado ao privado: “Nesse sentido, remete a um conjunto definido de normas, direitos, deveres, costumes, comportamentos e expectativas que, inicialmente, podem ser caracterizados como pertencentes ao domínio do público, por oposição ao privado”. (MAGNANI, 1998: 5).

Conforme os espaços urbanos, as ruas, praças e edifícios passam a mudar de configuração em detrimento das transformações e processos históricos pelos quais a cidade passa, também se alteram os usos do espaço e do solo. O espaço pode-se configurar de diversas formas a partir do sentido que se emprega no mesmo e dos usos nele praticado. O próximo subcapítulo abarca as questões do uso do solo e do espaço a partir de usos passados e atuais da Rua São Bento e seu reflexo para a vida cotidiana de ontem e de hoje. Além disso, explora seus edifícios como marcos e os sons do ambiente acústico como uma forma de revelar a vida da rua a partir dos sons que ela própria produz e que nela se inserem, traçando um paralelo entre a vida cotidiana do século passado e de hoje.

3.2 - Usos e abusos: São Bento e seus sons, usos e construções

Assim como qualquer outro espaço da cidade, a Rua São Bento e seus arredores possuem sons característicos que revelam seu cotidiano. Por meio da audição do ambiente acústico da rua, evidencia-se uma série de particularidades implícitas a ela, como a identificação de seus principais públicos, suas atividades mais frequentes e o ritmo de seus dias: “Um homem de Anaktuvuk Pass, a quem perguntei o que faria se defrontado com um lugar novo, respondeu-me: ‘Eu ouço’. É tudo. Ele entendia dizer-me: ‘Eu ouço’ o que o lugar me diz”. (LE BRETON, 2016: 23).

Ouvir o que o lugar é capaz de dizer significa a possibilidade de, além de ver, estar apto a compreender o ambiente em sua totalidade, alcançando aspectos que por vezes a visão não consegue atingir. Se, quanto ao não verbal, os estímulos visuais parecem se mostrar uma matriz mais explícita de potencial comunicativo, cabe lembrar que a sonoridade pode portar diversas informações culturais. O educador musical Murray Schafer propõe a audição atenta dos sons do ambiente — a paisagem sonora — visto que: “O que o analista da paisagem sonora precisa fazer, em primeiro lugar, é descobrir os seus aspectos significativos, aqueles sons que são importantes por causa de sua individualidade, quantidade ou preponderância”. (SCHAFFER, 2011: 25-26). Entre sons da natureza, sons dos seres humanos e sons advindos dos objetos construídos pelos seres humanos configura-se a paisagem sonora da Rua São Bento.

Para tanto, optou-se pela realização do passeio de escuta ao longo da rua no qual identificou-se que onde havia mais movimento e circulação de pessoas, também maior a variedade de sons:

O “passeio de escuta” inclui andar por um determinado local, por uma paisagem, por uma rua, ou por um edifício, e ao mesmo tempo prestar conscientemente atenção àqueles ruídos que a atividade normal iria relegar como um segundo plano irrelevante. Essa técnica reativa a escuta e aumenta a consciência, é empregada para preparar informantes para investigações de cenários sonoros, e se poder falar sobre ambiente sonoro, tópicos que são

normalmente ignorados e difíceis de verbalizar. (BAUER, 2000: 375, *apud* WINKLER, 1995; 1995).

Entre as vozes de pessoas, há os que chamam clientes ou os que conversam caminhando pela rua, sons dos sinos do mosteiro e dos carros e ônibus que passam pelas ruas próximas onde circulam os carros. Percebe-se a existência de um som de fundo, acúmulo de diversos tipos de sons juntos, como falas e rastros musicais advindos de dentro dos estabelecimentos comerciais e outros sons destacados. Também, a não identificação de sons ou poucos sons, o silêncio, também denuncia a menor circulação de pessoas, como acontece pela noite na região.

Um aspecto importante a ser levado em conta em um ambiente é que a paisagem sonora muda de tempos em tempos a depender de mudanças decorrentes de transformações no ambiente construído ou por motivos desconhecidos, que fazem com que pessoas não passem mais a frequentar lugares que antes frequentavam, por exemplo. Até alguns anos atrás, a paisagem sonora do Largo São Bento era marcada pelos sons que ecoavam de sua movimentação diária, falas, carros e do som emitido por uma senhora cega que, balançando moedas em um recipiente plástico, pedia trocados aos transeuntes que passavam em frente ao Mosteiro. Aquele representava um som característico⁷⁸ da região, ouvi-lo era como dizer que estava-se perto do Largo. Atualmente nem a senhora nem o som produzido anteriormente fazem mais parte da paisagem do Largo São Bento.

Entre o som de fora e de dentro do Mosteiro de São Bento, pode-se traçar uma paisagem rica em elementos e ao mesmo tempo contrastante. Ouça abaixo:

⁷⁸ Ao mesmo tempo que configurava-se como um “sinal”: “os sinais são sons destacados, ouvidos conscientemente”. (SCHAFFER, 2011: 26), também já fazia parte do som de fundo daquela região.



Peça radiofônica - Mosteiro dentro e fora, paisagem sonora⁷⁹. Rafael Filippini e Marcelo Viesti Izquierdo, 2011.

(Utilize a câmera do seu celular para a leitura do QR Code. Recomenda-se o uso de fones de ouvido).

Se preferir, acesse pelo link: <https://soundcloud.com/rafaelfilippini/mosteirodentroe fora>.

Em relação ao entendimento e reflexão sobre o passado, é possível que tenhamos acesso a fotografias, referenciais teóricos e conteúdos de jornais. A partir destes, possibilitou-se a reconstrução da paisagem sonora da Rua São Bento na passagem do século XIX para o século XX, importante momento para a região que central que começava sua expansão para a cidade nova, e para a cidade de São Paulo, que crescia em população e se expandia cada vez mais.

Para o retrato da Rua São Bento do início do século XX, foram selecionados e coletados referenciais teóricos sobre a época, fotografias e informações. Levou-se em conta aspectos referentes aos meios de transporte da época, a presença e importância da Igreja e a quantidade de pessoas nas ruas. Ouça abaixo:

⁷⁹ Peça construída pelos autores a partir da gravação do ambiente do Mosteiro dentro e fora.



Retrato - Dia comum na Rua São Bento em 1902⁸⁰. Rafael Filippini, 2021.

(Utilize a câmera do seu celular para a leitura do QR Code. Recomenda-se o uso de fones de ouvido).

Se preferir, acesse pelo link: <https://soundcloud.com/rafaelfilippini/dia-comum-na-rua-sao-bento-em-1902>.

As transformações no uso do solo e do espaço da Rua São Bento e arredores ao longo do século XX e atualmente refletem o processo de desenvolvimento e expansão da cidade, onde usos praticados no passado na região passaram a migrar para outras áreas da cidade. De acordo com Bueno, no início do século XX:

São Paulo, em 1809, era portanto uma cidade predominantemente térrea, residencial e com boa parte dos seus habitantes vivendo em casas alugadas. Tratava-se de uma cidade concentrada e com espaços pouco especializados, na qual as principais funções urbanas – residência, comércio, serviços, instituições civis e religiosas – mesclavam-se numa mesma área. (BUENO, 2005: 73).

⁸⁰ Áudio elaborado originalmente para esta dissertação de mestrado por Rafael Filippini, configurando-se como um retrato emulado da paisagem sonora em um dia comum na Rua São Bento, em São Paulo, em 1902.

Nessa época, a região compreendida pelo Triângulo Histórico concentrava, sobretudo, residências e edifícios de uso misto, porém, conforme a cidade se expandiu e sua população cresceu de forma considerável entre o primeiro (1872) e o terceiro (1920) recenseamentos nacionais, novas áreas da cidade passaram a configurar-se como local de moradia das elites da cidade e outras ainda configuraram-se como espaço de uso misto. A região central iniciava seu processo de especialização nas atividades comerciais e de serviço:

O aumento considerável da população que, num curto período de tempo passou de 31 385 habitantes (1872) para 579 033 habitantes (1920), implicou a expansão da malha urbana e o deslocamento da maioria das moradias para os arrabaldes da cidade, com bairros exclusivamente residenciais para a elite e de uso misto (indústria, comércio e residência) para as camadas médias e baixas. A área central da cidade especializou-se nas atividades terciárias – comércio, administração civil, consultórios e escritórios de profissionais liberais e serviços – visivelmente crescentes no período. (BUENO, 2016: 162).

O início do século XX foi marcado pela presença de consultórios, escritórios e sedes de jornais na Rua São Bento e arredores. Dentre eles, alguns estabelecimentos conceituados concentravam-se na Rua São Bento, como os escritórios da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, que contava com a maior extensão de linhas férreas do estado⁸¹ e a sede do jornal O Estado de São Paulo, na Rua João Brícola⁸². Sobre a imprensa neste início de século:

O processo de expansão e de maior variedade de conteúdo da imprensa ocorreu em São Paulo por força de vários fatores, entre eles o enorme impulso demográfico; a transformação de alguns jornais em empresas comerciais; e as inovações tecnológicas como a introdução da impressora Marinoni, que proporcionou maior rapidez e qualidade à impressão dos jornais. (FAUSTO, 2019: 16).

⁸¹ O Estado de São Paulo, São Paulo: 13 jun. 1996: n.p.

⁸² FAUSTO, 2019: 13.

De acordo com o relatório de bens protegidos da Rua São Bento, do inventário do DPH (2012), dentre os 19 imóveis listados e construídos entre a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, a maioria possuía como uso original o uso misto entre comercial e residencial, comercial, residencial e escritórios ou comercial e serviços. Identifica-se que os imóveis mais antigos são os que tinham como uso anterior algum de seus pavimentos como uso residencial. O uso atual desses imóveis se dá a partir do uso exclusivamente comercial, de serviços ou misto entre comercial e serviços.

A Partir da planta do uso do solo da Rua São Bento produzida por Regina Helena Vieira Santos (2006), identificam-se os usos atuais dos edifícios da rua:

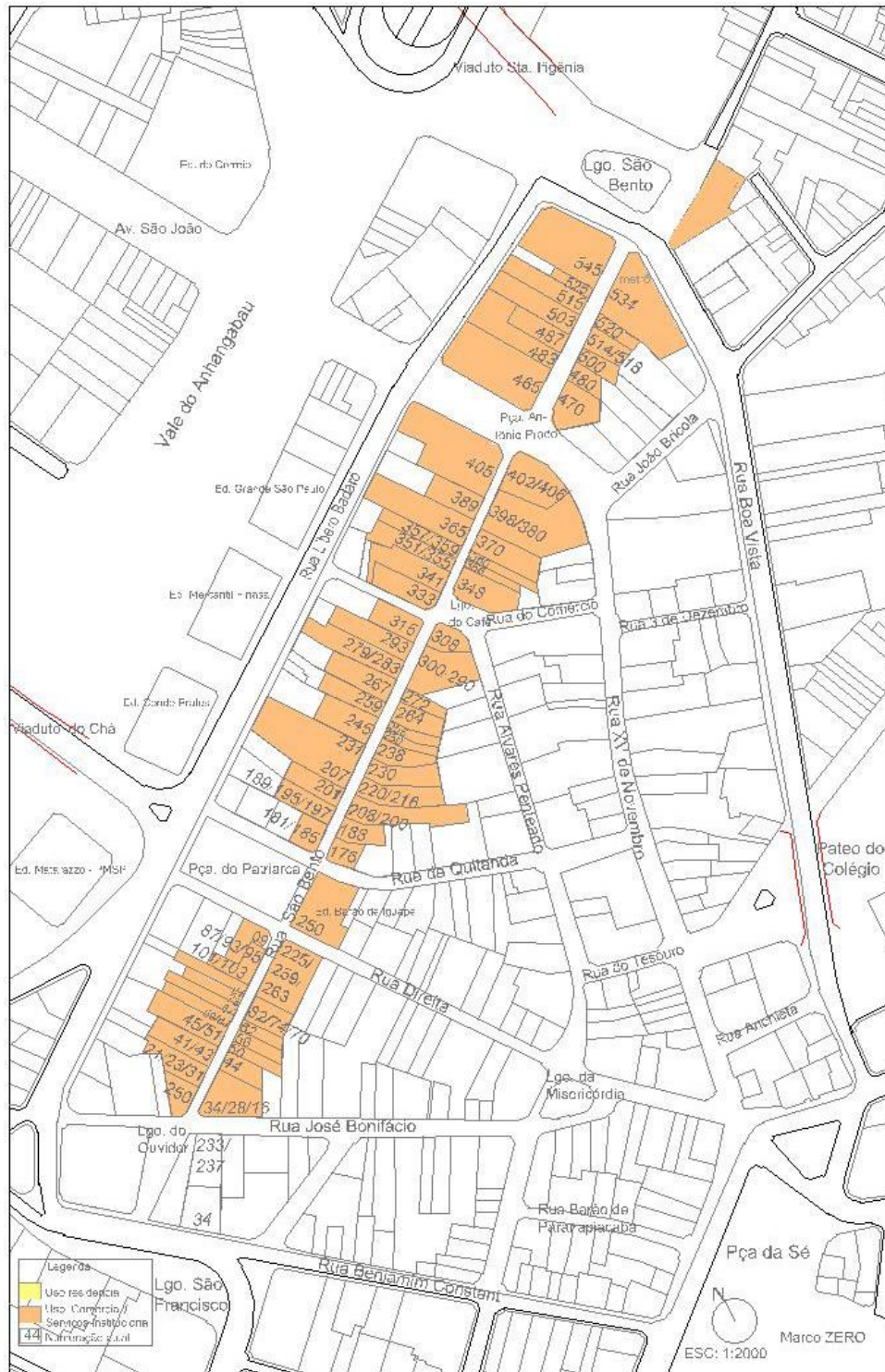


Imagem 40: Planta: Uso do solo da Rua São Bento. Em cor laranja, os edifícios de uso comercial. Regina Helena Vieira dos Santos, 2006.

Ainda que hoje na Rua São Bento existam alguns escritórios de advocacia, a rua conserva o perfil de comércio e serviços que foi construindo já ao longo do século passado. Atualmente, os edifícios na rua mesclam seus usos entre comércio e serviços. É comum que edifícios com mais pavimentos abriguem lojas ou lanchonetes no térreo e serviços nos demais pavimentos ou área de estoque.

Além das atividades terciárias, na Rua São Bento também há representantes do setor financeiro, como os bancos e edifícios de administração pública, como o Edifício Martinelli, que abriga a sede das Secretarias Municipais de Habitação e Planejamento, as empresas Emurb e Cohab-SP. Além disso, o edifício também abriga a sede Sindicato dos Bancários de São Paulo.

O Edifício Martinelli, que passou a ser construído em 1924, mesmo ano em que o primeiro arranha-céu da cidade foi inaugurado, configura-se como um dos marcos da Rua São Bento, denunciando suas alterações de uso ao longo do tempo. Inaugurado em 1929, ocupa o posto de segundo arranha-céu da cidade, tendo sofrido alterações em seu próprio processo de construção. No mesmo ano de sua inauguração, como já abordado no capítulo anterior, chegou a abrigar o Cine Rosário, um dos mais luxuosos da cidade. No projeto inicial, o edifício teria 14 andares, e seu idealizador, Giuseppe Martinelli, tinha o objetivo de construir o mais alto edifício da América do Sul. No final, o edifício chegou aos seus 30 andares e 100 metros de altura, passando por outros cenários ainda, que serão mais aprofundados no próximo subcapítulo.

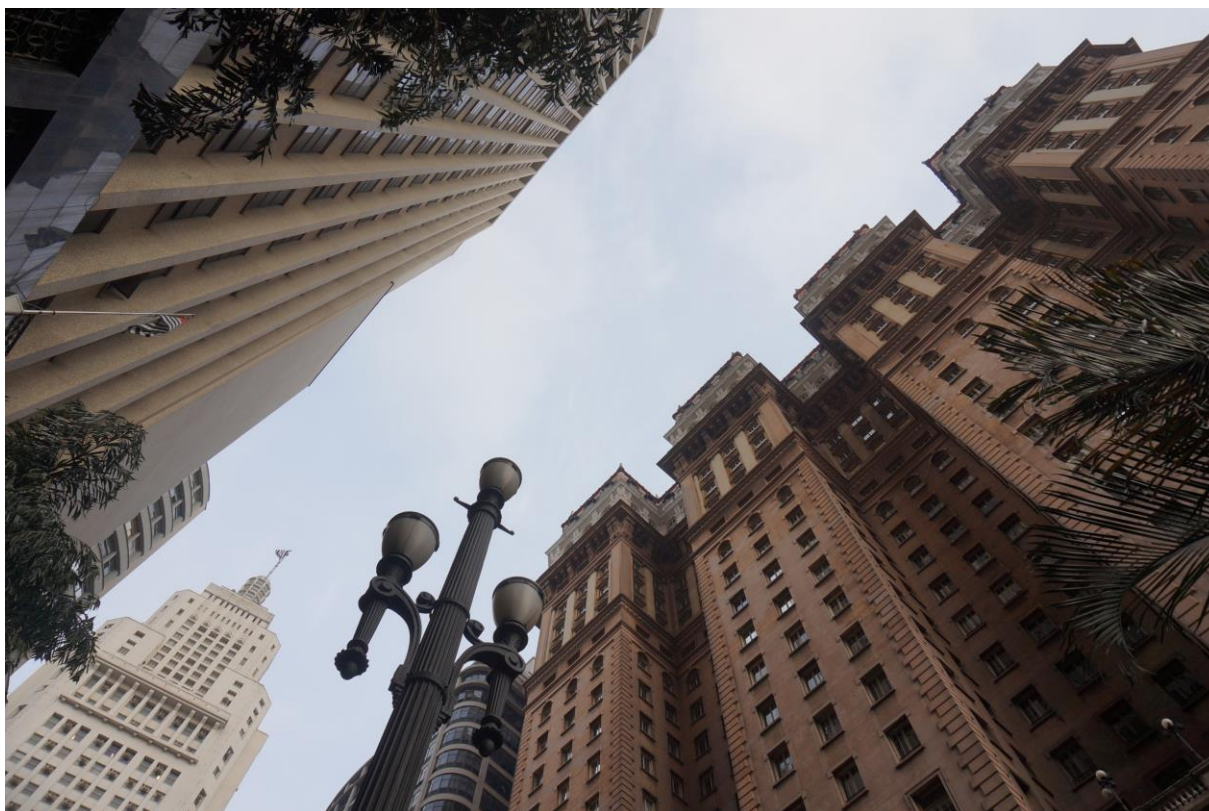


Imagem 41: Edifícios: Martinelli, Altino Arantes e Banco do Brasil. Foto da autora, julho de 2018.

Como marco, mas também como um “lugar praticado”⁸³, o edifício também já se configurou como um lugar de suicídio na cidade na década de 1980. Como abordado anteriormente, esse tipo de uso voltou ao edifício em 2017, motivo pelo qual foi fechado para visitação:

O suicídio ocorrido em lugares públicos questiona o modelo ocidental de morte. O morto sai dos bastidores da vida social, do ambiente hospitalar e se impõe no cotidiano das pessoas. E, segundo a autora, o suicida que escolhe um lugar público para consumir o ato traz a morte de forma espetacular e redimensiona, desta forma, a perspectiva de morte daqueles que o circundam

⁸³ CERTEAU *apud* AUGÉ, 2012: 75.

e altera suas adjacências, remodela e ressignifica o espaço urbano e, principalmente, influencia a cultura da morte da metrópole. (RIBEIRO, 2012: 2).

Outro espaço do centro que já passou pelo mesmo tipo de uso que o Edifício Martinelli é o Viaduto do Chá, acessado a partir da Rua São Bento pela Praça do Patriarca, configurando-se como uma importante ligação entre o Centro Velho e o Centro Novo.



Imagem 42: Viaduto do Chá. Juca Martins/Acervo Instituto Moreira Salles, agosto de 1993

Na imagem, de 1993, em meio à multidão que passa pelo Viaduto do Chá, percebe-se outra multidão ao fundo que se debruça pelo Viaduto para olhar para baixo, para o Vale do Anhangabaú. Em baixo, havia um corpo, há pouco havia-se presenciado um suicídio.

O Vale do Anhangabaú configura-se como mais um espaço da região central que já passou por diversas formas de uso. Em meio aos dois centros, seu acesso a partir da Rua São Bento se dá por meio da Rua Miguel Couto e Rua Líbero Badaró. Sobre a situação atual do Vale, abordaremos no próximo subcapítulo, porém, sua história é marcada por transformações até os dias atuais. Seu nome se dá por conta

do ribeirão Anhangabaú, canalizado em 1906, quando o então vale, converte-se em parque.



Imagem 43: Jardins do parque do Anhangabaú. Guilherme Gaensly/Acervo Instituto Moreira Salles, 1925.

Enquanto parque se manteve até a década de 1940, quando seu espaço se configurou novamente. A partir de então, seus jardins são substituídos por avenidas de tráfego rápido e mais tarde, entre a década de 1950 e 1960, duas pistas asfaltadas são implementadas, transformando o Vale em um dos principais eixos da ligação Norte-Sul⁸⁴. Essas transformações foram motivadas a partir do Plano de Avenidas de 1930.

⁸⁴ Prefeitura Municipal de São Paulo. Parque ou Vale do Anhangabaú. Dicionário de ruas. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>.



Imagem 44: Viaduto do Chá. Marcel Gautherot/Acervo Instituto Moreira Salles, 1967.

Na década de 1980, é lançado um concurso para a escolha de um novo projeto para o local pelo prefeito Reynaldo de Barros. Em 1991 o novo Vale do Anhangabaú foi inaugurado⁸⁵, configurando-se como um grande espaço público de livre circulação com dois túneis para a circulação de automóveis.

Desde então, o Vale do Anhangabaú configurou-se como palco para diversas iniciativas. Shows musicais, viradas culturais e até mesmo manifestações públicas

⁸⁵ Prefeitura Municipal de São Paulo. Parque ou Vale do Anhangabaú. Dicionário de ruas. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>. “Os vencedores foram Jorge Wilhelm e Rita Kliass. As obras foram iniciadas na gestão de Jânio Quadros (1986-1988) e o novo Vale do Anhangabaú foi inaugurado pela Prefeita Luiza Erundina em dezembro de 1991”.

usaram o espaço do Vale para acontecerem. Uma delas marcou o ano de 1984, quando o Vale foi utilizado para o grande comício das Diretas Já, reunindo cerca de 1,5 milhão de pessoas, no dia 16 de abril de 1984⁸⁶.



Imagem 45: Manifestação no Vale do Anhangabaú: Diretas Já. David Zingg/Acervo Instituto Moreira Salles, 1984.

⁸⁶ Placa de memória instalada no Viaduto do Chá preservando a memória do dia da manifestação no Vale do Anhangabaú. Placas da Memória Paulistana. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

Em meio a um passeio de observação de uso, podem-se identificar os diversos usos atuais do solo e do espaço. Ainda passeando pela Rua São Bento pode-se analisar alguns usos que provavelmente não se alteraram ao longo do tempo nem com as transformações ocorridas na cidade e seu entorno. As igrejas são um exemplo de espaço na região central onde seu uso continuou o mesmo da fundação do povoado até hoje. Mesmo que houvesse mudanças nas práticas e ideais religiosos, servindo as igrejas de espaço para refeições e até mesmo repouso noturno, seu uso principal sempre concentrou-se em ser um espaço de congregação e culto.

Em relação ao uso do solo para uso residencial, vimos que era comum na Rua São Bento, sobretudo até o início do século XX. Porém, atualmente há muitos que utilizam o espaço da rua física como residência — há muitos que moram na rua. Essa condição, que já fazia parte do panorama da rua na década de 1980, também reflete a processos de desconcentração de populações em situação de rua, principalmente de forma violenta e orientados pelo poder público, em outras partes da região central que passam a concentrar-se em diversas outras partes do centro. Dessa forma, percebe-se um aumento de pessoas vivendo na rua, o que se evidencia pela noite, mas que hoje já se torna visível durante o dia também. O cenário representa tanto esse contraste presente na região central, que é reflexo da cidade de São Paulo, como o tratamento em relação a essas populações, sobretudo na região central.

Também, é possível supor usos passados, por meio de espaços que se encontram em reforma ou em processo de reurbanização e também entender de que forma tais processos impactam no dia a dia e na dinâmica da região da São Bento, alterando usos, medindo prioridades e transformando rotas. O próximo subcapítulo aborda questões referentes a esses temas, trabalhando a extensão e o deslocamento da região central da cidade e os desdobramentos que surgem a partir desses processos históricos.

3.3 - O centro é vivo, viva o centro!

Como já introduzido antes, a partir do momento em que há o deslocamento de parte das atividades da região central para a região da Avenida Paulista, entendida como “Centro Paulista”, deslocam-se também o setor imobiliário, criam-se dois centros, o centro tradicional, que resulta da junção dos dois centros separados pelo Vale do Anhangabaú e o “Centro Paulista”. Com a inauguração do Conjunto Nacional, na década de 50, tornam-se a Avenida Paulista e a Rua Augusta como ruas marco das elites paulistanas. A década de 1960 marca esse início de criação destes dois centros.

A partir da análise de Heitor Frúgoli Jr. (2000) acerca da campanha “Eleja São Paulo” de 1989, é possível identificar a forma com que se moldou a Avenida Paulista como símbolo da cidade de São Paulo. Promovida pelo Banco Itaú e Rede Globo a campanha, motivada pelo entendimento de que os paulistanos careciam de símbolos de identidade, tinha o objetivo de eleger um símbolo para a capital paulista. Para essa análise, Frúgoli inclui a crítica de Flávio Villaça sobre o concurso. Para Villaça, a partir da divisão do centro da cidade em dois, passa-se a ter um centro antigo “velho” e “deteriorado”:

Numa campanha totalmente manipulada, pois não foram fornecidas aos “eleitores várias opções, o Banco Itaú escolheu e promoveu um único candidato que foi evidentemente eleito e amplamente difundido: o novo símbolo de São Paulo, é o símbolo do novo centro de São Paulo: é a Avenida Paulista. Sem dúvida um rude golpe no Centro, o Centro dos dominados, o Centro velho e decadente”. (VILLAÇA, 1995: 206 *apud* FRÚGOLI JR., 2000: 136; grifos do autor).

Dessa forma, há uma migração de atividades, grande expressão do setor financeiro, público e setor imobiliário para a região da Avenida Paulista. A partir de então, ocorre de fato um processo no qual o centro tradicional perde atrativos e

consequentemente atrai processos de obsolescência. Vemos que a transformação do espaço urbano está diretamente relacionada ao valor de uso de determinada localização:

O valor de uso de uma localização se altera constantemente com a transformação do espaço urbano: o uso do solo é constantemente sujeito à obsolescência de seu capital fixo. O processo de obsolescência comanda o processo de transformação do uso do solo, do mesmo modo que comanda a substituição da técnica de produção, materializada no capital fixo de um processo de produção qualquer. (FAU-USP, 2011: 1).

É possível ainda que o movimento que levou determinadas atividades a saírem do centro da cidade seja anterior à década de 1960, sendo motivado já a partir de 1940, quando a Prefeitura Municipal passou a discutir sobre a substituição dos bondes, que configuraram-se como o principal meio de transporte até a primeira metade do século XX pelos ônibus:

O centro, adaptado ao sistema de bondes, que servia a uma área muito menor, teve de alojar um fluxo cada vez mais intenso de pessoas e de ônibus. A degradação física de praças e espaços abertos a partir disso foi intensa. Em pouco mais de dez anos, uma série de locais, como a praça da Bandeira, o parque Dom Pedro II e a praça Princesa Isabel, transformaram-se em verdadeiras praças-terminais. (MEYER *apud* OLIVEIRA, 2018: 4).

A partir de então, percebe-se que muitos locais que antes configuravam-se como lugar de encontro passaram a ser lugares de passagem. Sobre esse tema, podemos abordar a situação do Vale do Anhangabaú desde sua inauguração recente, em 1991 até os dias atuais. O Parque foi projetado para ser um espaço a ser cruzado em todos os sentidos de forma livre, com acesso direto a duas estações de Metrô, São Bento e Anhangabaú e para ser capaz de receber as mais variadas atividades, de forma espontânea ou organizada.

Porém, com o passar do tempo, o Vale passou a configurar-se como um espaço sujo, mal conservado, perigoso e não convidativo à permanência, sobretudo pela noite. Decidiu-se então, colocar em prática o projeto de reurbanização do Vale que já vinha da gestão anterior (2013-2016). A questão é, se o Vale encontrava-se em má conservação, estamos falando de problema de gestão e não de projeto. O questionamento aqui é sobre a necessidade de um novo projeto para o Vale, quase trinta anos após sua inauguração e sobre para quem e em que deseja-se investir.

As obras iniciaram-se em junho de 2019 com elevação em 17,4%⁸⁷ do valor previsto no início e descaracterização total do projeto anterior, inclusive no que diz respeito ao fluxo livre em todos os sentidos. Talvez uma reforma no antigo Vale e agentes públicos e não um novo projeto faria mais sentido para os cofres públicos, levando em consideração todas as problemáticas já abordadas sobre a região central, sobretudo as populações em situação de rua, e para a população, que não foi consultada na ocasião da decisão. Abaixo há duas fotos das obras em momentos diferentes:

⁸⁷ BONIN, Gabriela. Entrega das obras no Vale do Anhangabaú sofre novo atraso. Agora, Folha de São Paulo: 06 jan. 2021. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/01/entrega-das-obras-no-vale-do-anhangabau-sofre-novo-atraso.shtml>.



Imagem 46: Obras no Vale do Anhangabaú. Foto da autora, novembro de 2019.



Imagem 47: Obras quase prontas. Foto da autora, julho de 2020.

O Vale hoje mais se parece com uma enorme avenida ou um “sambódromo”, onde são distribuídos em sua parte central cerca de 850 spots com luz led e jatos de água. O espaço com as futuras cafeterias e floriculturas será administrado por dez anos pela iniciativa privada. Após diversos atrasos para a entrega e com estimativa de estar pronta no dia 1º de abril deste ano, a região mantém-se cercada por tapumes. De acordo com a Prefeitura Municipal, por conta do aumento dos casos de Covid-19 na cidade os tapumes se mantêm para evitar aglomerações, o que vem causando problemas, sobretudo aos estabelecimentos da região, que relataram que a obra que já dura mais de um ano e meio foi mais prejudicial aos negócios do que a pandemia de Covid-19, pois limitou a circulação de pessoas na região.

Sobretudo, pensar as formas de urbanização e readequação dos espaços públicos relaciona-se com o pensar estes espaços na cidade e sua relação com a população que os frequenta enquanto espaços públicos:

Podemos, assim, entender o espaço público como uma categoria construída a partir das interfaces entre os conceitos de esfera pública (do qual retira a categoria ação) e de espaço urbano (do qual retém a sua referência espacial). Embora o espaço público se constitua, na maioria das vezes, no espaço urbano, devemos entendê-lo como algo que ultrapassa a rua; como uma dimensão socioespacial da vida urbana, caracterizada fundamentalmente pelas ações que atribuem sentidos a certos espaços da cidade e são por eles influenciadas. Não sendo necessariamente todo espaço urbano um espaço público, há de se verificar quando um espaço urbano pode ser caracterizado como público. A reativação pura e simples dos usos cotidianos de um determinado espaço urbano não é, assim, característica suficiente, embora necessária, para conferir a um determinado espaço urbano a característica de espaço público. (LEITE, 2002: 2).

A Rua São Bento e seu entorno passaram, ao longo das últimas décadas, por mutações em sua própria história. Desde o caso do Vale do Anhangabaú, até o Edifício Martinelli, que já se configurou como um grande cortiço vertical entre as décadas de 1960 e 1970, o entorno e a rua já passaram por diversas transformações, que são refletidas em seu cotidiano.

Enquanto lugar que é, relacional, histórico e identitário, a Rua São Bento apresenta-se como lugar que, tendo passado por mutações, é espelho de sua própria história:

Finalmente, o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima. Por isso é que aqueles que nele vivem podem aí reconhecer marcos que não têm que ser objetos de conhecimento. O lugar antropológico, para eles, é histórico na exata proporção em que escapa à história como ciência. (AUGÉ, 2012: 53).

A São Bento e o centro são vivos à medida que se tem diversidade de públicos em circulação, desde classes sociais a faixas etárias, diversidade de usos, diversidade

de acessos e até mesmo diversidade em termos de tempo — passado e presente. Nesse sentido, a diversidade é o que traz a vitalidade a região central e a rua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando refletir acerca dos conceitos de cidade e lugar e, a partir de um ponto específico na cidade de São Paulo, a Rua São Bento, localizada no Centro Velho, observamos as transformações que ocorreram ao longo do tempo na cidade decorrentes de seus processos históricos. Ainda, como demonstrado, a cidade configura-se como um lugar fruto de seu crescimento, expansão e consequentemente de suas mutações, apresentando contradições; configura-se, sobretudo, como um lugar plural e diverso, de encontro e de reprodução da vida social.

A Rua São Bento é uma das mais antigas de São Paulo, acompanhou seus primeiros anos de existência, tendo assim grande importância na construção da cidade e em seu desenvolvimento inicial. Ao longo dos anos posteriores a fundação da Vila de São Paulo de Piratininga, que se localizava no alto da colina rodeada pelos rios Tamanduateí e Anhangabaú e que deu origem a cidade que conhecemos hoje, foi-se acompanhando o desenvolvimento da região embrionária da cidade, delimitada pelas torres de três das igrejas mais antigas da cidade: de São Bento, de São Francisco e do Carmo, hoje Centro Velho da cidade.

A cidade que se concentrou neste triângulo imaginário pelos seus primeiros três séculos de vida começa a observar sua expansão e crescimento populacional de forma mais expressiva no final do século XIX e dessa forma, região central e cidade passam a mudar de cenário. Entre o século XIX e o século XX a cidade passou por transformações inicialmente motivadas, sobretudo, pela economia do café e pela indústria. Estas transformações, assim como a expansão central para a região da República, refletem em mudanças na região do Centro Velho, principalmente de usos, hábitos e público. Mais tarde, a partir da década de 1960, o deslocamento de parte das atividades da região central para a região da Avenida Paulista também implica em mutações na região central tradicional da cidade.

Entende-se a rua, e no caso desta dissertação a Rua São Bento, como uma mediação, uma síntese da totalidade que acontece na cidade, sobretudo por conta de sua localização. O Centro Velho é, inclusive, uma mediação entre o passado e o presente, onde há a maior concentração de ruas destinadas exclusivamente para

pedestres da cidade, reafirmando-se assim enquanto lugar, preenchido de pessoas em sua diversidade, possibilitando característica plural à rua.

Configura-se como uma síntese da totalidade por existir em meio a cenários contraditórios e por abarcar tantos atores, reafirmando essa “tortuosidade” característica já apontada por Sennett (2018) por conta de sua diversidade. Também tendo suas marcas do passado, hoje é reflexo dos processos pelos quais a própria cidade passou. Assim, a Rua São Bento enquanto região, enquanto lugar a ser analisado, abre margem para o entendimento não só de mutações vivenciadas por ela mesma, mas também por seu entorno.

Entendendo a região da São Bento como centralizadora de atividades, sobretudo comerciais e de serviço, configura-se como um destino na região central da cidade, configurando-se ainda como um lugar permeado por vários outros que o circundam. O entorno da região da São Bento configura-se também como um caminho para se chegar até ela, existindo assim todo um espaço para ser explorado em termos de entendimento da realidade social, processos históricos e conflitos na cidade.

Ao longo da rua São Bento e seu entorno evidenciam-se espaços e edifícios que foram construídos e reconstruídos, alguns destruídos novamente, em virtude de transformações motivadas pelo advento do automóvel, da instalação das linhas de metrô ou por conta de imediatismos. A rua em si é reflexo da própria São Paulo que se reconstruiu duas vezes sobre si mesma no último século (TOLEDO, 1981: 67).

Entre o passado e o presente a rua configura-se também como escrita (ROLNIK, 1988: 5), agrupando tempos e sujeitos e formando edifícios e experiências cotidianas.

De forma geral, como demonstrado, esta dissertação teve por objetivo explorar a região central da cidade, sobretudo o Centro Velho, como uma região de grande importância para a cidade de São Paulo, principalmente de forma a representar uma parte do todo por meio da Rua São Bento, identificando-a como um reflexo da cidade.

Ademais, procurou-se demonstrar e refletir sobre o centro da cidade como um lugar criativo e diverso, que ainda que tenha passado por transformações ao longo de sua história, implicando em processos de depreciação, mantém-se vivo e ativo.

Concluímos com uma experiência pessoal que a presente pesquisa possibilitou reafirmar a Rua São Bento como um “lugar de memória”, um lugar antigo e antropológico (AUGÉ, 2012: 73).

Participei e fui premiada no Concurso Placas da Memória Paulistana no final do ano passado promovido pelo Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) e da Secretaria Municipal de Cultura. O concurso que previa a colocação de placas de memória com verbetes em espaços e edifícios da cidade tinha por objetivo o reconhecimento e a salvaguarda da história e do patrimônio cultural da cidade.

Ao identificar que o que a cidade representa hoje, suas ruas e espaços, muitas vezes difere-se do que representou no passado e além disso, é produto da mesma, decidi inscrever o seguinte verbete premiado a ser instalado em placa no edifício do antigo Cine São Bento, que ocupa os números 241, 243 e 245 da rua: Cine São Bento — Foi inaugurado neste local, em 1927, com uma sessão do clássico do cinema mudo “Tristeza de Satanás”. O espaço, idealizado pela Bunge, funcionou como exibidor oficial da Paramount na cidade até encerrar suas atividades, em 1950.

Reafirmando a Rua São Bento enquanto um “lugar de memória”, reafirma-se a mesma enquanto um lugar na cidade, cidade esta que se configura também como lugar. Rua e cidade são lugares de reprodução da vida social, de encontros e contradições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A GAZETA DA ZONA NORTE, edição de 19 fev. 2002, n.p.

ALMEIDA, Guilherme de. *Cinematographos*: antologia da crítica cinematográfica. São Paulo: UNESP, 2016.

ALMEIDA JÚNIOR, José B. *Guia pitoresco e turístico de São Paulo*. São Paulo: Martins Fontes, 1949.

AMIGOS DO ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO. *Salas de cinema*: 1901–1930. Controle geral, s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/4f6p9uhd>>. Acesso em 23 fev. 2021.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. São Paulo: 270 anos de diocese. In: *Artigos e pronunciamentos* [online], 2 dez. 2015. Disponível em <<https://tinyurl.com/are1ci17>>. Acesso em 23 fev. 2021.

_____. Basílica Nossa Senhora da Assunção - Mosteiro de São Bento. In: *Região episcopal Sé: paróquias* [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/4br67fow>>. Acesso em 23 fev. 2021.

_____. Catedral Metropolitana Nossa Senhora Assunção e São Paulo - Sé. In: *Região episcopal Sé: paróquias* [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/yq682p6f>>. Acesso em 23 fev. 2021.

_____. Da Arquidiocese. In: *História* [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/3wjglegw>>. Acesso em 23 fev. 2021.

_____. Igreja Nossa Senhora do Carmo. In: *Região episcopal Sé: paróquias* [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/4xxwukek>>. Acesso em 22 fev. 2021.

_____. Matriz paroquial São Francisco de Assis. In: *Região episcopal Sé: paróquias* [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/1jwcmund>>. Acesso em 23 fev. 2021.

AUGÉ, Marc. *Não lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade, 9ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

BARBUY, Heloísa. A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860–1914. São Paulo: EdUSP, 2006.

BARNABÉ, Arrigo. *Office-boy*. Letra de canção [online]. Disponível em <<https://tinyurl.com/1saus8ch>>. Acesso em 23 fev. 2021.

BARROS, Ernesto. Guilherme de Almeida, um príncipe da crítica de cinema. In: *Blog Editora UNESP: imprensa* [online], 1º ago. 2016. Disponível em <<https://tinyurl.com/y6h843pk>>. Acesso em 23 fev. 2021.

BASSANEZI, Maria Sílvia Beozzo. *Família e força de trabalho no colonato*: subsídios para compreensão da dinâmica demográfica no período cafeeiro. Campinas: UNICAMP, 1986. Disponível em <<https://tinyurl.com/33ob37nl>>. Acesso em 23 fev. 2021.

_____. Colonos do café. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*: Um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BONDUKI, Nabil. Habitação popular: contribuição para o estudo da evolução urbana de São Paulo. In: VALLADARES, Lícia. *Repensando a habitação no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BONIN, Gabriela. Entrega das obras no vale do Anhangabaú sofre novo atraso. In: *São Paulo Agora* [online], 6 jan. 2021. Disponível em <<https://tinyurl.com/ipplvvsr>>. Acesso em 22 fev. 2021.

BRAGHITTONI, Nelson Leopoldo. *Diálogo rua/cidade*: o caso da rua direita em São Paulo (1765–1977). Tese de doutorado apresentada à FAU-USP, 2015.

BRANDALISE, Victor Hugo. Há 300 anos, a vila de São Paulo virava cidade. In: *O Estado de S. Paulo* [online], 10 jul. 2011. Disponível em <<https://tinyurl.com/2utdgajh>>. Acesso em 23 fev. 2021.

BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. 4 vols. São Paulo: José Olympio, 1954.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Tecido urbano e mercado imobiliário em São Paulo*: metodologia de estudo com base na Décima Urbana de 1809. *Anais do Museu Paulista*, 2005, 13(1), 59–97. Disponível em <<https://tinyurl.com/iofgpd5n>>. Acesso em 9 fev. 2021.

_____. *Aspectos do mercado imobiliário em perspectiva histórica*: São Paulo (1809–1950). São Paulo: EdUSP, 2016.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. *Câmara Municipal de São Paulo*: 450 anos de história, 2ª ed. São Paulo: CMSP, 2012.

_____. Linha do tempo. In: Centro de memória CMSP: uma história em transformação [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/484pf845>>. Acesso em 23 fev. 2021.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica*: Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em <<https://tinyurl.com/1qu5xcej>>. Acesso em 22 fev. 2021.

_____. *A cidade*, 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CERTEAU, Michel de. *Artes de fazer*: A invenção do cotidiano. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO. Relatório: Conhecimento e utilização de lojas e serviços em São Bento. São Paulo, 1977.

_____. Relatório: *A circulação de pedestres na estação São Bento*. São Paulo, 1976. Disponível em <<https://tinyurl.com/10wv4h3s>>. Acesso em 22 fev. 2021.

COMPLEXO TMS. Theatro Municipal de São Paulo inicia vendas de assinaturas para a Temporada 2020. In: *Notícias* [online], 20 jan. 2020. Disponível em <<https://tinyurl.com/16skwe6g>>. Acesso em 23 fev. 2021.

DEÁK, Csaba. Uso do solo: versão preliminar. In: *Verbetes de economia política e urbanismo* [online]. São Paulo: FAU-USP, 2011. Disponível em <<https://tinyurl.com/2qbrwuzg>>. Acesso em 23 fev. 2021.

DIÁRIO POPULAR, edição de 12 dez. 1978, n.p.

DIAS, Guilherme Soares. No centro de São Paulo surge uma pequena África. In: *Carta Capital*, 25 jan. 2019. Disponível em <<https://tinyurl.com/3pxv9ad9>>. Acesso em 22 fev. 2021.

EMPRESA MUNICIPAL DE URBANIZAÇÃO. Ruas de pedestres. In: *Caderno de divulgação da EMURB* São Paulo, 1979.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Semana de Arte Moderna. In: *Artes visuais/literatura* [online], 29 jan. 2021. Disponível em <<https://tinyurl.com/110jq4k8>>. Acesso em 23 fev. 2021.

ESTADO DE SÃO PAULO. Relatório de bens protegidos da Rua São Bento. In: *Inventário do Departamento do Patrimônio Histórico*. São Paulo, 2012.

_____. História de São Paulo. In: *Biblioteca virtual* [online], jan. 2019. Disponível em <<https://tinyurl.com/s8yh2cv4>>. Acesso em 23 fev. 2021.

FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. História. In: *A faculdade* [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/dz5fhr6t>>. Acesso em 23 fev. 2021.

FACULDADE SÃO BENTO. *Biblioteca* [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/143ab99q>>. Acesso em 23 fev. 2021.

_____. Histórico. In: *Institucional: faculdade* [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/4qby98bv>>. Acesso em 23 fev. 2021.

FAUSTO, Boris. *Crime da galeria de cristal e os dois crimes da mala*: São Paulo, 1908–1918. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteiras de tensão*: política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Unesp, 2011.

FERRARESI, Carla Miucci. *Papéis normativos e práticas sociais*: o cinema e a modernidade no processo de elaboração das sociabilidades paulistanas na São Paulo dos anos 1920. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em história social da FFLCH. São Paulo, 2007.

FERRI, Denis. *O terminal de ônibus urbano e a estrutura da cidade*: análise da formação tipológica dos terminais e seu papel na estruturação da cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado apresentada à FAU-USP. São Paulo, 2018. Disponível em <<https://tinyurl.com/6zupuuk3>>. Acesso em 23 fev. 2021.

FOLHA DA MANHÃ, edição de 16 mar. 1958, n.p.

FOLHA DE S. PAULO. Edição de 4 set. 1976, pp. 8–9.

_____. Centro de São Paulo se despede de mais uma sala de cinema. In: *Folha Online*, 28 fev. 1997. Disponível em <<https://tinyurl.com/13awqoe7>>. Acesso em 23 fev. 2021.

_____. Cine Metro vira templo de igreja evangélica em março. In: *Folha Online*, 28 fev. 1997. Disponível em <<https://tinyurl.com/zr5r794v>>. Acesso em 23 fev. 2021.

_____. Ex-prédio do Mappin vai abrigar loja da Casas Bahia. In: *Folha Online*, 24 nov. 2004. Disponível em <<https://tinyurl.com/8js3slhw>>. Acesso em 22 fev. 2021.

FREHSE, Fraya. *Ô da rua! O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2011.

_____. A rua no Brasil em questão (etnográfica). In: KOWARIC, Lúcio; FRÚGOLI JR., Heitor (orgs.). *Pluralidade urbana em São Paulo*: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos. São Paulo: 34, 2016.

FRÚGOLI, Heitor Jr. *Centralidade em São Paulo*. São Paulo: Cortez, EdUSP e FAPESP, 2000.

FUNDAÇÃO ENERGIA E SANEAMENTO. Exposição celebra 120 anos dos bondes elétricos em São Paulo. In: *Notícias*: bondes elétricos [online], 24 abr. 2019. Disponível em <<https://tinyurl.com/1bnp0lz3>>. Acesso em 23 fev. 2021.

GALVÃO, Desirée. As batalhas de rap se multiplicam na grande São Paulo. In: *Revista Arruaça* [online] nº 7, 2018. Disponível em <<https://tinyurl.com/pc43optp>>. Acesso em 23 fev. 2021.

GAVAZZI, Matteo et al. *Prédios de São Paulo*, vol. 1. São Paulo: GAPS, 2015.

GOTTDIENER, M. *A produção social do espaço urbano*, 2ª ed. São Paulo: EdUSP, 2010.

GUIMARÃES, Laís de Barros Monteiro. *Centro velho de São Paulo*: 450 anos de história. São Paulo: Scortecci, 2005.

HISAYASU, Alexandre. Ex-sócio da Botica ao Veado D'Ouro é preso na zona sul de SP. In: *O Estado de S. Paulo* [online], 3 dez. 2015. Disponível em <<https://tinyurl.com/yhnulzh1>>. Acesso em 23 fev. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 1940–2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em <<https://tinyurl.com/q5iaapvk>>. Acesso em 23 fev. 2021.

_____. Gráfico mostra os 20 municípios mais populosos desde o primeiro Censo. In: *Censo 2021* [online], 17 set. 2019. Disponível em <<https://tinyurl.com/2l4wm607>>. Acesso em 23 fev. 2021.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*, 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

KLEIN, Yasmin. *A cidade como espaço dos (des)encontros*: fotografias da vida cotidiana em São Paulo. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de ciências sociais da PUC-SP. São Paulo, 2016.

LE BRETON, David. *Antropologia dos sentidos*, 1ª ed. São Paulo: Vozes, 2016.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço* (trad. da 4ª ed. orig.). Disponível em <<https://tinyurl.com/vtovm6ep>>. Acesso em 22 fev. 2021.

LEFÈVRE, José Eduardo de Assis. *A quem interessa o centro de São Paulo? A Rua São Luiz e sua evolução*. Tese de doutorado apresentada à FAU-USP. São Paulo, 1999.

LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. In: *Revista brasileira de ciências sociais* [online], 2002, vol.17, n.49, pp. 115–134. Disponível em <<https://tinyurl.com/m6c208bl>>. Acesso em 22 fev. 2021.

LOBEL, Fabrício. Há 50 anos, choradeira e valsa marcaram a última viagem de bonde em SP: do Ibirapuera, cortejo de 12 bondes seguiu até o largo 13, em Santo Amaro. In: *Folha de S. Paulo* [online], 27 mar. 2018. Disponível em <<https://tinyurl.com/xlcrh52u>>. Acesso em 23 fev. 2021.

LOPEZ, Telê Âncora, FIGUEIREDO, Tatiana Longo (orgs). Mário de Andrade: *São Paulo! Comoção de minha vida*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

MACHADO, Leandro. Nos anos 70, fechamento de ruas do centro gerou discórdia em São Paulo. In: *Folha de S. Paulo* [online], 30 ago. 2015. Disponível em <<https://tinyurl.com/vsnfuhvk>>. Acesso em 22 fev. 2021.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. In: *Sociedade global*: cultura e religião. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. In: *Sociologia*: revista do Departamento de Sociologia da FLUP, vol. XX, 2010, pp. 13–38.

MAPPIN. Reviva o Mappin: relembre nossa história. In: *Quem somos* [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/hldvrhsf>>. Acesso em 23 fev. 2021.

MARICATO, Ermínia. *Para entender a crise urbana*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MONTEIRO, André. Transporte coletivo de São Paulo já era ‘urgente’ em 1950. In: *Folha de S. Paulo* [online], 25 jan. 2014. Disponível em <<https://tinyurl.com/122fxqh2>>. Acesso em 23 fev. 2021.

MORSE, Richard M. *De comunidade a metrópole*: biografia de São Paulo. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954.

NASCIMENTO, Douglas. Cine São Bento. In: *São Paulo Antiga* [online], 28 out. 2014. Disponível em <<https://tinyurl.com/1md9hsap>>. Acesso em 23 fev. 2021.

O ESTADO DE S. PAULO, edição de 6 jul. 1913, p. 2.

_____, edição de 10 set. 1927, p. 17.

_____, edição de 3 set. 1929, pp. 22–23.

_____, edição de 26 jan. 1954, p. 6.

_____, edição de 15 nov. 1974, n.p.

_____, edição de 13 mar. 1996, n.p.

OLIVEIRA, Abrahão de. Bondes foram o principal meio de transporte público de São Paulo por décadas: descoberta dos trilhos na reforma do Vale do Anhangabaú relembra trajetória de um modal extinto na metrópole; cidade chegou a ter 160 km de trilhos nos anos 30, quase o dobro do que existe de malha metroviária nos dias de hoje. In: *G1* [online], 29 jul. 2019. Disponível em <<https://tinyurl.com/tyvzp6g7>>. Acesso em 23 fev. 2021.

OLIVEIRA, André Azevedo de. Desigualdade, vitalidade e decadência: o que aconteceu com o centro de SP. Urbanistas analisam processo histórico que fez com

que, a partir de 1960, o centro fosse esvaziado. In: *El País Brasil* [online], 12 mai. 2018. Disponível em <<https://tinyurl.com/3p7tk2yg>>. Acesso em 22 fev. 2021.

PAIS, José Machado. Nas rotas do cotidiano. In: *Revista crítica de ciências sociais* nº 37, jun. 1993. Disponível em <<https://tinyurl.com/ic1jba9t>>. Acesso em 22 fev. 2021.

PÁTIO METRÔ SÃO BENTO. Largo São Bento, o berço do hip-hop brasileiro. In: *Blog Pátio Metrô São Bento* [online], 14 mar. 2018. Disponível em <<https://tinyurl.com/3kbzsvpw>>. Acesso em 23 fev. 2021.

PERSON, Luís Sérgio. *São Paulo Sociedade Anônima*. Longa-metragem [107 min.]. 1965.

RIBEIRO, Amanda Brandão. Resenha sobre MARQUETTI, Fernanda Cristina. O suicídio como espetáculo na metrópole: cenas, cenários e espectadores. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2011. In: *Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, out. 2012.

RIBEIRO, Antônio Sérgio. São Paulo - 460 anos - Parte 1. In: *Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo* [online], 20 jan. 2014. Disponível em <<https://tinyurl.com/ypfunm4d>>. Acesso em 23 fev. 2021.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____ A cidade e a lei. São Paulo, Nobel, 2000.

SACONI, Rose. Como era São Paulo sem a Catedral da Sé. In: *O Estado de S. Paulo* [online], 21 dez. 2012. Disponível em <<https://tinyurl.com/2fe4jctb>>. Acesso em 23 fev. 2021.

SANTOS, Regina Helena Vieira. *Rua São Bento*: um fragmento da cidade de São Paulo que registra as transformações e persistências na paisagem urbana. Dissertação de mestrado apresentada à FAU-USP. São Paulo, 2008.

SÃO PAULO. Largo São Bento. In: *Relatório Centro Aberto*, 2017. Disponível em <<https://tinyurl.com/ur3hsa8g>>. Acesso em 22 fev. 2021.

_____. *Prefeitura de São Paulo divulga censo da população em situação de rua 2019*. Levantamento permite articulação de novas políticas públicas para o setor de assistência e desenvolvimento social. Secretaria Especial de Comunicação [online], 31 jan. 2020. Disponível em <<https://tinyurl.com/3jcxwog2>>. Acesso em 22 fev. 2021.

_____. Histórico demográfico de São Paulo, 1872. In: *Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento* [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/ko3oe6d2>>. Acesso em 23 fev. 2021.

_____. Histórico demográfico de São Paulo, 1900. In: *Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento* [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/12la9npz>>. Acesso em 23 fev. 2021.

_____. Igreja da Ordem Terceira do Carmo. In: *São Paulo: monumentos e arquitetura religiosa* [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/y9bmvv5c>>. Acesso em 23 fev. 2021.

_____. Por que São Paulo? Dados e fatos. In: *São Paulo: viva tudo isso* [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/1jvzplxl>>. Acesso em 23 fev. 2021.

_____. Rua São Bento e Largo São Bento. In: *Dicionário de ruas* [online], s.d. Disponível em <<https://tinyurl.com/5b9utwtj>>. Acesso em 23 fev. 2021.

_____. Gestão urbana. Requalificação dos calçadões. Disponível em: <<https://tinyurl.com/49xdznpk>>.

SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Nobel, 2000.

SAWAIA, Bader B. *O calor do lugar: segregação urbana e identidade—São Paulo em perspectiva*. São Paulo: Fundação SEADE, v. 9, nº 2, pp. 20–24, 1995.

SCHAFER, Murray. *A afinação do mundo*. São Paulo: Unesp, 1977.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *Construir e habitar: ética para uma cidade aberta*, 1ª ed. São Paulo: Record, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. São Paulo: não temos a menor ideia. A tragédia da metrópole que prometia ser modelo de civilização cosmopolita e hoje vive aturdida, sem saber como sair do caos. In: *Carta Capital*, 29 set. 1999.

SILVA, Hugo Louro e et al. Guia arquitetônico de São Paulo. Primeiro percurso: centro histórico. In: *Minha cidade*, ano 17, ago. 2016. Disponível em <<https://tinyurl.com/1qpls52l>>. Acesso em 22 fev. 2021.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Feito Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.,

SIMÕES, Inimá. *Salas de cinema em São Paulo*. São Paulo: PW, 1990.

TELLES, Vera da Silva e CABANES, Robert (orgs). *Nas tramas da cidade*: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Humanitas, 2006.

TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo*: três cidades em um século. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

TOLEDO, Roberto Pompeu. *A capital da vertigem*: uma história de São Paulo de 1900 a 1954. São Paulo: Objetiva, 2015.

VEJA SP. *Café Girondino*. In: *Comer e beber* [online], set./out. 2014. Disponível em <<https://tinyurl.com/5ncc06r3>>. Acesso em 23 fev. 2021.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. *Trocando olhares*: uma introdução à construção sociológica da cidade. São Paulo: EdUC e Nobel, 2000.

_____. *Diversidade*: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo. São Paulo: EdUC, 2003.

VILLAÇA, Flávio José Magalhães. *A produção e o uso da imagem do centro da cidade*: o caso de São Paulo. São Paulo: FAU-USP, 2007.

_____. *São Paulo*: segregação urbana e desigualdade. São Paulo: Estudos avançados 25 (71), 2011

WALKER, José Roberto. O primeiro congestionamento: doze de setembro de 1911, dia da inauguração do Theatro Municipal, o paulistano conheceu o famigerado trânsito. In: Rádio Cultura FM 103,3 [online], 19 out. 2017. Disponível em <<https://tinyurl.com/6mltx2bg>>. Acesso em 23 fev. 2021.

ACERVOS CONSULTADOS

Acervo da Biblioteca Nacional

Acervo da Fundação Bunge

Acervo da Fundação Energia e Saneamento

Biblioteca do Metrô de São Paulo (Biblioteca Neli Siqueira) e Acervo Metrô de São Paulo

Biblioteca de fotografia e acervo de imagens digitais do Instituto Moreira Salles (IMS)

Biblioteca e Acervo documental e Acervo de logradouros do AHM-Arquivo Histórico Municipal - SMC/PMSP